UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

A “TERRA DA MÚSICA”: O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO DISCURSO DE MEMÓRIA DO MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SUL/SC

THE “LAND OF MUSIC”: THE ROLE OF EDUCATION IN THE MEMORIAL DISCOURSE OF THE MUNICIPALITY OF SÃO BENTO DO SUL/SC

LA “TIERRA DE LA MÚSICA”: EL PAPEL DE LA EDUCACIÓN EN EL DISCURSO MEMORIAL DEL MUNICIPIO DE SÃO BENTO DO SUL/SC

JONATAN GOMES DOS SANTOS
ORIENTADORA: PROF. DRA. RAQUEL ALVARENGA SENA VENERA

JOINVILLE
2024

JONATAN GOMES DOS SANTOS

A “TERRA DA MÚSICA”: O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO DISCURSO DE MEMÓRIA DO MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SUL/SC

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, sob orientação da Profª Draª Raquel Alvarenga Sena Venera.

JOINVILLE

2024

Catalogação na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

Santos, Jonatan Gomes dos
S237t A “Terra da música”: o papel da educação no discurso de memória do município de São Bento do Sul/SC / Jonatan Gomes dos Santos; orientação Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera. – Joinville: UNIVILLE, 2024.

119 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural – Universidade da Região de Joinville)

1. Música – Instrução e estudo. 2. Música na educação. 3. História oral. 4. Patrimônio cultural. I. Venera, Raquel Alvarenga Sena (orient.). II. Título.

CDD 372.87

Elaborada por Ana Paula Blaskovski Kuchnir – CRB-14/1401

Termo de Aprovação

"'A Terra da Música': o papel da educação no discurso de memória do município de São Bento do Sul/SC"

por

Jonatan Gomes dos Santos

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera
Orientadora (UNIVILLE)

Profa. Dra. Yomara Feitosa Caetano de Oliveira Fagionato
Membro externo (UEPI)

Profa. Dra. Daniela Pistorello
(UNIVILLE)

Profa. Dra. Juliana Miranda
(UNIVILLE)

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovado em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade.

Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera
Orientadora (UNIVILLE)

Profa. Dra. Patrícia de Oliveira Areas
Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade

Joinville, 26 de agosto de 2024.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa Alana, pelo tempo que, ao dedicar-me a esse trabalho, deixei de dedicar a ela. Obrigado por acreditar em mim, quando muitas vezes eu mesmo deixei de acreditar.

Aos meus pais, Marli e Moacir, tia Iraci e minha querida vovó Adelina, pela compreensão e apoio. Vocês foram, são e sempre serão o meu motivo de seguir em frente.

À minha orientadora, professora Raquel Alvarenga Sena Venera, por todo o direcionamento da pesquisa, pelo carinho e pela imensa paciência com um orientando extremamente ansioso e preocupado. O café em São Bento ainda está pendente (espero que dessa vez não chova!).

Aos colegas da turma XV do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, pela oportunidade de conviver com pessoas de caráter ímpar, de grande conhecimento em suas áreas de atuação profissional e acadêmica, com imensa generosidade. Gratidão por sempre estarem dispostos a me acolher com uma palavra amiga nas horas de dificuldade. Agradeço em especial à minha amiga e colega Daniani Schons, pela parceria, amizade e troca de ideias.

Aos entrevistados Antonio Dias Mafra, Antonio Fagundes, Josias Terres e Liane Malewschik Mafra que gentilmente participaram deste trabalho, fornecendo informações valiosas e conversas enriquecedoras.

À equipe da Secretaria Municipal de Educação de São Bento do Sul, pelo encorajamento e apoio para que eu pudesse frequentar as aulas do mestrado.

À toda a equipe da EBM Emílio Engel, minha escola do coração, pela compreensão, auxílio e paciência. Sem a parceria de vocês, seria muito mais difícil concretizar esse trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, participaram do processo de pesquisa, com uma palavra amiga, com perguntas, com respostas, com opiniões e com palavras de incentivo.

Gratidão!

“A música é expressão daquilo que o ser humano tem em si de mais profundo”.

Edgar Willems

RESUMO

Essa dissertação tem como principal objetivo problematizar a forma pela qual a memória coletiva forjada para o município de São Bento do Sul - SC, relacionada à música, impacta na proposta educativa de memória na cidade e na vida cotidiana dos músicos. A pesquisa está vinculada aos estudos de memória, identidade e pesquisa (auto) biográfica do Grupo de Pesquisa Subjetividades e (auto) Biografias e conta com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc). Inicialmente coloca-se em pauta a frase no Terminal Rodoviário Municipal, onde se lê: “Bem-vindo à São Bento do Sul: A terra dos móveis, da música e do folclore”. Tendo por base o recorte sobre a música, ao longo do texto, busca-se responder: Por que a cidade se intitula “Cidade-Música”? Como o discurso, que sustenta o epíteto, é formado e subsidiado? De que forma a musicalidade de São Bento do Sul é expressa em seu patrimônio cultural? E ainda: Qual o papel da educação na manutenção e perpetuação da alcunha da cidade? As metodologias utilizadas são a bibliográfica, documental e história oral. Primeiramente, problematiza-se a emergência e a perenização desse epíteto com base em autores como Faé (2004), que discute o tema sob a ótica de Michel Foucault. Em seguida, procura-se compreender as teorias sobre memória e identidade, (Candau, 2011), e memória coletiva, (Halbwachs, 1990). Evidencia-se então as manifestações sobre a música na cidade por meio de um “passeio”, observando o que remete ao epíteto no cotidiano urbano, ou seja, narrativas silenciosas e os signos da cidade (Jeudy, 2005). Inicialmente feito despretensiosamente, tal qual Benjamin (1994) descreve o *flâneur,* o passeio resulta em um roteiro, do qual são discutidos cada um dos pontos de parada. Por conseguinte, trabalha-se a manifestação do epíteto na cidade por meio da pesquisa documental em jornais e com as interpretações de narrativas orais. As narrativas orais subsidiam a compreensão dos interstícios da história oficial, para compreender de como a cidade se representa por meio da música. Por fim, sugere-se a educação como fomentadora e fomentada pelo epíteto da “Cidade-Música” com a discussão das teorias do currículo (Silva, 1999) e ainda, supõe-se com o estudo da música na educação básica, o despertar de subjetividades que, de acordo com Corazza (2010) não sejam somente aquelas “fixas e universais”, mas que possam “fornecer outros pensamentos, sonhos, emoções, humanidades diferentes” por meio do que a autora descreve como um “currículo da diferença”, isto é, aquele que também manifesta-se em lugares onde o ser humano possa ser subjetivado, como praças, parques, ruas, escolas, utilizando “todos os saberes necessários para estudar as diversas existências locais, regionais, nacionais, transnacionais, intercontinentais” (Corazza, 2010 p. 109). Apoiados nessa premissa, também apostamos aqui na hipótese da prática desse currículo, por meio do estudo da música nas escolas, alicerçado no papel exercido pelas Bandas Marciais das escolas públicas municipais como potentes representantes da manifestação identitária são-bentense sobre a música e, por sua vez, como resultantes de um epíteto que evoca a música como diferencial local e ainda, com base nas narrativas orais, podem ser elemento chave para que os estudantes, com sua participação na banda, tenham contato com os benefícios oriundos do estudo e da prática musical, tanto em caráter acadêmico como social.

Palavras-chave: Patrimônio, memória, identidade, música, educação.

ABSTRACT

This dissertation's main objective is to problematize the way in which the collective memory forged for the municipality of São Bento do Sul - SC, related to music, impacts on the educational proposal for memory in the city and in the daily lives of musicians. The research is linked to studies of memory, identity and (auto) biographical research by the Subjectivities and (auto) Biographies Research Group and has financial support from the Santa Catarina State Research and Innovation Support Foundation (Fapesc). Initially, the phrase is put on the agenda at the Municipal Bus Terminal, which reads: “Welcome to São Bento do Sul: The land of furniture, music and folklore”. Based on the focus on music, throughout the text, we seek to answer: Why is the city called “Music City”? How is the discourse, which supports the epithet, formed and subsidized? How is the musicality of São Bento do Sul expressed in its cultural heritage? And also: What is the role of education in maintaining and perpetuating the city’s nickname? The methodologies used are bibliographic, documentary and oral history. Firstly, the emergence and perennialization of this epithet is problematized based on authors such as Faé (2004), who discusses the topic from the perspective of Michel Foucault. Next, we seek to understand theories about memory and identity, (Candau, 2011), and collective memory, (Halbwachs, 1990). The manifestations about music in the city are then highlighted through a “walk”, observing what refers to the epithet in everyday urban life, that is, silent narratives and the signs of the city (Jeudy, 2005). Initially done unpretentiously, just as Benjamin (1994) describes the *flâneur*, the tour results in an itinerary, in which each of the stopping points are discussed. Therefore, we work on the manifestation of the epithet in the city through documentary research in newspapers and the interpretations of oral narratives. Oral narratives support the understanding of the interstices of official history, to understand how the city represents itself through music. Finally, education is suggested as a promoter and fostered by the epithet of “Music-City” with the discussion of curriculum theories (Silva, 1999) and also, it is assumed with the study of music in basic education, the awakening of subjectivities that, according to Corazza (2010) are not only those that are “fixed and universal”, but that can “provide other thoughts, dreams, emotions, different humanities” through what the author describes as a “curriculum of difference”, that is, one that also manifests itself in places where human beings can be subjectivized, such as squares, parks, streets, schools, using “all the knowledge necessary to study the diverse local, regional, national, transnational, intercontinental existences” (Corazza, 2010 p. 109). Supported by this premise, we also bet here on the hypothesis of the practice of this curriculum, through the study of music in schools, based on the role played by the Marching Bands of municipal public schools as powerful representatives of the São Bento identity manifestation on music and, in turn, time, as resulting from an epithet that evokes music as a local differential and also, based on oral narratives, can be a key element so that students, through their participation in the band, have contact with the benefits arising from studying and practicing music , both academically and socially.

Keywords: Heritage, memory, identity, music, education.

RESUMEN

El objetivo principal de esta tesis es problematizar la forma en que La memoria colectiva forjada para el municipio de São Bento do Sul - SC, relacionada con la música, impacta la propuesta educativa para la memoria en la ciudad y en el cotidiano de los músicos. La investigación está vinculada a estudios de memoria, identidad e investigaciones (auto)biográficas del Grupo de Investigación Subjetividades y (auto)Biografías y cuenta con apoyo financiero de la Fundación de Apoyo a la Investigación y la Innovación del Estado de Santa Catarina (Fapesc). Inicialmente, en la agenda de la Terminal Municipal de Ómnibus está puesta la frase: “Bienvenidos a São Bento do Sul: La tierra del mueble, la música y el folclore”. Partiendo del enfoque en la música, a lo largo del texto buscamos responder: ¿Por qué la ciudad se llama “Ciudad de la Música”? ¿Cómo se forma y subsidia el discurso que sustenta el epíteto? ¿Cómo se expresa la musicalidad de São Bento do Sul en su patrimonio cultural? Y también: ¿Cuál es el papel de la educación en el mantenimiento y perpetuación del apodo de la ciudad? Las metodologías utilizadas son bibliográfica, documental y de historia oral. En primer lugar, se problematiza el surgimiento y perennización de este epíteto a partir de autores como Faé (2004), quien analiza el tema desde la perspectiva de Michel Foucault. A continuación, buscamos comprender las teorías sobre memoria e identidad, (Candau, 2011), y memoria colectiva, (Halbwachs, 1990). Las manifestaciones sobre la música en la ciudad se realzan con un “paseo”, observando lo que se refiere al epíteto en la vida urbana cotidiana, es decir, las narrativas silenciosas y los signos de la ciudad (Jeudy, 2005). Inicialmente hecho sin pretensiones, al igual que Benjamín (1994) describe el *paseante,* El recorrido da como resultado un itinerario que analiza cada uno de los puntos de parada. Luego trabajamos sobre la manifestación del epíteto en la ciudad a través de la investigación documental en periódicos y con las interpretaciones de narrativas orales. Las narrativas orales apoyan la comprensión de los intersticios de la historia oficial, para comprender cómo la ciudad se representa a sí misma a través de la música. Finalmente, se sugiere a la educación como promotora y fomentada por el epíteto de “Música-Ciudad” con la discusión de las teorías curriculares (Silva, 1999) y se asume que con el estudio de la música en la educación básica se logra el despertar de subjetividades que, Según Corazza (2010) no son sólo aquellos que son “fijos y universales”, sino que pueden “proporcionar otros pensamientos, sueños, emociones, humanidades diferentes” a través de lo que el autor describe como un “curriculum de la diferencia”, es decir, uno que también se manifiesta en lugares donde los seres humanos pueden ser subjetivados, como plazas, parques, calles, escuelas, utilizando “todos los conocimientos necesarios para estudiar las diversas existencias locales, regionales, nacionales, transnacionales, intercontinentales” (Corazza, 2010 p. 109). Apoyados en esta premisa, apostamos por la hipótesis de la práctica de este currículo, a través del estudio de la música en las escuelas, a partir del papel desempeñado por las Bandas de Música de las escuelas públicas municipales como poderosas representantes de la manifestación identitaria de São Bento en la música y como resultado de un epíteto que evoca la música como diferencial local y además, a partir de narrativas orales, puede ser un elemento clave para que los estudiantes, a través de su participación en la banda, tengan contacto con los beneficios que se derivan del estudio y práctica de la música. tanto en lo académico como en lo social.

Palabras clave: Patrimonio, memoria, identidad, música, educación.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Roteiro de pontos de referência musical em São Bento do Sul..... 37
Figura 2 - Fachada da Rodoviária de São Bento do Sul..... 38
Figura 3 - Monumento a João Treml. Praça João Treml..... 39
Figura 4 - Coreto da Praça Jardim dos Imigrantes.....43
Figura 5 - Painel “A Música da História”.....45
Figura 6 - Escola de Música Donaldo Ritzmann..... 46
Figura 7 - Detalhe da lápide do maestro João Treml..... 47
Figura 8 - Detalhe do túmulo do maestro Affonso Treml.....47
Figura 9 - Sociedade de Cantores 25 de Julho (Sängerhalle)..... 49
Figura 10 - Salão Pauli..... 49
Figura 11 - Entrada do Museu da Música.....50
Figura 12 - Parte do acervo do Museu da Música.....50
Figura 13 - Parte do acervo do Museu da Música.....51
Figura 14 - Vista da fachada da nova rodoviária em 1985.....57
Figura 15 - Vista do pátio de manobras da nova rodoviária em 1985.....58
Figura 16 - Vista de apresentação musical no pátio de manobras..... 60
Figura 17 - Vista da sacada do prédio da nova rodoviária: apresentação musical no pátio de manobras.....61
Figura 18 - Matéria sobre o lançamento do projeto “Noites de São Bento”..... 65
Figura 19 - Processo de revitalização do Terminal Rodoviário de São Bento do Sul 69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 11

2. CIDADE E MEMÓRIA: A HISTÓRIA DE SÃO BENTO DO SUL E SUA RELAÇÃO COM A REIVINDICAÇÃO IDENTITÁRIA SOBRE A MÚSICA.....29

3 CIDADE E IDENTIDADE: A BUSCA PELA SUSTENTAÇÃO E REAFIRMAÇÃO DO EPÍTETO DE SÃO BENTO DO SUL..... 55

4 CIDADE E MÚSICA: O EPÍTETO E SUA PERENIZAÇÃO, MOTIVADORA E MOTIVADA PELA EDUCAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL..... 73

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 98

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 103

APÊNDICE A – Roteiro Semiestruturado..... 110

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....112

APÊNDICE C – Autorização para Uso de Imagem..... 113

APÊNDICE D – Ficha Cadastral do/a entrevistado/a..... 114

APÊNDICE E – Registro de Fotografias..... 115

ANEXO A - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa..... 116

ANEXO B - Lista de escolas da Rede Municipal que possuem banda..... 119

1 INTRODUÇÃO

O ano era 1955. A dupla de irmãos Honeyde e Adelar Bertussi lançava seu primeiro *LP* com o característico dueto de acordeon e voz. No álbum “Coração Gaúcho”, Honeyde canta versos sobre sua terra natal, São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul: “São Francisco é terra boa, gente forte e hospitaleira. Todo serrano é pachola, e a serrana é faceira. Muito gado na coxilha, no bolso muito dinheiro. Prá cantar de improviso, serrano não tem, parceiro” (Irmãos Bertussi, 1955).

Na atualidade, por sua vez, Daniela Mercury embala o carnaval da Bahia cantando “Cidade da Música”: “Cidade, cidade, cidade. Cidade da música, da música. Cidade, cidade, cidade. De São Salvador, de São Salvador” (Daniela Mercury, 2020). Como em outros casos, os excertos das músicas citadas anteriormente tratam de maneiras de narrar a cidade. Os Irmãos Bertussi (1955) evocam a memória do lugar onde nasceram, com versos sobre a forte presença da criação de gado na região, dando detalhes, em seguida, sobre como essa atividade é desempenhada em “canhadas de campo aberto, coxilhas a campo fora, onde canta o quero-quero e onde o minuano chora”, e ainda evocando uma musicalidade que seria “marca do gaúcho serrano”, quando canta “de improviso”.

Por seu turno, Daniela Mercury, narra a cidade de Salvador, na Bahia, e demarca algumas memórias originárias que a fazem ser o que é atualmente. Ao iniciar a canção, ela pergunta: “Que nação é essa que se manifesta na voz do candô? Que nação é essa do samba primeira capital brasileira? Que o axé consagrou”.

O grande universo de possibilidades de abordagem temática por meio da música sem dúvida também engloba as narrativas sobre localidades, pelos mais diferentes motivos e sentimentos, quais sejam, por exemplo: caracterização, exaltação, saudades…

Há pessoas que elegem algumas dessas narrativas como inscrições de suas identidades: a maneira como aquele determinado local impacta em suas percepções pessoais, nos sentimentos, no seu próprio ser. Desse modo, ao realizar essa pesquisa, também se verificou que a cidade de São Bento do Sul, no norte de Santa Catarina tem algo em comum com os exemplos citados. Também ela foi narrada em música… e por meio da música.

Nada mais pertinente nesse momento, do que buscar responder ao provável questionamento do leitor sobre o motivo da escolha de São Bento do Sul como delimitação para essa pesquisa. Além de ser minha cidade natal, São Bento do Sul é tema de alguns de meus questionamentos desde quando era criança. Naquela época, como é possível supor, eu não imaginava se o que eu me perguntava um dia poderia ser uma dúvida acadêmica. O que me interessava era somente sanar a sede de respostas que uma criança possui.

Algo muito vivo em minha memória são duas paixões dos “tempos de guri”, quero dizer, na primeira década dos anos 2000: os ônibus e a música. A primeira delas se oriunda, penso eu, das constantes idas e voltas de ônibus, em sua grande maioria tendo como destino e partindo de Itaiópolis/SC, para visitar minha avó. Ainda lembro de como era maravilhoso quando conseguia me sentar nas poltronas bem na frente para contemplar a mesma visão do motorista.

A segunda é a música. Meu pai e seu violão, os toca-fitas, os rádios elétricos e à pilha, CD’s e mais tarde o computador e o celular eram as principais fontes de conteúdo musical. Quando criança, meu pai fazia muito gosto que, assim como ele, aprendesse o violão. Na verdade, nunca levei muito jeito e, apenas anos depois, com uns 16 ou 17 anos, consegui “arranhar” alguns acordes.

Mas na música havia algo que me chamava mais a atenção do que o normal. Um som forte, característico, de um instrumento que quando tinha lá os meus 7 ou 8 anos de idade, poderia facilmente (e literalmente) me esconder atrás dele, mas pensava eu que dificilmente conseguiria um dia tocá-lo: o acordeon, ou como também chamamos, “a gaita”, “a sanfona”, “a cordeona”.

Mais tarde, também já com uns 16 anos, fiz minhas primeiras aulas de acordeon e, de um barulho inicialmente ensurdecedor e passível de vários possíveis lamentos e reclamações dos vizinhos próximos, consegui minhas primeiras músicas, que foram ficando mais complexas e, de certa forma, acabei conseguindo algum sucesso em tocar o instrumento.

O que essas duas paixões de criança, de adolescente e depois, de adulto tem a ver com esse trabalho? Certamente ambos os aspectos são relevantes e, primeiramente, cito as viagens de ônibus. Sempre quando se chega à São Bento do Sul, no terminal rodoviário da cidade, lê-se a frase: “Bem-vindo à São Bento do Sul. A terra dos móveis, da música e do folclore”. Lembro-me quando criança, por vezes ter me perguntado o motivo da frase aparecer ali. Todavia, naquele tempo, era mais

difícil para mim saber que isso se relacionava com um tema de pesquisa, que envolvia, dentre outras áreas, a história, o patrimônio, a memória e a identidade.

Em segundo lugar, a paixão pela música talvez tenha sido o maior vetor para que o rumo dessa pesquisa enveredasse para os caminhos que tomou. Ainda me lembro do dia em que, no intervalo das aulas do mestrado, ao me encontrar com a professora Raquel nas escadarias da Univille, expus com empolgação a ideia… naquele momento ainda não sabia bem o que seria pesquisado, mas sabia que seria sobre música. Os objetivos a serem alcançados foram ficando mais claros quando um dia, comentei com a professora Raquel sobre a tal frase na rodoviária.

Já tínhamos mais pontos alinhados a partir de então, mas faltava alguma coisa. Algo que pudesse determinar um ponto de vista, que motivasse uma discussão, que pudesse, além de problematizar o “epíteto” da cidade, resultar numa hipótese de como essa sustentação do título pode refletir em algo diferente, alguma coisa que não estivesse diretamente inclusa na frase, mas que intrinsecamente, pudesse ser trabalhada com ela e, com isso, verificamos que o que faltava para o tema de pesquisa era incluir a educação, e foi o que fizemos.

Para a compreensão do leitor sobre esses aspectos específicos que foram utilizados como recorte na pesquisa, é necessário, inicialmente, situar algumas informações pertinentes sobre as características da cidade que é tema deste trabalho.

São Bento do Sul é um município com cerca de 84.507 habitantes, que possui um destaque econômico no setor moveleiro, além de outras áreas como higiene e limpeza, metalúrgica, fiação e tecelagem, cerâmica, plástico e comércio (Prefeitura de São Bento do Sul, 2022). Fundada em 1873, tem como característica o passado relacionado com a colonização europeia, em especial de origem germânica, da qual ainda hoje há evidências na cidade.

A influência deste passado no cotidiano do presente da cidade pode ser percebida, conforme já mencionado, com o exemplo do setor moveleiro, que desde o início da colonização da atual cidade, era atividade presente, desde a confecção de artefatos de madeira para o próprio uso e consumo do colono, até o surgimento das marcenarias como atividade substitutiva, ou seja, de importância econômica mais elevada, à atividade agrícola, a partir do ano de 1888 (Mafra, 1993).

Certamente, junto com a chegada dos europeus até o planalto norte catarinense, houve a vinda de bagagens culturais, com bases na vivência do

cotidiano de suas terras natais e que, com o passar do tempo, se molda e se mescla de acordo com as realidades encontradas na nova região que passaram, então, a habitar: clima, fauna, flora, idioma, são alguns exemplos de fatores que determinam tanto uma tentativa de perpetuação de uma cultura que já era realidade para os indivíduos que chegavam, como uma adaptação desses costumes às realidades distintas encontradas no novo local que passaram a viver.

Na bagagem do imigrante vieram também as suas formas de passar o tempo, o lazer para os momentos em que precisava de um descanso. Eram aquelas músicas que os faziam lembrar da sua terra, e também aquelas que o encorajaram a emigrar, com poesias sobre terras distantes na América e que já eram entoadas muitos séculos antes das ondas migratórias do século XIX da Europa para o Brasil (Ewald, 2007). A música, além de embalar momentos de alegria e confortar nas horas de sofrimento dos que vieram habitar a região do planalto, é uma afirmação de identidade, de expressar de alguma forma os sentimentos e o cotidiano dos sujeitos.

A música em São Bento do Sul instiga questões sobre a emergência de um discurso justamente sobre um potencial que seria mote para diferenciá-la de outras cidades, sendo que esses questionamentos se concentram na compreensão do surgimento, fomento e tentativas de perpetuação do epíteto são-bentense de “Terra da Música"; “Cidade da Música”; “Cidade-Música”, dentre outras variantes da alcunha.

A cidade mostra-se através deste “*slogan”* de forma clara ao ler-se na fachada do terminal rodoviário municipal, conforme já mencionado, a frase "Bem-vindo à São Bento do Sul. A terra dos móveis, **da música** e do folclore” (grifo nosso), além da presença deste “título” em documentos oficiais e fontes bibliográficas.

A presença de tal frase na fachada do local aonde chegam os viajantes à cidade é algo que merece destaque, uma vez que faz a “apresentação” da cidade para o estrangeiro, sendo que, no presente trabalho, buscou-se o estudo especificamente da música.

Sugestiona-se que, uma alcunha por si só não surge a esmo, nem é perpetuada sem ter um motivo para isso. Tendo em vista justamente essas particularidades a respeito deste “título”, questiona-se alguns pontos em específico no que tange: a relação entre e o epíteto e a educação; o impacto destas particularidades musicais nos munícipes, nos músicos e professores de música da

cidade e, de que forma essa suposta memória coletiva foi (ou é) aceita e sequenciada pelos habitantes.

Sendo assim, faz-se necessária uma investigação a respeito das questões musicais em São Bento do Sul, de forma a sanar alguns questionamentos como: Por que a cidade se intitula “Terra da Música”? Como o discurso, que sustenta o epíteto, é formado e subsidiado? De que forma a musicalidade de São Bento do Sul é expressa em seu patrimônio cultural? Quais estilos musicais impactam e são impactados pelo discurso da musicalidade são-bentense? Qual o papel da educação na manutenção e perpetuação da alcunha da cidade?

Esses questionamentos mencionados anteriormente possuem, não por acaso, enfoque no patrimônio e nas narrativas e foram instigados à problematização tanto nos estudos bibliográficos e documentais da pesquisa, como também nas participações no Grupo de Pesquisa Subjetividades e (auto) Biografias, sob a mediação e orientação da Profª Raquel Alvarenga Sena Venera.

Esta pesquisa vincula-se ao PCBIOGRAF 2 - Narrativas e Patrimônio (em) Comum da Humanidade, sendo que o presente trabalho também é resultado de recursos oriundos da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina - FAPESC.

O estreitamento da pesquisa, tanto com as atividades do Grupo de Pesquisa como através do enfoque no PCBIOGRAF 2, foram extremamente relevantes no sentido de nortear as problematizações do trabalho: pesquisar sobre discursos de memória coletiva tem direcionamento para além de estudos históricos e documentais e, logicamente, não retira destas outras áreas a sua importância, porém destaca o papel do ser humano na sua construção subjetiva e em sua função desempenhada nas relações de poder, que são evidenciadas pelos discursos.

Para a percepção dos sentidos dos discursos como um fenômeno de emergência, fomos inspirados em Michel Foucault. Ao reunir a arqueologia e a genealogia, o autor sugere a possibilidade metodológica de fazer ver as emergências discursivas em um tempo e contexto específico. Faé (2004) faz menção às ideias Foucault sobre a emergência de discursos, por meio da arqueologia e da genealogia (sob a ótica de Foucault). De acordo com Faé (2004):

> A arqueologia tem por propósito descrever a constituição do campo, entendendo-o como uma rede, formada na inter-relação dos diversos saberes ali presentes. E é exatamente nesta rede, pelas características que

> lhe são próprias, que se abre o espaço de possibilidade para a emergência do discurso. Já a genealogia busca a origem dos saberes, ou seja, da configuração de suas positividades, a partir das condições de possibilidades externas aos próprios saberes; ou melhor, considera-os como elementos de um dispositivo de natureza essencialmente estratégica. Procura-se a explicação dos fatores que interferem na sua emergência, permanência e adequação ao campo discursivo, defendendo sua existência como elementos incluídos em um dispositivo político.
> (...) Neste ponto, Foucault entende a genealogia como uma atividade de investigação trabalhosa, que procura os indícios nos fatos desconsiderados, desvalorizados e mesmo apagados pelos procedimentos da história tradicional, na busca da confirmação de suas hipóteses. (FAÉ, 2004, p. 412, 413):

No caso específico de São Bento do Sul, a emergência do epíteto é investigada não como uma origem da “Cidade-Música”, mas como uma emergência que, em dada contingência, funciona como dispositivo identitário da cidade. Percebe-se assim que, sob a ótica de Foucault, o estudo da emergência do discurso no caso de São Bento do Sul, demanda buscar relacionar saberes, que neste caso, podem estar interligados com as questões da colonização do município, com uma possível contribuição para o gosto e apelo para a tradição musical na cidade, bem como de fatores que motivaram uma identidade que acionou a memória musical local.

A ferramenta de estudo por meio da genealogia em Foucault abre a possibilidade de analisar os interstícios das verdades geradas a partir de discursos de poder e, nesse caso, pelos discursos patrimoniais. Sendo assim, o estudo torna-se relevante ao buscar estabelecer uma relação com a alcunha de “Cidade-Música”, relacionada a São Bento do Sul, com os interstícios do seu significado para a educação no município, bem como para o sentimento com relação a esse discurso patrimonial para os cidadãos, tanto para aqueles que vivem e trabalham engajados na educação e na área musical, como para os munícipes “comuns”.

O problema de pesquisa deste trabalho, portanto, está relacionado com a pergunta: "De que forma se construiu em São Bento do Sul uma narrativa que a apresenta como Cidade-Música?” Sendo que a escolha para tal pergunta norteadora é justificada pela possibilidade de serem apontados aspectos importantes à problematização da memória coletiva do município de São Bento do Sul, e ainda buscar estabelecer ligações dessa construção narrativa com a educação.

Verifica-se isso através da busca de uma interpretação não apenas do patrimônio cultural musical da cidade, explícito em eventos musicais, monumentos,

museus, grupos musicais e locais destinados à música, mas no reflexo desse patrimônio para a ativação de uma memória, objetivada pela necessidade de formação de uma identidade relacionada à música. Com isso, é possível discutir a hipótese de que a memória coletiva forjada[1] para São Bento do Sul relacionada à música impacta na proposta educativa de memória do município e na vida cotidiana dos músicos da cidade.

Adentrar ao campo da memória e da identidade demanda um aprofundamento desta temática e ainda, de estabelecer um elo que possa uní-la com as teorias do patrimônio cultural. Para tal, as concepções de Candau (2011) exibem pertinência, quando o autor ressalta que ao mesmo tempo que a identidade se modela à memória, também se é por ela modelada e, nessa conjuntura, as demandas identitárias podem vir a ativar determinadas memórias.

Cabe salientar ainda que, de acordo com o autor, não se pode falar de memória sem falar de esquecimento, uma vez que, ao estabelecer-se conexões entre identidade e uma “ativação da memória”, acaba-se inevitavelmente colocando alguma memória em detrimento de outra.

O conceito de identidade de acordo com Candau (2011), quando se refere a um grupo, emana uma problematização, pois nesse caso, há representações que fazem com que os indivíduos se imaginem como parte de determinado grupo, ou ainda um discurso de que esse grupo compartilha de mesmos costumes. Essas representações podem se concentrar no patrimônio dessa sociedade: objetos, danças, músicas e eventos são representantes patrimoniais que emanam uma suposta memória coletiva de uma determinada sociedade.

Porém, cabe a reflexão de como é de fato o pensamento em particular dos sujeitos membros desse grupo social. O presente estudo aborda este contexto ao proceder uma breve observação dos seus eventos, seus espaços públicos e até mesmo a influência musical por meio de escolas de música, bandas e eventos musicais, problematizando a identidade da cidade em torno de sua cultura e de seu patrimônio cultural.

Casadei (2010), em análise sobre as concepções de memória coletiva em Maurice Halbwachs e Marc Bloch, enfatiza as contribuições feitas pelos autores para

[1] O termo utilizado não deve ser entendido como uma alusão a uma memória que não seja verdadeira ou ainda, que não possua ancoragem no passado. O termo refere-se a uma memória que não é espontânea, ou seja, existe uma política cultural para que ela permaneça, uma vez que as memórias espontâneas tendem a se desvanecer com o tempo.

que se aprimore o conceito. A autora chama a atenção que, para Halbwachs, a memória individual está ligada às memórias coletivas dos grupos sociais no qual o sujeito está inserido, não sendo possível que haja uma memória individual sem a influência das memórias coletivas externas.

Nesse viés, a referida autora ainda salienta que, de acordo com Bloch, a memória coletiva está ligada a questões comunicacionais, ou seja, esbarra na transmissão das informações entre gerações, o que pode provocar um ruído entre o fato que é comunicado e a interpretação realizada, culminando no que é caracterizado como a possibilidade de recordações equivocadas.

A busca pela compreensão da emergência do discurso, verificado através da utilização corriqueira da alcunha “Cidade-Música”, para referir-se ao município é entendida como relevante, uma vez que compreende-se que a abrangência da pesquisa perpassa as fronteiras da análise histórica das possíveis contribuições relacionadas à cultura musical de São Bento do Sul, provenientes de seus colonizadores, que podem ser ratificadas através dos exemplos já mencionados anteriormente, para adentrar num campo onde se busca a averiguação do impacto desta memória coletiva na realidade da cidade, levando em conta a proposta educativa de memória.

Entende-se como significativa a abordagem sob esse viés, uma vez que compreender a proposta educativa de memória pode auxiliar numa valorização das manifestações musicais provenientes das escolas públicas, como por exemplo, no caso das bandas marciais das escolas públicas municipais; a promoção de uma educação patrimonial exitosa na cidade, buscando a valorização da importância que a música pode representar aos seus habitantes, bem como problematizar a forma com que ocorre o repasse do legado das atividades, conhecimentos e práticas musicais às gerações futuras, através da participação em eventos musicais, e do conhecimento da relevância musical destacada no município por meio do discurso de uma memória coletiva.

O objetivo geral centra-se em problematizar de que forma a memória coletiva forjada para o município de São Bento do Sul, relacionada à música, impacta na proposta educativa de memória na cidade e na vida cotidiana dos músicos, tendo ainda os objetivos específicos: Discutir como essa memória coletiva é narrada no cotidiano urbano da cidade; Elencar a representatividade musical da

cidade através de manifestações silenciosas[2], como monumentos, exposições, placas indicativas e demais objetos; e Promover e interpretar narrativas de pessoas engajadas nas mais variadas esferas que podem compreender a memória coletiva associada à música em São Bento do Sul.

As reflexões para uma pesquisa no campo do Patrimônio Cultural demandam a busca de um prévio conhecimento sobre as alterações das características do próprio termo, bem como mudanças nas considerações sobre o que é ou não é patrimônio, frente às suas interpretações, discursos patrimoniais, patrimonialização e patrimonialidade. Quando objetiva-se falar sobre memória coletiva e música, parte-se para um campo onde há uma grande gama de subjetividades, bem como de conceitos a respeito do tema e seu vínculo com o patrimônio.

Nesse sentido, é significativo um estudo um pouco mais aprofundado sobre as modificações conceituais e interpretativas do patrimônio antes de partir para um estudo de algo que pode parecer tão intangível (como o caso da música) e tão complexo, (como no caso de uma memória de caráter coletivo dentro de um município). Sendo assim, objetiva-se analisar as variações das interpretações e concepções de patrimônio ao longo do tempo, bem como buscar a problematização do tema de pesquisa, associado às questões culturais musicais do município, sob o olhar do patrimônio cultural, e da hipótese de utilização de uma cultura musical na cidade como proposta educativa de memória.

Nesse âmbito, procura-se em consonância e alicerçado nas teorias do patrimônio, explicitar também uma proposta de utilização de narrativas, de modo a compreender por meio delas os impactos causados por essa memória nos representantes entrevistados, bem como flagrar e mapear “narrativas silenciosas” presentes através de monumentos relacionados à música no município, problematizando esses monumentos e também as manifestações artísticas musicais, frente ao contexto do cotidiano urbano da cidade.

A concepção de patrimônio, seja por meio de um reconhecimento realizado pelo Estado com a patrimonialização, seja pela atribuição de valor realizada por uma determinada comunidade, que vê em seu bem cultural o sentido de patrimonialidade,

---

[2] Aquilo que o monumento representa, ou tem a intenção de representar, não é silencioso em sua intencionalidade de existir, antes, extremamente expressivo. Todavia, ele “funciona” tal qual fosse silencioso, pois existe com a ilusão de ser despretensioso na paisagem.

está sempre pautada nas questões de valores e, em consequência, vincula-se também a quem é atribuído esse valor, ou seja, aos sujeitos envolvidos na prática social do bem patrimonial ou monumento em questão.

Sob esse viés, faz-se necessário o olhar crítico sobre a conceituação de patrimônio, de forma a problematizar esse termo. Leva-se em conta que essas atribuições possuem facetas diversas, seja numa perspectiva ocidental e eurocêntrica, como também numa perspectiva decolonial, a qual critica a concepção de patrimônio que, de acordo com Canclini (2008) traz para as mais variadas classes sociais um conceito patrimonial que parece ser *a priori* inquestionável, uma vez que a forma com que é difundido impede que sejam assimiladas as impugnações de cunho social que podem estar contidas nele.

No âmbito estatal, o valor atribuído ao patrimônio atrela-se ao próprio sentido e a própria construção do que Anderson (2008) retrata como uma comunidade imaginada, em face de sua afirmação como Estado-nação. O autor ainda frisa a definição de comunidade imaginada (para uma nação) com a justificativa de que será muito difícil que todos os habitantes de uma nação conheçam (no sentido literal da palavra) uns aos outros, mas todos eles sabem (imaginam) que há uma ligação entre eles.

Com o apogeu do nacionalismo no século XVIII, sua simbologia, através das concepções anteriormente descritas, pode ser afirmada por meio dos monumentos e patrimônios reconhecidos pelo Estado, numa forma de conceber a nação dentro do espaço-tempo, uma vez que estes são os pontos defendidos pelo país para afirmar sua soberania, bem como para criar a sua identidade nacional perante os seus cidadãos e para com os demais países.

Poulot (2009) trabalha com as diferenças dos aspectos do patrimônio em diferentes períodos históricos e categoriza os respectivos objetivos patrimoniais em cada um deles, citando por exemplo, o período da formação dos Estados-nação, onde havia a intenção de instrução dos indivíduos para o nacionalismo e, por sua vez, o fim do século XX e início do século XXI, voltando à ideia de identidade do sujeito, sendo o patrimônio atuante como uma espécie de espelho.

É relevante mencionar que, assim como o processo de formação dos Estados-nação, a grande ascensão da industrialização no século XIX favoreceu um território fértil para o reconhecimento e valorização dos monumentos, pode-se dizer, devido a vários fatores distintos, mas que se mesclam entre si. Por si só, a

industrialização possibilitou um avanço científico considerável, tendo a vista necessidade de produção do conhecimento para atendimento às demandas de um mercado cada vez mais exigente e em crescimento acelerado.

Riegl (2014) salienta que, além da própria relevância da disciplina História, o período em questão também enfatizou a importância das disciplinas anteriormente alcunhadas como ciências auxiliares, uma vez que se verificou a necessidade de se estabelecer o diálogo com essas ciências para a realização do estudo histórico com mais propriedade. O autor ainda enfatiza a relevância, no referido recorte histórico, de uma busca pela história da civilização, para a qual o menor dos monumentos pode ter um grande valor histórico.

Logicamente e, de forma crítica quanto às afirmações de Riegl, pensa-se que o interesse mencionado não decorre senão de uma demanda do período histórico, onde o sistema capitalista, fortemente enraizado na industrialização dessa época, evocava uma necessidade de produção de conhecimento científico e de uma promoção do nacional, sendo possível assim compreender o interesse pelos monumentos no período. Entretanto, cabe frisar que as consequências de uma vida dentro dos moldes industriais resultaram em outros movimentos muito relevantes no que tange a essa sensibilidade e representatividade dos monumentos.

De acordo com Choay (2001), além do período da Revolução Industrial obter destaque no tocante a criação de leis de proteção ao monumento e do estabelecimento da restauração como disciplina, o romantismo característico do século XIX contribuiu também para o aumento do interesse na preservação dos monumentos, uma vez que esses acabaram se tornando um símbolo para os românticos.

Ao remeter a cenários pitorescos e fantasmagóricos, era semeado o sentimento de “angústia” próprio do romantismo, sendo que também, os monumentos antigos surgem em contraponto a um cenário industrial agitado. Muitas vezes associados a pensamentos como destruição e morte, os monumentos que sofriam com a ação do tempo traziam a representação do ideal romântico em meio a Revolução Industrial.

As questões de representatividade atrelam-se aos conceitos de patrimônio cultural de forma muito contundente. Isso explica o fato de que, para Prats (1997), é característico do patrimônio seu caráter de simbologia e representação de identidade. Prossegue ainda o autor ressaltando que a construção social que gera a

identidade, pautada em valores e ideias, demanda de uma representação externa dessa identidade, a qual se materializa no patrimônio cultural.

De forma extremamente sucinta, conforme já mencionado, objetiva-se aqui problematizar como a memória coletiva forjada para São Bento do Sul, relacionada com a música, impacta na proposta educativa de memória do município e na vida cotidiana dos músicos da cidade. Para tanto, a genealogia, sob a ótica de Foucault, faz referência ao estudo em um sentido mais profundo e específico, com relação ao saber que difere da história oficial, ou seja, que difere da verdade estabelecida por meio dos discursos dos acontecimentos (Venera *et al,* 2020).

É possível problematizar, nesse sentido, que as evidenciações e representações relacionadas com uma memória musical, bem como o valor externalizado com relação a essa temática, poderiam ser de grande relevância no âmbito educacional da rede municipal de ensino, uma vez que se pode propor uma hipótese de que a educação patrimonial poderia ser voltada a um estudo desse caráter patrimonial cultural são-bentense, levando em conta sua musicalidade.

As formas de representação da memória coletiva do município podem ser mensuradas e fazem parte do cotidiano urbano na cidade? A abordagem da narrativa pode ser uma ferramenta interessante na busca pela resolução desse problema. Tanto uma narrativa “silenciosa” (esboçada nos inúmeros monumentos, festas, bandas e eventos) como uma narrativa, por meio de entrevistas com munícipes representantes da classe docente (professores do ensino regular, professores de música…), das secretarias municipais (Secretaria Municipal de Educação; Fundação Cultural…) e da imprensa local, enfim, surgem como um grande campo teórico-metodológico para a problematização de uma suposta memória coletiva local.

O estudo das narrativas “silenciosas”, presentes no cotidiano urbano, incumbem uma investigação e até, pode-se dizer, uma roteirização dos monumentos, edifícios, festas e eventos relacionados à música, que supostamente trariam o sentido a essa identificação da cidade, alcunhada como “Cidade-Música”.

De acordo com Prats (1997) é relevante destacar que a “ativação patrimonial”, isto é, a decisão sobre qual bem será considerado patrimonializado por caracterizar uma representação identitária, é em grande parte uma função exercida pelo poder do Estado. Entretanto, cabe ressaltar a relevância do patrimônio poder exercer também a voz daqueles que não estão no poder estatal. Para além dos

monumentos e edificações, o patrimônio com “características de vida” e explicitado através das narrativas representa uma afirmação da “humanidade do vivente”, sendo necessária a problematização do impacto da memória coletiva do município nos representantes das mais variadas esferas.

De acordo com esse pensamento, utiliza-se da história e das teorias do patrimônio como embasamento para o reconhecimento das características do patrimônio cultural, de acordo com as mudanças que, ao longo do tempo, alteraram sua concepção bem como o que passou a ser considerado como patrimônio.

Metodologicamente, neste trabalho são utilizadas as metodologias de pesquisa bibliográfica inicial e, em seguida, utiliza-se de História Oral Temática, sendo que esta última consiste em uma metodologia de produção de fontes de memória envolvendo entrevistados. Optou-se pela realização de entrevista como forma de interpretar as narrativas de como realmente as pessoas sentem estarem vivendo na cidade que é narrada como “Cidade-Música”.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos (ANEXO A) e as entrevistas estão centradas na questão-problema de pesquisa. A conversa é intermediada com o entrevistado, possuidor de uma bagagem de lembranças que podem ser narradas, por meio de um roteiro semiestruturado (APÊNDICE A).

De forma a estabelecer redes de entrevistados com uma consonância entre suas respectivas relações com o patrimônio e a música em São Bento do Sul, adota-se a pesquisa de História Oral Temática em formato de abordagem “bola de neve” (*snowball)*, considerada aqui como a forma que mais se adapta para o fim proposto, uma vez que:

> A amostragem de bola de neve é utilizada principalmente para fins exploratórios, usualmente com três objetivos: desejo de melhor compreensão sobre um tema, testar a viabilidade de realização de um estudo mais amplo, e desenvolver os métodos a serem empregados em todos os estudos ou fases subsequentes. É importante ressaltar que a amostragem em bola de neve não é um método autônomo, no qual a partir do momento em que as sementes indicam nomes, a rede de entrevistados aumenta por si mesma. Isso não ocorre pelos mais variados motivos, sendo um deles o fato de os entrevistados não serem procurados ao acaso, mas a partir de características específicas que devem ser verificadas a cada momento. (Vinuto, 2014, p. 205)

Tanto na preparação como no momento da entrevista, procurou-se estabelecer uma relação com o entrevistado com vistas a deixá-lo confortável para a

resposta dos questionários. Sendo assim, optou-se por realizar as entrevistas em ambiente que lhe seja de caráter familiar, dando preferência à casa do entrevistado, com planejamento antecipado e mediante, logicamente, autorização prévia deste ou então em outro local de sua preferência.

Acompanharão o processo de entrevista instrumentos para a gravação da fala, onde opta-se por gravação com aparelho celular, utilizando aplicativo específico para gravação de voz. Conforme estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B) será proporcionado ao colaborador da pesquisa que escute suas falas novamente, de forma que este possa manifestar-se a favor ou contra determinados trechos, que podem ser excluídos, se assim for de sua vontade.

Ao mesmo passo que se explicita os conteúdos contidos no TCLE, elabora-se também um termo de autorização do uso de imagem e/ou voz, solicitando a concordância do colaborador da pesquisa também com esse aspecto, mediante assinatura de documento (APÊNDICE C).

Tendo concordância do entrevistado em participar da pesquisa, elaborou-se um roteiro individual de acordo com conhecimentos básicos de sua biografia, baseado em informações-chave e fazendo uma análise de como as perguntas individualizadas serão montadas tendo como encabeçamento o roteiro semiestruturado elaborado anteriormente. Após a realização das entrevistas, iniciou-se o processo de elaboração do acervo, após aprovação pelo entrevistado, do arquivo gravado. Na sequência, uma organização para armazenagem e nomeação dos arquivos pode ser sugerida através dos APÊNDICE D e APÊNDICE E. O acervo da pesquisa será assumido apenas na oralidade e as partes que interessarem na escrita da dissertação serão transcritas parcialmente.

Compreender a identificação de um grupo através de uma reivindicação memorial engloba, além do entendimento contextual do discurso dominante de memória e sua problematização, a percepção das pessoas incluídas no meio social em questão, ou seja, uma pormenorização do significado daquelas lembranças compartilhadas, mas tendo em vista o entendimento das distintas características de cada sujeito e, logo, de como suas interpretações dos fatos vivenciados também são diferentes.

Nesse âmbito, as chamadas metamemórias (Candau, 2011), ou seja, as interpretações feitas por um indivíduo com relação à sua própria memória, o conhecimento que tem dela e o que diz dela, relacionadas à música em São Bento

do Sul remontam, sob um olhar de forma inicialmente superficial, a presença de monumentos, eventos e símbolos que evidenciam um suposto compartilhamento de memória relacionada com a musicalidade.

Entretanto, problematiza-se a possibilidade das diferentes formas de conceber essa suposta característica memorial comum, uma vez levando em conta as diferentes formas de compreensão dos cidadãos sobre o meio social em que vivem. É nesse ponto que a utilização da História Oral busca subsidiar as fontes para a compreensão dessa memória, uma vez que:

> Em um mesmo grupo podem conviver vários tipos de “narrativas históricas”, mas certamente algumas “narrativas” dominam os principais meios de comunicação e transmissão de valores. Ampliar o número de “autores” da história abre espaço para a construção de múltiplas narrativas históricas e cria a possibilidade de revisão de tais valores. Neste sentido, destacamos o potencial que a história oral tem como ferramenta de inclusão social. Fortalecer o senso de pertencimento e de autoria de cada um, somado à possibilidade de fazer-se “ouvir” é o grande sentido social que um projeto de memória pode adquirir. Além disto, produzir novas fontes para a compreensão dos processos históricos é fundamental para a revisão das narrativas históricas em si. (Museu da Pessoa, 2005, p. 204)

Além de voltada para a busca do conhecimento sobre o tema da música na cidade, que está relacionado com as questões de identidade e de memória coletiva argumentadas nas heranças e hábitos musicais e ainda, tendo em vista problematizar o impacto na proposta educativa de memória na cidade e na vida cotidiana dos músicos, objetiva-se também a busca por uma ótica não somente caracterizada pelo patrimônio cultural instituído, ou seja, ativado pelo poder estatal, ou ainda, de uma retórica artificial relacionada a uma suposta memória coletiva, mas questionar a compreensão desse patrimônio através das histórias e memórias orais.

Nesse sentido, a metodologia de história oral proposta para este trabalho enquadra-se de maneira mais pertinente, conforme mencionado anteriormente, ao modelo de história oral temática, uma vez que “(...) este tem como centro o tema de interesse da pesquisa que evoca a entrevista, logo o recorte de entrevista será referente à temática” (Venera; Nart; Medina, 2020, p. 106).

Além da evocação constante do tema central da pesquisa, o gênero se distingue também por sua peculiaridade de alinhar-se com outros estudos previamente realizados, que não necessariamente utilizaram da pesquisa através de narrativas (Meihy; Seawright, 2020).

A proposição de uma temática sob a ótica do patrimônio e da música reflete, para além de um estudo das “coisas” patrimoniais, uma abordagem das relações com esse patrimônio, sob a ótica musical. Logicamente, no que tange às relações, o foco volta-se para indivíduos que estão em consonância com as interações entre esses aspectos. O entendimento dessas relações demanda, mais do que a compreensão da história documental, a memória de expressão oral, pois será nela que o sujeito terá a possibilidade de expor suas experiências.

Sobre a memória, considera-se também parte importante dela a seletividade do que o sujeito fala, pois dessa forma, interpreta-se a narrativa de acordo com um contexto em que esse sujeito se insere e isso vincula-se, tanto em suas questões experimentais de vida, como na própria abordagem no momento de uma entrevista. Nesse viés, a história oral tende a contribuir para o esclarecimento da maneira com que o indivíduo se relaciona com as suas memórias e com a memória coletiva dentro de uma sociedade.

Portanto, busca-se a problematização dessa temática em três capítulos. O primeiro deles, intitulado “Cidade e Memória: A história de São Bento Do Sul e a sua relação com a reivindicação identitária sobre a música” tem como mote principal a apresentação da memória e identidade da cidade por meio de sua história oficial e as ligações estabelecidas por esse discurso histórico com a música, sendo embasamento para a discussão da memória coletiva do município, as manifestações cotidianas do ambiente urbano municipal, incluindo em especial, as expressões silenciosas como monumentos, exposições, construções, placas e locais consideradas consagrados à “perpetuação” deste discurso, sendo realizado um roteiro dos pontos verificados.

Como embasamento teórico, o capítulo conta com a história dos primeiros anos da colonização, sendo dentre as contribuições, destacados os estudos de Mafra (2013); Pfeiffer (1997), contando também com a colaboração sobre a presença musical no período do início da colonização por meio dos escritos de Oliveira Neto (2014); Mafra e Silva (1995) e ainda, sobre a presença do epíteto em outras meios, destacam-se fontes de jornais, legislação municipal, bem como os subsídios oriundos dos estudos de Mafra (2020), Kormann (2000), dentre demais autores referenciados ao longo das páginas que seguem.

O capítulo seguinte tem por título “Cidade e Identidade: a busca pela sustentação e reafirmação do epíteto de São Bento do Sul”. Por meio das narrativas

orais e com fontes documentais, o capítulo vem ao encontro de explicitar a utilização do epíteto ao longo do tempo, bem como problematizar as formas como foi sustentado, tendo como recorte temporal principalmente o final da década de 1980 e início da década de 1990, por ser este o período de inauguração e consolidação da atual rodoviária da cidade, onde se encontra a pintura da frase que serve de embasamento à problemática de pesquisa.

O referido capítulo elenca desde possíveis motivos para o surgimento da alcunha, formas de se justificar o merecimento de sua atribuição à cidade por diferentes gestões administrativas municipais, tentativas de afirmação do discurso identitário, tanto interna como externamente aos limites municipais, críticas ao discurso do epíteto e ainda traz à tona o início da discussão que envolve a educação, supondo nela uma forma de se fomentar a perenização do título para São Bento do Sul.

O capítulo final, que possui o título “Cidade e Música: O epíteto e sua perenização, motivadora e motivada pela educação pública municipal" expande a abrangência do tema que envolve o epíteto da cidade, estruturando uma hipótese de como a educação pode ser motivadora e motivada por esse título relacionado com a música. São apresentados conceitos de currículo educacional e, por meio de narrativas orais, são discutidas as formas com que a música, na educação pública municipal de São Bento do Sul, pode contribuir nos âmbitos da reafirmação identitária da cidade e também, pode possuir a capacidade de motivar a construção de subjetividades positivas nos estudantes, as quais, supõe-se, são significativas tanto na melhoria de seu desenvolvimento pedagógico e acadêmico na escola, como podem ser colaboradoras numa formação integral do sujeito para um bom convívio em sociedade.

Nesse sentido, as Bandas Marciais das unidades escolares básicas municipais emergem como potencial demonstração de como o impacto da música pode resultar em algo distinto daquilo que Corazza (2010) caracteriza como valores e subjetividades “fixos e universais”, partindo assim para uma ampliação dos sentidos com “outros pensamentos, sonhos, emoções, humanidades diferentes”. Por meio da história oral, as entrevistas subsidiam a hipótese de uma aplicabilidade do que Corazza (2010) denomina de currículo da diferença, onde a formação do ser humano ocorre não somente na escola, mas nos ambientes que subjetivam.

Por fim, foi possível concluir como os discursos identitários exercem uma forte influência e, por sua vez, são influenciados, seja pelo poder estatal, seja pela própria sociedade, quando se manifesta sobre como se considera de fato representada. O caso de São Bento do Sul também está contemplado nessa premissa e, com essa afirmação, podemos acrescentar que essa noção de representação é fruto também da subjetivação dos corpos, oriunda do patrimônio cultural da cidade, do seu discurso de memória e, perceptivelmente, por meio da educação, uma vez que verificou-se nos currículos educacionais um *locus* privilegiado de subjetivação.

Dessa forma, o investimento em música na educação básica municipal vem ao encontro tanto dos benefícios oriundos do estudo musical - os quais serão mais esmiuçados ao longo do texto que se segue - como do próprio fomento oriundo do epíteto da cidade e seu discurso de memória, sendo que esses últimos, por sua vez, também são fomentados pelo papel desempenhado pela educação.

O conteúdo constante nas páginas que se seguem é resultado das aplicações metodológicas descritas anteriormente, bem como da problematização feita entre a história do município, a memória evocada pela cidade do presente e as narrativas orais.

2. CIDADE E MEMÓRIA: A HISTÓRIA DE SÃO BENTO DO SUL E SUA RELAÇÃO COM A REIVINDICAÇÃO IDENTITÁRIA SOBRE A MÚSICA

Cidade-Música, Cidade da Música, Terra da Música… são alguns exemplos de epítetos que remontam a cidade de São Bento do Sul em letreiros, jornais, documentos e livros. É fato que, desde os tempos mais remotos, a música acompanha o ser humano em sua história ao redor do mundo, fazendo-se sua companheira nos mais variados momentos e nas mais distintas circunstâncias. A problematização do recorte deste trabalho tem por marco inicial as relações históricas de São Bento do Sul com sua formação e musicalidade advinda por meio desse processo.

A história de São Bento do Sul é contada a partir de sua fundação, que possui ligação com a Colônia Dona Francisca (atual Joinville - SC), sendo esta última fundada em 1851 por intermédio da Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo. De acordo com Mafra (2013), no ano de 1868, chegaram ao litoral de Santa Catarina 6 navios contendo em torno de 500 imigrantes, o que dificultou a distribuição de lotes, uma vez que esses já estavam escassos na região litorânea catarinense.

Apesar da Colônia Dona Francisca já estar superlotada de imigrantes, no ano de 1873, conforme afirma Pfeiffer (1997) ocorreu ainda a chegada de mais dois navios no mês de junho (veleiros “Dr. Barth” e “Terpzichore”) e ainda mais uma embarcação que chegou no mês de julho (veleiro “Gutenberg”), somando ao total aproximadamente 926 pessoas que chegavam ao litoral de Santa Catarina e, de forma improvisada, inicialmente fixaram abrigo na Colônia Dona Francisca.

Vendo a necessidade de estabelecer os recém-chegados imigrantes em novos lotes, a Sociedade Colonizadora solicitou e foi autorizada pelo Governo Imperial do Brasil, em 1869, a subir a serra em direção à região de São Miguel, hoje município de Campo Alegre, e lá fixar novos lotes. A localidade, no entanto, mostrou-se pouco fértil para a plantação, o que motivou um novo pedido da Sociedade Colonizadora para que o processo de colonização pudesse ser transferido para próximo das margens do Rio São Bento.

Ficker (1965) destaca que a permuta das terras de São Miguel pelas das margens do Rio São Bento ainda não havia sido oficialmente autorizada pelo Governo Imperial, porém, foi considerada legalizada pela Sociedade Colonizadora

uma vez que o pagamento por esses territórios foi aceito no Rio de Janeiro, pela tesouraria da Corte, e a Sociedade recebeu os recibos (*apud* Pfeiffer, 1997).

Conforme Oliveira Neto (2014) ao menos duas razões se tornaram fundamentais para firmar a vinda de colonos para a região do planalto e, mais especificamente, para a região da hoje São Bento do Sul.

Primeiramente, a construção da Estrada Dona Francisca, que teve início em 1858, foi um “tronco” para que os colonos pudessem se firmar nas regiões próximas do traçado da estrada, beneficiando tanto a Sociedade Colonizadora (com mão-de-obra para o trabalho na estrada) como o governo da Província de Santa Catarina (que queria estabelecer colonos na região para uma tentativa de solucionar os conflitos lindeiros entre Santa Catarina e Paraná).

Em segundo lugar, mas não menos importante, a chegada de mais imigrantes ao litoral catarinense e, como já citado, a falta de terras nas regiões litorâneas, fez com que o povoamento dos territórios próximos ao Rio São Bento se tornasse extremamente necessário.

A data de fundação da então denominada Colônia Agrícola São Bento firmou-se no dia 23 de setembro de 1873. De acordo com Pfeiffer (1997) os 70 primeiros imigrantes chegaram ao seu destino no dia 21, sendo que no dia 22 ocorreu a distribuição dos lotes a eles destinados. Sobre a data da fundação, Robl (1966, *apud* Pfeiffer 1997, p. 22) afirma que:

> Isso, porém, não obsta que a data oficial da fundação de São Bento seja 23 de setembro, pois, nesse dia, conforme o memorialista José Zipperer - pela primeira vez reboou nestas paragens planaltinas o clangor dos machados na faina das derrubadas…

Ao mesmo passo que as ferramentas laborais dos primeiros colonos os acompanharam nas lidas, em suas primeiras fixações no território da atual São Bento do Sul, também estava presente junto com eles o gosto pela música, fosse ela manifestada pelo canto ou pela execução de instrumentos musicais.

Entretanto, segundo Oliveira Neto (2014), é complexo estabelecer com precisão quais os primeiros eventos musicais que foram realizados na localidade, uma vez que há divergências entre pesquisadores que trataram a respeito desse tema. O autor enfatiza que há registros que os primórdios das manifestações de música teriam ocorrido no primeiro casamento na cidade, já no ano de 1873, bem

como há menções a uma quermesse, realizada em 1874 e ainda, sobre uma festa que teria ocorrido em 1876.

Apesar da imprecisão de datas iniciais, observa-se que a existência de manifestações musicais já nos primeiros anos da Colônia Agrícola São Bento pode estar relacionada com a familiaridade ou gosto pela música por parte dos imigrantes em períodos até mesmo anteriores às viagens da Europa para o Brasil.

Ewald (2007) vem ao encontro dessa hipótese ao destacar que as músicas caracterizadas pelo autor como “cantos de diáspora”, que em muitos casos serviram de subsídios para encorajar uma gama de europeus a atravessarem o Atlântico, não são exclusividade dos séculos XVIII e XIX, apesar de serem mais frequentemente associadas a esse período.

Ewald (2007) enfoca que as canções que proporcionavam um fomento ao imaginário das pessoas sobre habitar novas terras na América remontam ao século XVI. Tal fato reforça a hipótese que, a relação entre a música e as questões sociais envolvendo imigração, busca por novas oportunidades e até mesmo ideais presentes na sociedade ao longo dos séculos, vêm sendo realidade muito antes das grandes migrações dos séculos XIX e XX.

Desse modo, a prática musical, seja ela cantada, tocada ou apenas apreciada, além de ser uma forma de lazer dos indivíduos, tanto em seus países de origem como nas novas terras para onde rumaram, era uma maneira de retratar sentimentos (esperança de melhora de vida, saudades da terra natal, alegria, tristeza, além de percepções e desafios no processo de adaptação ao novo país).

Por conseguinte, é reforçada a hipótese de que as manifestações musicais estejam presentes no cotidiano dos sujeitos já nos primeiros momentos da chegada no seu novo destino, devido a esses contatos anteriores e pelo papel social da música para esses indivíduos, assim como o eram quando estes ainda estavam em sua terra natal.

Nesse contexto Ewald (2007) ainda reitera o motivo pelo qual as expressões relacionadas à musicalidade mostravam-se latentes já no início dos processos de povoamento e colonização pelos imigrantes europeus no século XIX:

> Os imigrantes usam música e cantam quando se reúnem para comer, beber ou dançar. A expressão musical coletiva funciona como símbolo de auto-identificação e como importante canal de renovação e revigoramento de coesão social. Também a incorporação de hábitos de contextos regionais na expressão musical como, por exemplo, tomar chimarrão, importante

> representação da cultura sulina, pode ser claramente verificado desde muito cedo. (EWALD, 2007, p. 82, 83)

Os processos de adaptação aos novos locais onde esses indivíduos chegavam, à realidade que encontravam e a manifestação dos sentimentos mais diversos podem ser encarados como motivadores de uma presença musical na Colônia Agrícola São Bento, atual São Bento do Sul.

Entretanto, é importante considerarmos alguns fatores relacionados à própria imigração, que têm relação com a música e não são exclusividade dos colonos que chegaram ao alto da Serra Dona Francisca nos anos 1870. Um deles, conforme já mencionado, está relacionado com um contato e relação estreita com a música por parte do sujeito já no seu país de origem, fato este que se confirma não somente na atual São Bento do Sul, mas também em outras localidades que receberam imigrantes.

No entanto, é prudente considerar que essa “herança” musical relacionada com os imigrantes europeus se trata de um tipo de musicalidade, de instrumentos musicais comuns na Europa naquele período. O que significa que o Brasil é herdeiro de outras musicalidades e outros instrumentos musicais não europeus que embalaram as produções culturais nos anos seguintes.

Essa problematização de não se ter uma exclusividade de manifestação musical e ainda, de não ocorrer somente no município de São Bento do Sul no início de sua colonização, é muito importante para que se possa direcionar um olhar crítico para quais são os discursos patrimoniais existentes na atualidade da cidade, que corroboram com a manutenção e perpetuação desta identidade.

A identidade é compreendida, portanto, como relacional, ou seja, o conceito de identidade prevê a afirmação de que algo está “fora dela”, para que assim essa identidade possa se afirmar. Dessa forma, o que afirma uma identidade é o que não faz parte dela, isto é, a diferença. Tendo em mente essa necessidade de relação entre identidade e diferença, pode-se perceber que a identidade é marcada através de símbolos. Esses símbolos dão sentido à forma como o indivíduo age em sociedade e este agir, por fim, é o que marca a forma como se vive a diferença nas relações sociais (Woodward, 2000).

Frente a esse contexto, de acordo com Silva (2000) não é possível separar identidade e diferença, uma vez que para que algo “seja” (identidade) ao mesmo

tempo esse algo também “não é” (diferença). No caso de São Bento do Sul, “ser” a Cidade-Música implicaria que outros lugares ou cidades não o são.

No entanto, essa premissa não se sustenta, tendo em vista a forte presença musical em outras cidades próximas ou com características congêneres, que também passaram por um processo de colonização semelhante. Sendo assim, sustenta-se a hipótese da construção de um discurso de formação de identidade, relacionada à música, pela cidade do tempo presente que, por meio desta justificativa cultural, busca sua afirmação identitária, ou ainda, como São Bento do Sul se afirma cidade da música a partir de referenciais europeus e se difere de outras cidades que se caracterizam com outros gêneros musicais e instrumentos não europeus, como por exemplo as percussões indígenas e afro-brasileiras?

Em segundo lugar, a característica do imigrante - neste recorte especificamente o imigrante germânico - da convivência através do associativismo, que assim como na Colônia Agrícola São Bento, é verificável também em outros locais, como bem frisa Rossbach (2009) sobre as associações existentes no período de colonização da atual cidade de Blumenau - SC, por exemplo, onde já estavam presentes no ano de 1863 as chamadas *Gesangvereine* (Sociedades de Canto).

Rossbach (2009) destaca ainda que o associativismo era uma característica do imigrante europeu, tanto pelas dificuldades encontradas no novo país onde passaram a residir e, com isso, buscarem a solução das adversidades unindo forças, como também pelo fato dessas agremiações já serem uma realidade desses indivíduos na Europa.

As agremiações se davam em diversos âmbitos dentro da colônia, desde o auxílio para com os sentimentos de desamparo e solidão sentidos pelos recém-chegados, como também no que se refere ao desejo de continuação de práticas culturais, que compreendiam desde a utilização de sua *Muttersprache* (língua materna) até manifestações culturais como o teatro, canto, dança e música (Rossbach, 2009)

Tanto as agremiações como os usos da música como passatempo e demonstrações de sentimentos, da mesma forma que estiveram presentes na colonização de Blumenau, podem ser verificados também no caso de São Bento do Sul, uma vez que essa também compartilha as origens da imigração europeia. Sendo assim, o registro histórico das primeiras bandas e conjuntos da atual São Bento do Sul, relaciona-se em grande parte à execução de músicas com as

características das praticadas na Europa e, em especial, a música de origem germânica.

Oliveira Neto (2014) discorre sobre o trabalho dos maestros e regentes de bandas, enfatizando que eles não eram obrigatoriamente formados em música ou que possuíam um título formal proveniente da educação na área musical. Sem embargo, eram possuidores de conhecimento na área através da prática. O autor menciona que, já por volta da década de 1870 e 1880 eram presença na região da atual São Bento do Sul, por exemplo, a Banda Uhlig e Banda (*Kapelle*) Augustin, sendo esta última, por décadas, a principal banda local.

Os anos seguintes foram marcados pelo surgimento de inúmeros conjuntos, dos quais Mafra e Silva (1995) relacionam Banda Oxford (1903) regida por Hugo Fischer; *Schützen Kapelle* (1903) regida por João Treml; Banda Treml (1913) fundada por Jorge Zipperer e passando em seguida a ser regida por João Treml; Bandinha Oxford (1924) regida por Carlos Mueller, além das Bandas Ernesto Bollmann, Bandinha Vitória e Banda Lençol, das quais não consta data de fundação.

No caso das agremiações, há que se registrar ainda a importante fundação da *Kultur, Lese und Gesangverein Liederkranz* em outubro de 1881, que manteve-se ativa até o ano de 1941, quando foi fechada por ordem policial, em cumprimento das medidas adotadas pelo governo de Getúlio Vargas, com relação à proibição das manifestações de cultura ou língua germânica no Brasil.

A partir de 1950, o clube retorna às atividades sob a nova nomenclatura de Sociedade de Cantores 25 de Julho, (popularmente conhecida como *Sängerhalle)* sendo o nome dado, de acordo com Pfeiffer (1997) em homenagem à data em que foi “reinaugurada”, o dia 25 de Julho de 1950, data qual também celebra-se o “dia do colono”. Sobre a fundação desta associação, Prinz (*apud* Pfeiffer, 1997, p. 437) diz que:

> Após o trabalho e aos domingos tínhamos tempo para estar juntos, conversar, recordar e entoar uma canção, tal como fazíamos em casa, na aldeia, ou nos momentos de compartilhar experiências. E foi assim que tudo começou lá na Estrada da Serra. (...) Então um deles começava a cantar baixinho, e os outros logo o acompanhavam. E cantavam mais e mais canções. (...) Com o tempo perceberam que as músicas eram mais bonitas quando alguém cantava a segunda voz. Um outro tentava acompanhar com o baixo. Todo o mundo acabou gostando. Combinaram, então, encontrar-se regularmente para cantar. Assim foi fundado o primeiro quarteto, que mais tarde se tornou a “Sociedade de Cantores Liederkranz”.

Sobre a prática de música ou canto como um passatempo para os fins de semana e como motivadora de encontros entre famílias e amigos, Mafra e Silva (1995) ressaltam que a prática musical se dava de forma amadora e que grande parte dos músicos se reunia nos sábados, domingos, ou então após a jornada de trabalho, para realizar os ensaios, fato este destacado pelas autoras como ainda sendo realidade na atualidade, uma vez que uma grande maioria de músicos munícipes possui também outras atividades empregatícias.

Logo, é possível supor que o fato de se ter um número elevado de amadores e entusiastas, enfim, pessoas apreciadoras da prática musical, pode ter sido um dos fatores para que as alcunhas da cidade (“Cidade-Música”, “Cidade da Música”, “Terra da Música”) se disseminassem ao longo dos anos, alcançando desde as evidências em seu patrimônio cultural e edificado, à textos legais e livros.

Um exemplo desses epítetos pode ser flagrado no texto referente à criação do brasão de armas da cidade no ano de 1969 onde, em um recorte, consta “É o mantel carregado de uma lira, perenizando a dedicação e amor à música dos munícipes, a ponto de São Bento do Sul ser denominado, por antonomásia, **‘Cidade-Música’**.” (São Bento do Sul, 1969, grifo nosso).

Kormann (2000), por sua vez, dá destaque à Banda Treml (1913 - presente), que antes de ter como regente João Treml, (o qual emprestaria seu nome à banda futuramente) teve sob a batuta Jorge Zipperer. Este último, de acordo com o autor, mudou-se para a cidade vizinha de Rio Negrinho onde, quando já estabelecido naquela localidade, fundou por lá também uma banda. Sobre os intercâmbios culturais e musicais o autor enfatiza:

> Assim, interrelacionados, os músicos progrediam em sua arte e, da primeira, várias outras bandas e maestros foram surgindo. (...) E hoje São Bento do Sul e suas adjacências podem, com razão, ser chamados de **“terra das bandas e dos conjuntos musicais”.** (Kormann, 2000, p. 26, grifo nosso)

Mafra (2020) também faz destaque ao epíteto da cidade quando da realização da “Festa da Música” em 1981:

> No dia 06 de dezembro, foi realizada a 4ª Festa da Música, que nesse ano ocorreu na Raia do Schiessl em Bela Aliança. Estiveram se apresentando no local 16 bandas, bandinhas e conjuntos, somente de São Bento do Sul. Isso confirma para São Bento do Sul, **o título de Cidade Música**. (Mafra, 2020, p. 280, grifo nosso)

Na complexidade de compreender como a relevância do tema história, patrimônio e música se faz presente numa *pólis*, tanto da forma tangível e observável ao *flâneur* que “sinta” a cidade e seus interstícios diversos, como para aquele que resolve conversar com os músicos, professores e demais munícipes engajados numa esfera musical (ou até mesmo aqueles que somente a apreciam), faz-se necessária a compreensão da maneira como um discurso emerge em determinada sociedade e quais são as reflexões para que possa fincar raízes em determinado local.

O flagrante dos epítetos nos escritos sobre a história da cidade e em documentos oficiais também ocorre nas chamadas manifestações silenciosas, ou seja, em edifícios e monumentos consagrados à música na cidade e que podem ser uma forma de analisar a presença do discurso patrimonial no município com relação a sua musicalidade, uma vez que a problematização sobre o “título” de São Bento do Sul - Cidade-Música - pode também envolver-se nas questões de identidade e diferença.

A percepção dos signos relacionados com a música na cidade evoca uma suposta identidade. Entretanto, ao analisarmos o conceito identidade e sua relação com a diferença, pode-se refletir a respeito de como as questões musicais (símbolos, eventos, músicos, inscrições, grupos e bandas) são supostamente vistos e proferidos através do discurso memorial.

Discorre-se a seguir a respeito de algumas formas de manifestação desse discurso por meio de monumentos ou locais consagrados à música na cidade. Esse recorte sobre a música na cidade foi desenvolvido a partir de um passeio como um *flâneur*, como sugere Walter Benjamin (1994):

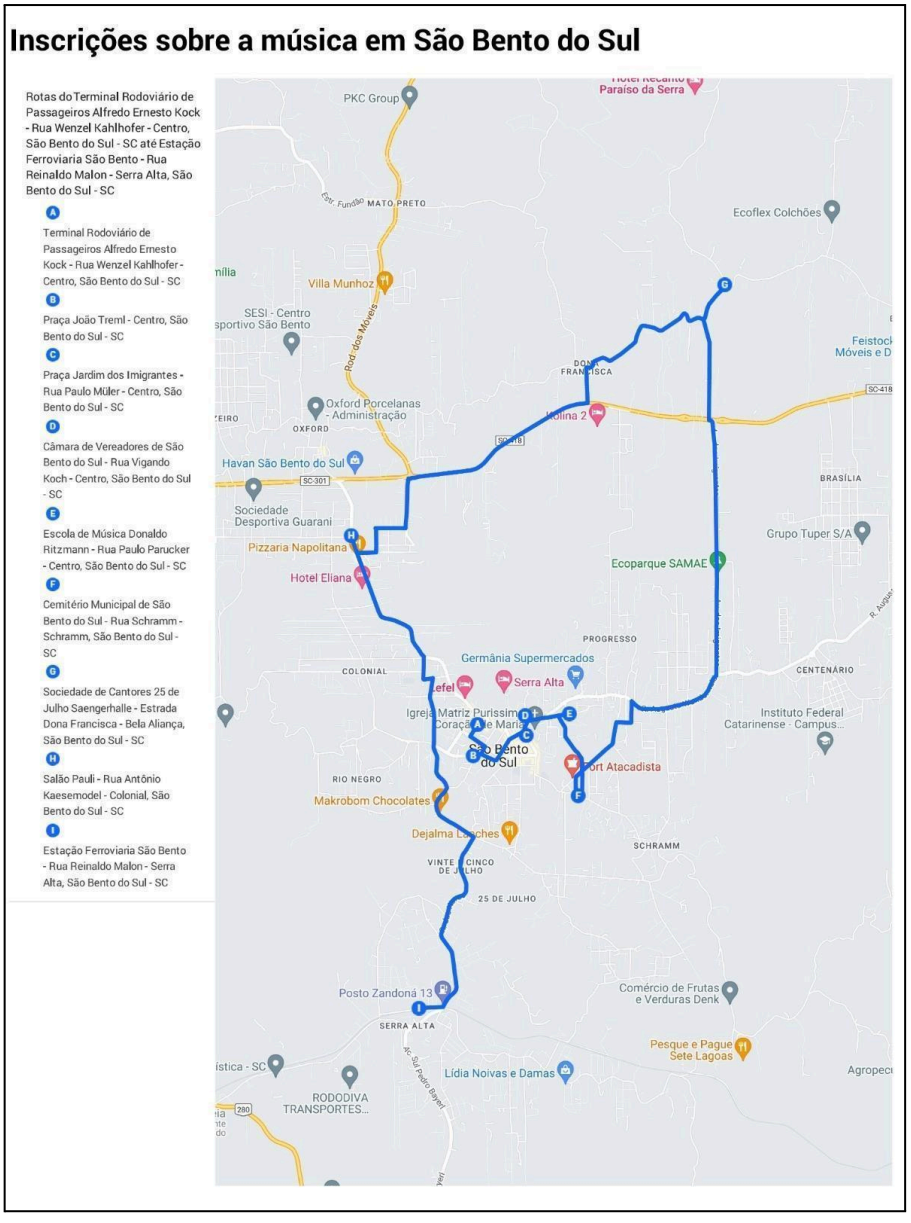
> Paisagem — eis no que se transforma a cidade para o flâneur. Melhor ainda, para ele, a cidade se cinde em seus pólos dialéticos. Abre-se para ele como paisagem e, como quarto, cinge-o. Aquela embriaguez anamnéstica em que vagueia o flâneur pela cidade não se nutre apenas daquilo que, sensorialmente, lhe atinge o olhar; com freqüência também se apossa do simples saber, ou seja, de dados mortos, como de algo experimentado e vivido. (Benjamin,1994, p.186)

“Viver” a cidade caracteriza o andar do *flâneur* que, apesar de possuir características de caminhar “a esmo”, faz muito mais do que ver apenas o que a urbanidade lhe proporciona: ele experiencia a cidade e o tempo. Essa pesquisa se baseou na proposta de experimentação urbana praticada e sentida pelo *flâneur.*

No entanto, depois da experimentação sugeriu-se um roteiro pela cidade no intuito de despertar reflexões a respeito de seus patrimônios, suas representações e suas narrativas silenciosas e, com isso, procurar saber como o discurso de memória coletiva se inscreve no cotidiano por meio dos signos presentes no município.

De forma a facilitar a compreensão do leitor sobre a localização desses signos relacionados com a temática musical, a Figura 1 a seguir propõe uma rota ilustrativa sobre os locais onde se encontram tais evidências.

Figura 1 - Roteiro de pontos de referência musical em São Bento do Sul



Fonte: Google Maps, 2023

O roteiro elaborado elencou nove pontos, nomeados com as letras de “A” a “I”. Mesmo considerando que, de forma geral, são pontos de destaque, alguns em especial evidenciam-se de forma curiosa. É o caso do ponto inicial do roteiro (“A”): a emblemática frase na fachada do terminal rodoviário do município (Figura 2), onde é possível ler “Bem-vindo a São Bento do Sul - A terra dos móveis, da música e do folclore".

Esta inscrição se destaca, em especial, pelo local onde se encontra, o que favorece o intento de sua problematização: é possível levantar a hipótese de que, ao localizar-se em sua “entrada” para o turista ou para o viajante, a cidade busca, de imediato, afirmar para o estrangeiro um discurso de memória coletiva de uma forma potente, uma vez que a localização da frase, somada ao número de pessoas que podem estar vendo-a diariamente, traduz um desejo de fomentar uma identidade contida no significado do texto.

Figura 2 - Fachada da Rodoviária de São Bento do Sul

Fonte: Do autor, 2022

Conforme Jeudy (2005):

> O olhar indiferenciado lançado sobre as coisas da cidade nos coloca em um estranho estado de recepção, um estado de disponibilidade que permanece fora do tempo. Contrariamente, os símbolos representados pelas obras, pelos monumentos, estão ali para obrigar nosso olhar a captá-los. Eles ordenam o campo de visão, impõem objetivos a qualquer deambulação, oferecem-se como rumos de visita. (Jeudy, 2005 p. 120,121)

O autor enfatiza o poder exercido pelos monumentos na tarefa de dar um “rumo” ao olhar daquele que perambula pela cidade ou, nesse caso, daquele que

nela chega. Utilizando-se da afirmação do autor, sugestiona-se inclusive que, a presença da marcante frase no local de entrada de grande parte de visitantes pode ainda mais aumentar essa “força” exercida pelos signos e monumentos, uma vez que é utilizada com vistas a apresentar São Bento do Sul em primeira mão.

O ponto “B”, assim como o anterior, localiza-se também na área central. A Praça João Treml caracteriza-se pela presença do monumento a João Treml (Figura 3), maestro que emprestou seu nome à Banda Treml, possivelmente uma das bandas mais famosas do município, tanto por sua longa história de atividades musicais, como por sua presença constante em eventos da cidade, tais como desfiles, retretas[3], festas e bailes em geral.

Figura 3 - Monumento a João Treml. Praça João Treml

Fonte: Do autor, 2022

O discurso patrimonial na cidade manifesta-se no ponto “A” indicando àquele que chega na cidade a suposta “tradição musical” e, no ponto “B” faz uma alusão a “raízes” musicais da cidade contidas numa herança que teria vindo do imigrante e se propagado para gerações futuras, tendo João Treml como um de seus representantes.

Sobre o patrimônio relacionado a esse discurso, é possível problematizar as escolhas patrimoniais representativas da música são-bentense por meio do que escreve Hartog (2006), que destaca na segunda metade do século XX, mais precisamente após os anos 1960, o crescimento de movimentos destinados a “buscar raízes, preservar, guardar”, ao que o autor frisa que tal ato, por mais que

[3] Evento musical ao ar livre com a presença de uma banda ou conjunto musical. Em São Bento do Sul, as “Retretas de Verão” se dão nos meses de janeiro e fevereiro, com participação da Banda Treml.

seja anunciado como “destinado às gerações futuras”, é na verdade “para nós”, ou seja, para o presente.

Oriunda dessa problematização, percebe-se a influência discursiva de memória e patrimônio sendo feita pela cidade do presente, que evoca o passado, mas não qualquer passado: o discurso patrimonial e de memória possui enfoque naquilo que advém da imigração.

Sendo assim, é possível problematizar a escolha da reivindicação de um título da cidade da música pela narrativa da imigração, isto é, o enfoque não é questionar a relevância das manifestações musicais provenientes de um suposto legado dos imigrantes, mas sim indagar se as características que supostamente fazem de São Bento do Sul a Cidade-Música são exclusivamente essas e ainda, se essas manifestações por si só são suficientes para assegurar a perenização do epíteto da cidade.

Ainda na área central, é possível encontrar ícones que, se supõe, buscam o favorecimento de um “merecimento” do título concedido à cidade na fachada de seu terminal rodoviário. O ponto “C” do roteiro elaborado encontra-se na praça central da cidade e o local merece destaque em alguns pontos específicos. O primeiro deles refere-se ao seu significado como “marco” do início da colonização de São Bento do Sul.

Conforme já mencionado, o aumento do número de imigrantes que chegavam na Colônia Dona Francisca no final dos anos 1860 e início dos anos 1870 era preocupante para a Companhia Colonizadora. Como forma de estabelecer novos locais para destinar os imigrantes que chegavam, a direção da Companhia incumbiu o engenheiro Christian August Heeren de realizar a demarcação dos lotes na região do planalto, na região da atual São Bento do Sul.

Heeren então subiu a serra juntamente com um grupo de trabalhadores, de forma a preparar a demarcação dos lotes, bem como a realizar a recepção e abrigar os imigrantes quando chegassem, fato este que, assim esperava-se, logo aconteceria (Pfeiffer, 1997)

De acordo com Pfeiffer (1997) foi levantado, pelo grupo liderado por Heeren, um galpão na região sueste da atual Praça Jardim dos Imigrantes (ponto “C”), de forma a assentar inicialmente os imigrantes que chegassem, o que ocorreu ao anoitecer do dia 21 de setembro de 1873. Instalou-se naquele galpão o grupo de

70 europeus que haviam deixado a Colônia Dona Francisca na madrugada de 20 de setembro de 1873.

Chama a atenção o detalhe que a nomenclatura praça “Jardim dos Imigrantes” é recente, mais precisamente do ano de 2020. A lei municipal nº 4.305, de 16 de setembro de 2020 oficializou a troca da nomenclatura do local, que anteriormente possuía o nome de “Praça Getúlio Vargas”.

O Jornal A Gazeta (2020), ao tratar sobre o então projeto de lei, frisa que as justificativas estão atreladas a razões históricas e à revitalização do espaço da praça, que estava acontecendo naquele ano. Em outra edição, A Gazeta (2020) destaca quais aspectos históricos que supostamente subsidiaram a justificativa para a alteração do nome:

> A Praça Getúlio Vargas, na região central de São Bento do Sul, pode ter seu nome mudado para Jardim dos Imigrantes. Um projeto propondo a mudança foi encaminhado à Câmara de Vereadores, mas ainda não tem data para ser votado. A Prefeitura apresenta como justificativas razões históricas, as quais foram levantadas pela Fundação Cultural, além de ser uma reivindicação antiga de vários historiadores. Confira as 4 razões históricas:
> 1. Em 1882 o núcleo urbano da incipiente colônia São Bento contava com pouco mais de 50 terrenos, e a população se concentrava no pequeno esquema urbano onde atualmente é a quadra central da cidade.
> 2. Quando Manoel Tavares assumiu como prefeito, ele tinha como meta modernizar o centro, e o terreno que havia sido comprado em 1891 foi o palco de duas de suas maiores realizações: a construção da Prefeitura e a implantação do Jardim Público. Na época, denominou-se o espaço como "Kammergarten".
> 3. Por volta de 1930 esse logradouro viria a se chamar "Jardim João Pessoa", nome do governador paraibano assassinado em 22 de julho de 1930 – João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, que era sobrinho do ex-presidente da República, Epitácio Pessoa. Enfim, quase todas as cidades brasileiras deram a uma praça ou rua principal o nome do "mártir" da revolução que tinha sido assassinado naquela época.
> 4. Mais tarde, por volta de 1937, assim que Getúlio Vargas implantou o Estado Novo e tornou-se o Chefe Nacional, entenderam que ele fazia jus às honrarias concedidas a nível municipal em todo Brasil. Então, um decreto municipal assinado pelo então prefeito Joaquim Salles, o jardim ao lado do edifício da Prefeitura teve oficializada a denominação de "Jardim Dr. Getúlio Vargas". O nome de João Pessoa, por sua vez, foi transferido para uma rua próxima que, mais tarde, receberia o nome de Jorge Lacerda, o infortunado governador falecido no trágico acidente aéreo de 1958 que tanto abalou Santa Catarina na época. (A Gazeta, 2020)

Faz-se necessária aqui a problematização a respeito da nomenclatura da praça. Apesar de serem, conforme explicita a reportagem, prestadas “honrarias” ao ex-presidente da República Getúlio Vargas em vários municípios do Brasil, não é possível deixar de se frisar a incoerência do nome do referido político numa praça central de uma cidade, que foi fundada por imigrantes europeus e que, por

consequência, manifesta culturas desses indivíduos, sendo que o governo Getúlio foi o responsável por uma política de perseguição ao que “não era nacional” no período do Estado-Novo (1937-1945).

De acordo com Geraldo (2009) no Estado-Novo foi criado o Conselho de Imigração e Colonização e através dele foram realizadas as chamadas medidas de nacionalização, que foram fomentadas com políticas educacionais, policiais e de publicações oficiais do governo de forma repressiva às pejorativamente classificadas na época como “zonas desnacionalizadas”, que nada mais eram do que os núcleos formados por imigrantes e descendentes, onde os esforços de colonização haviam criado formas de preservar os costumes e a cultura, por meio de associações e instituições de ensino. O autor ainda frisa que as políticas repressivas se tornaram ainda mais fortes após o ano de 1941, devido ao apoio do Brasil aos Aliados na Segunda Guerra Mundial.

Outro ponto a ser destacado é a atualização histórica sobre a figura do imigrante através da alteração do nome da praça e com isso a afirmação do discurso sobre a música na cidade: conforme já mencionado, a música estava presente no cotidiano do imigrante e com ele, veio se fazer presente na nova morada do europeu em terras brasileiras. Lembrar do imigrante na praça central da cidade é uma tentativa de memorar sua participação na construção e afirmação da alcunha e da memória coletiva sobre a música na cidade.

Importante destacar também o contexto atual de 2020, quando dessa atualização, momento em que a afirmação de descendência branca, europeia, cristã possui sentidos silenciosos de uma suposta supremacia identitária no contexto social, político e econômico no país. Essa universalidade hegemônica é estressada constantemente nos jogos das chamadas minorias e como resultado, não é coincidência o recrudescimento de um discurso da identidade dominante.

O coreto (Figura 4) que se encontra no local é o segundo ponto que pode ser evidenciado como um potencializador do discurso sobre a musicalidade da cidade. Nesse espaço são realizados eventos musicais, sendo talvez o de maior destaque as Retretas de Verão. O evento é marcado pela execução de músicas pela já mencionada Banda Treml – conjunto este que ultrapassa os 100 anos de atividade musical – sempre entre os meses de janeiro e fevereiro, às 20h, nas quartas-feiras. O evento faz parte do cotidiano são-bentense aproximadamente desde as décadas de 1940 e 1950 (Oliveira Neto, 2014)

Figura 4 - Coreto da Praça Jardim dos Imigrantes

Fonte: Do Autor, 2022

Ainda sobre o coreto, após sua reforma no ano de 2020, este também passou por um processo de nomeação. A lei municipal nº 4.668, de 14 de outubro de 2022 denomina Maestro Affonso Treml – Xerife o coreto da Praça Jardim dos Imigrantes. Conforme Oliveira Neto (2014), Affonso Treml (“Xerife”), filho de João Treml, passou à liderança da Banda Treml por volta dos anos 1935/1940, permanecendo até 1980, quando faleceu após a realização de uma cirurgia.

O autor destaca que sob a batuta do “Xerife”, a Banda iniciou a realização das famosas retretas de verão, por volta das décadas de 1940/1950, além de ter sido também em seu período como maestro que a banda gravou seu primeiro *LP*, em 1961, o segundo em 1963 e o terceiro em 1965.

Nesse ponto é de extrema relevância problematizar a forma como uma memória coletiva relacionada com a música supostamente teria o efeito sobre a população local, nas questões de manifestações festivas, eventos e demais situações cotidianas corriqueiras colocando em pauta, logicamente, o estudo das alcunhas relacionadas ao município ao longo dos anos.

Busca-se, portanto, compreender o motivo pelo qual algumas retóricas possuíram força e aceite para se sustentar, enquanto outras acabaram, talvez, se perdendo na pátina do tempo. O caso, tanto da praça como do coreto, pode evidenciar o intento de sustentação da memória coletiva relacionada à música, subsidiada por referências históricas advindas dos imigrantes, isto é, a instituição de patrimônio por meio do poder estatal vem ao encontro da premissa da “originalidade” e do “legado”.

Por um lado, os estudos de Prats (1997) corroboram com a hipótese da relevância da contribuição dos imigrantes no fomento do discurso de memória e identidade da música em São Bento do Sul, quando o autor salienta que a base teórica a respeito do patrimônio, desde seus conceitos mais restritos até os mais amplos, mostra-se extremamente importante na problematização dos estudos do patrimônio cultural, de forma que se pense um patrimônio de caráter representativo, ou seja, como uma representação simbólica de versões de identidades, onde é possível compreender o símbolo como uma forma afetiva de estabelecimento de relação entre ideias e valores, em consonância com a compreensão de que, por meio do patrimônio representativo, seja possível expressar essa identidade publicamente.

Todavia, é importante também destacar que o campo da representação identitária e do discurso patrimonial é fruto de constantes disputas de afirmações e tentativas de demonstrar as manifestações culturais que evidenciam os mais distintos grupos sociais, ou seja, ao longo dos anos é possível verificar um endosso da memória coletiva sobre música na cidade voltada de forma muito enfática para a música dita como a de “origem”, fato esse reafirmado pelo discurso da cidade do tempo presente.

É importante mencionar novamente que, na relação entre o epíteto e sua retroalimentação, questiona-se a forma como a cidade nutre o seu discurso, como a população adota esse discurso e as disputas entre os grupos sociais pelo seu direito de representação cultural, sem fazer aqui, logicamente, nenhum tipo de julgamento de valor sobre uma manifestação cultural em detrimento de outra.

Na cidade do tempo presente, e em especial considerando-se a grande facilidade de contato com as mais distintas manifestações culturais (neste recorte em especial, as musicais) na era digital, não é estranho que venhamos a encontrar, com maior frequência, também outras expressões musicais no espaço da praça.

O ponto “D” destacado na rota marca a localização da Câmara Municipal de Vereadores de São Bento do Sul. De acordo com Mafra (201?) o atual prédio sede da Câmara foi autorizado para ser construído entre os anos de 2003 e 2004, sendo oficialmente inaugurado em 29 de julho de 2005. O destaque dado ao espaço destinado ao poder legislativo são-bentense, no recorte sobre a música no município, está relacionado com o grande painel de madeira (Figura 5) instalado no plenário da Câmara. Mafra (201?) escreve que:

> O painel “A música da história”, do artista Evaldo Pereira Greinert, está no plenário da Câmara de Vereadores. Instalado em 2006, o painel é feito em madeira nobre, o cedro rosa, e é formado por 33 tábuas de madeira. Mede 7 metros de comprimento por 4 de altura. A obra é uma das maiores do gênero no Brasil, ela conta o início da imigração europeia e traz partes da partitura musical do hino do município. (Mafra, 201?)

Figura 5 - Painel “A Música da História”

Fonte: Do Autor, 2023

A descrição deste painel merece uma atenção, bem como a análise das formas esculpidas também é de muita relevância. Nele é possível visualizar a figura do imigrante, dedicado ao trabalho com a madeira – no que pode ser enfatizado o recorte da alcunha “Terra dos Móveis” –, ao mesmo tempo, uma partitura que atravessa uma roda d’água, salientando o papel da música em conjunto com o dia a dia do imigrante e do são-bentense, remetendo à alcunha da “Cidade-Música”.

Percebe-se por meio desta obra a busca de sustentação do discurso: O fato da partitura em questão representar parte do hino da cidade pode ser associado com uma suposta elevação do papel desempenhado pela musicalidade na cidade: a música que a representa e que está presente no cotidiano ao longo do tempo.

Mais do que uma vivência diária, a sustentação de um discurso demanda de artifícios que o permitam se reafirmar e se perpetuar ao longo do tempo. Exemplo disso é o ponto “E” do trajeto: a Escola de Música Donaldo Ritzmann (Figura 6). Fundada em 31 de março de 1954, a escola inicialmente fazia parte da Sociedade Ginástica e Desportiva São Bento, integrando seu Departamento de Cultura até 1970, passando em seguida para a Fundação de Cultura e Esporte e, após a extinção desta última, subordinou-se ao Departamento de Educação e Cultura e por fim para a Fundação Cultural.

Donaldo João Guilherme Ritzmann, diretor da escola durante 36 anos, foi homenageado com a oficialização do nome da escola como Escola de Música Donaldo Ritzmann, em 1977 (Mafra, 2020).

Figura 6 - Escola de Música Donaldo Ritzmann

Fonte: Do autor (2022)

De acordo com Mafra e Silva (1995) a Escola de Música tornou-se o centro de formação de novos músicos. Malschitzky (2010), em entrevista a Christa Bollmann Weiss, destaca o depoimento da violinista e ex-aluna da Escola de Música, que participou de seu primeiro concerto no ano de 1954, aos nove anos de idade.

O início, prossegue Weiss, teve influência do pai e do Sr. Donaldo Ritzmann, frisando que este conseguiu a ela uma bolsa de estudos para estudar com o Maestro Alberto Jaffé, nas Agulhas Negras, em Teresópolis - RJ. O autor enfatiza ainda que o relato da Sra. Christa afirma que a escola sempre recebeu apoio da prefeitura e de empresas privadas e que é mantida através da prefeitura e do montante arrecadado com mensalidades.

Atualmente na instituição, são oferecidas aulas de acordeão, baixo tuba, clarinete, flauta doce e flauta transversal, piano, saxofone, teclado, trompete, trompa, trombone, bombardino, violino Suzuki e tradicional, violão e violoncelo, contrabaixo, bateria, viola caipira, além de teoria elementar de música e técnica vocal. Contando com cerca de 25 professores, a escola atende um público total de cerca de 502 estudantes (Escola de Música Donaldo Ritzmann, 2023).

O número expressivo de discentes, professores e instrumentos lecionados na instituição possui relevância quando se considera o fomento do discurso sobre a

Cidade-Música, e por considerar-se sua importância para com essa afirmação, bem como para a própria manutenção da atividade musical são-bentense, justifica-se o local ser elencado como ponto para este roteiro. Cabe destacar também a reportagem do Jornal A Gazeta (2023), do dia 31 de março de 2023 sobre o aniversário da escola, onde se lê o título "**Cidade da Música** - Há 69 anos gerando novos músicos" (grifo nosso).

Na sequência, situado no bairro Schramm, o cemitério municipal é elencado como próxima parada. Talvez, num primeiro momento, o leitor tenha necessidade de mais tempo para fazer a ligação do porquê este local está inserido na rota. O fato é que o nosso ponto "F" traz alguns símbolos em suas lápides (Figura 7 e Figura 8) que remetem à música e, mais especificamente, à Banda Treml. É possível encontrar em algumas lápides, inscrições em formato de lira.

Figura 7 - Detalhe da lápide do maestro João Treml

Fonte: Do autor (2023)

Figura 8 - Detalhe do túmulo do maestro Affonso Treml

Fonte: Do autor (2023)

Ao longo do “passeio” pela cidade, é possível identificar a narrativa da memória coletiva no cotidiano urbano, e neste caso, pode-se exemplificar como ela engloba a interdisciplinaridade sobre a história, ao analisar-se as heranças musicais deixadas pelos antepassados, e a filosofia, onde em consonância com Venera *et al* (2020), utiliza-se o conhecimento científico como potencializador do pensar, refutando a tese de que as referências filosóficas alicerçam esse pensar.

Venera *et al* (2020, p. 425), em estudo sobre o filósofo francês Michel Foucault, ressaltam que o pensar filosófico nas concepções do referido filósofo, por meio da arqueologia e da genealogia, pode resultar numa hipótese relevante para a perspectiva de pesquisa:

> A metáfora da arqueologia sugere um desenho de sítios escavados e milimetricamente estudados. São extratos de vidas cotidianas, práticas discursivas, relações de forças de um tempo organizado em camadas – estratos de tempo. Essa organização não segue uma cronologia; antes, faz-se por meio das próprias discursividades que duram no tempo. A genealogia como emergência captura sentidos construídos das relações de poder estabelecidas e pelo que o sentido emerge.

Nesse sentido, os autores mencionados anteriormente explicitam como as “escavações” e investigações, que aderem a esse modo de se fazer ciência, focam na emergência do problema, fazendo assim com que seja facilitado o processo de verificação de qual fator possibilitou que determinado discurso, em determinado período, viesse a se tornar uma verdade, ou nesse caso, uma possível memória coletiva para o município de São Bento do Sul. Os impactos e consequências desses discursos também podem, de forma interdisciplinar, ser estudados.

A presença das inscrições nesses exemplares de lápides fomenta uma afirmação de identidade local: importantes nomes da música em São Bento do Sul recebem o destaque em seus túmulos como uma forma de ressaltar seu papel e contribuição para a perpetuação do epíteto do município ao longo do tempo, mesmo que essa tentativa de perpetuação ocorra de forma não-intencional, num primeiro momento. A discursividade em torno do “título” atribuído à cidade também procura uma duração na história através das afirmações contidas nestes jazigos.

É fato que a música se faz presente no cotidiano dos indivíduos de formas variadas. Há aqueles que preferem ouví-la, outros tocá-la ou cantá-la, alguns a escrevem, e há aqueles que fazem tudo isso. Porém, quando se fala em música, se sugestiona também a dança. Logo, as duas próximas paradas da lista são,

sobretudo, espaços destinados à música e à dança: respectivamente a Sociedade de Cantores 25 de Julho (*Sängerhalle)* (Figura 9) e o Salão Pauli (Figura 10).

Figura 9 - Sociedade de Cantores 25 de Julho (*Sängerhalle)*

Fonte: Do autor (2022)

Figura 10 - Salão Pauli

Fonte: Do autor (2022)

A primeira, já mencionada neste texto, além de ser dedicada ao encontro de entusiastas do canto, também promove bailes em seu salão. O Salão Pauli, por sua vez, reúne munícipes e visitantes para bailes desde 1934.

O último ponto do roteiro encontra-se na antiga Estação Ferroviária do bairro Serra Alta. Por meio da Lei Municipal nº 3590, de 26 de outubro de 2015, o prédio da estação tornou-se o Centro Histórico Cultural Estação Ferroviária Osmar Alvim Mallon. O local passou por reformas, sendo oficialmente finalizada a restauração e

realizada a solenidade de entrega da obra no dia 30 de setembro de 2018, conforme reportagem do Jornal A Gazeta (2018).

O vínculo com a memória sobre a música na cidade remete à criação, nas dependências deste Centro Histórico-Cultural, do Museu da Música Maestro Pedro Machado de Bitencourt (Figura 11, Figura 12 e Figura 13), por meio da Lei Municipal nº 3941, de 30 de agosto de 2018, tendo sido inaugurado o museu também na data de 30 de setembro de 2018, juntamente com a reforma do prédio da antiga estação.

Figura 11 - Entrada do Museu da Música

Fonte: Do autor (2022)

Figura 12 - Parte do acervo do Museu da Música

Fonte: Do autor (2022)

Figura 13 - Parte do acervo do Museu da Música

Fonte: Do autor (2022)

Cabe destacar alguns trechos da lei de criação do Museu da Música:

> Art. 2º O Museu da Música destina-se a abrigar, salvaguardar, conservar, estudar, valorizar, divulgar e desenvolver os bens culturais que compõe seu acervo, promovendo os patrimônios musicológicos, fonográficos e organológico, tendo em vista o incentivo à qualificação e divulgação da **cultura musical do nosso município**, além de valorizar a **memória da música** produzida e gravada, bem como de seus autores, intérpretes, instrumentos e meios de execução.
> Art. 3º O acervo do museu de que trata o artigo anterior será formado por partituras, objetos, fotografias, películas, gravações, instrumentos musicais e outros elementos fonográficos e ou documentação multimídia, além de bibliográfico, que se constituam em cultura musical, fonte de pesquisa e estímulo à produção musical e à preservação da **memória da música do nosso município.** (São Bento do Sul, 2018, grifo nosso)

Os termos grifados, logicamente, fazem alusão às questões históricas sobre a música em São Bento do Sul. Todavia, com as afirmações contidas na lei e com o espaço do Museu como local para a "memória da música" da cidade, é importante problematizar novamente a sustentação do discurso do epíteto são-bentense relacionado com a temática do presente estudo e, nesse sentido, quando Halbwachs (1990) escreve sobre a memória do indivíduo e a memória "coletiva", podemos entender como a presença de locais como estes, listados no roteiro, corroboram para que se busque a tentativa de sustentação e reafirmação do discurso:

> Haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas. Em outros termos, o indivíduo participaria de duas espécies de memórias. Mas, conforme participe de uma ou de outra, adotaria duas atitudes muito diferentes e muito contrárias. De um lado, é no quadro de sua personalidade, ou de sua vida pessoal, que viriam tomar lugar suas

> lembranças: aquelas que lhe são comuns com outras não seriam consideradas por ele a não ser sob o aspecto que lhe interessa, na medida em que se distingue delas. De outra parte, ele seria capaz, em alguns momentos, de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter a lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo. Se essas duas memórias se penetram frequentemente; em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente a sua substância. (Halbwachs, 1990, p.53)

Os itens destacados na rota sobre patrimônio/música em São Bento do Sul podem ser considerados como exemplos de locais que possuem a função de apoio à memória coletiva que, mesmo que momentaneamente, pode confundir-se com a memória individual do sujeito ou então, ser subsídio para que esse indivíduo identifique nelas uma forma de se sentir pertencente a um determinado grupo social.

As representações identitárias, evidenciadas pelo patrimônio cultural explícito no roteiro realizado (bem como em outras possíveis percepções do *flâneur*), estreitam uma ligação do campo do patrimônio e, consequentemente, de sua interdisciplinaridade[4] característica, com a história são-bentense e o fomento desta memória.

Por esse viés, a reflexão tendo por base os estudos de Candau (2011), evidenciam demandas identitárias do município de São Bento do Sul, que buscaram (ou buscam) interligações com a música, tendo provavelmente por maior representante dessas reivindicações, o destaque na musicalidade advinda dos imigrantes.

O passeio do *flâneur*, que inspirou propositalmente um “roteiro da música” traz uma ideia sobre a forma como a cidade se retrata, entretanto, de acordo com Jeudy (2005):

> A cidade não pára de se expor, o que não é idêntico ao fato de que se pode expô-la. Sua morfologia global é sentida de maneira orgânica, antes de qualquer construção da representação, pelo imediatismo de nossos modos de apreensão. Ao contrário, a exposição da cidade, as maneiras de pensá-la, de representá-la, se cristalizam em torno da imagem. Somos forçados a olhá-la como imagem de si mesma, a vê-la como exposição. (Jeudy, 2005, p. 118)

[4] Relação entre disciplinas ou campos de saberes de forma dialógica, em que as especificidades de cada uma se tornam colaborativas com o intuito de resolver problemas sociais complexos que, apenas com uma disciplina, não teria resposta.

O contínuo “expor” da cidade em sua urbanidade enseja uma abordagem distinta do urbano, para além de um roteiro previamente elaborado, apesar de poder ter uma íntima relação com ele. A cidade com a exposição de seus signos representativos, é percebida pelo habitante, e este subsidia a formação da sua subjetividade através destas formas que, no cotidiano, se banalizam e, talvez, passam quase despercebidas, mas que são fundamentais para refletir a respeito de como o sujeito de fato age sob a influência identitária proveniente do discurso de memória coletiva.

O alinhamento dos questionamentos que envolvem a forma de percepção do munícipe, do músico e dos sujeitos atuantes no meio educacional ao campo do patrimônio, (como por exemplo: de que forma essa memória está associada à educação? O repasse e perpetuação discursivos de memória são feitos através dela?) faz-se extremamente relevante.

Isso se dá por conta da possibilidade das abordagens interdisciplinares dos estudos na área, bem como pelo terreno fértil proporcionado pelo campo do patrimônio cultural quanto às pesquisas com um viés interdisciplinar, por meio dos quais percebemos a possibilidade de adentrar a esse espaço de interstício entre o discurso patrimonial e o real estado da forma de “sentir” a musicalidade do município, por aquele que vivencia no cotidiano.

A elaboração de um roteiro pela cidade está diretamente ligada com o estabelecimento de parâmetros e de propostas fundamentadas sobre a temática que se propõe, quando se escolhe os pontos a serem visitados. Entretanto, isso não quer dizer que o caminhante não perceba e se deixe levar por detalhes que estão “fora” da rota.

É relevante destacar, contudo, que a caminhada implica na realização de relações feitas por aquele que caminha e aquilo que encontra, uma vez que “a caminhada afirma, lança, suspeita, arrisca, transgride, respeita etc.” (Certeau, 1998, p.179) e desse modo, como o autor afirma que o caminhar está vinculado ao espaço urbano da mesma forma que a enunciação está para a linguagem, é possível sugestionar a potencialidade memorial urbana são-bentense relacionada com a música não somente em suas narrativas silenciosas e em um roteiro previamente estipulado, mas também em ações dos governos da cidade, bem como de percepções das pessoas sobre distintos aspectos da cidade a respeito de seu título.

O capítulo seguinte enfoca na problematização sobre os epítetos, com vistas a questionar os fatores motivadores de seu surgimento, para em seguida levantar a hipótese de como o epíteto de São Bento do Sul teve seu fomento, sua manifestação, e ainda, de que maneira os entrevistados que participaram dessa pesquisa percebem a maneira com que a cidade se faz, se mostra e procura realizar os intentos de uma atribuição de real significado para o título que lhe é atribuído.

3 CIDADE E IDENTIDADE: A BUSCA PELA SUSTENTAÇÃO E REAFIRMAÇÃO DO EPÍTETO DE SÃO BENTO DO SUL

“A terra dos móveis, da música e do folclore”. Uma frase que engloba três aspectos que foram escolhidos como representativos para São Bento do Sul, os quais seriam determinantes para distinguir o local das demais cidades e caracterizar o município, uma vez que a sua utilização e permanência remete, supõe-se, uma sustentação com base histórica.

A atribuição desses dísticos que caracterizam algo, no caso uma cidade, são também, assim como a análise de sua permanência ou efemeridade, reflexo de um período histórico, de uma percepção de mundo e das experiências do sujeito, ou do grupo social, em questão.

É sabido e já dito anteriormente neste trabalho, sobre a colonização européia de São Bento do Sul, iniciada na segunda metade do século XIX, e seu papel no discurso sobre a identidade da cidade. Logicamente, se fazem necessárias as problematizações a respeito do papel do imigrante nessas chamadas “tradições” e por consequência, na identidade local.

Sem dúvida, é perceptível que a localidade possui traços oriundos desses indivíduos que chegaram da Europa para a região do Planalto Norte catarinense. Entretanto, devemos questionar se, ao longo dos anos, apenas o discurso oriundo do imigrante é suficiente para manter as alcunhas atribuídas ao local, sem entretanto, desmerecer o papel relevante dos colonizadores da cidade.

Os próprios movimentos migratórios da Europa para a América no século XIX são um pano de fundo para a utilização de nomes e apelidos para locais que eram desconhecidos pelas pessoas, mas que eram projetados em suas mentes, tanto com ideias positivas como negativas. Dessa forma, uma vez da chegada ao novo país, os colonos tinham a necessidade de nomear e caracterizar sua nova morada.

No período da vinda das primeiras famílias imigrantes para a região da atual São Bento do Sul, algumas referências eram utilizadas. Kormann (1997) em matéria para o Jornal Evolução destaca alguns dos epítetos utilizados pelos imigrantes quando da escrita de cartas para parentes em sua terra natal, tais como “Terra da Promissão”, “Terra de Canaã”, “Terra Prometida”, “Terra da Esperança”, “Terra da Liberdade”, “Nova Pátria” e “*Böhmerwald*”.

A utilização desses epítetos está em consonância com a já mencionada influência que os sujeitos tinham com relação ao período histórico que viviam bem como suas experiências pessoais, que podem ser verificadas, por exemplo, no uso de nomes de cunho religioso, na menção a um lugar pelo qual esperançavam sentimentos de liberdade e a alusão à *Böhmerwald* (Floresta da Boêmia), de onde teriam vindo parte dos imigrantes colonizadores de São Bento do Sul.

Para além de caracterizar, um epíteto está diretamente ligado à identidade, logo, por uma memória ou ainda, por um discurso de memória. Questionado sobre o epíteto de São Bento do Sul sobre a música, o professor Antonio Dias Mafra, historiador e pesquisador da história de São Bento do Sul, destaca que:

> Arrumar epítetos para a cidade isso é antigo. São Bento era chamada de "Petrópolis Catarinense", por causa do seu ar; "São Bento cidade das hortênsias" por causa das hortênsias que tinha no morro da igreja; "Cidade de clima frio" comparando logicamente com Joinville, então o pessoal vinha prá cá pra fugir do calor de Joinville… então esse apelidos e epítetos São Bento sempre vem recebendo. Então, se houver uma mudança, pode crer que eles já arrumam outro! (Risos). (Mafra, Santos, 2023)

A forma como a cidade é vista de fora, ou como é definida por seus habitantes tende a subsidiar a criação de epítetos. Quando Mafra afirma a existência de outras alcunhas do local em outras épocas, logicamente associa o vislumbre da cidade por indivíduos em determinado período histórico. Todavia, chama atenção a parte final de sua fala, quando destaca que mediante mudanças, outro "apelido" será criado.

Essa menção nos coloca a par de duas discussões. A primeira delas diz respeito ao incessante dinamismo das cidades, sua constante mudança, uma vez que os indivíduos que nela residem ou elas visitam, são afetados pelas sucessivas alterações de contexto social, motivadas por fatores como política, economia, cultura… ou seja, a cidade não é um bloco rígido, mas uma amálgama que, em sua heterogeneidade de indivíduos pela qual é formada, altera-se de acordo com influências internas e externas, conforme o período histórico que vive.

A segunda diz respeito a perenização de um título ou alcunha que, de consideração tão elevada, é colocado em destaque no ponto em que aquele estrangeiro que chega no local, em primeiro momento, assimilará que "São Bento do Sul é, por antonomásia, 'Cidade-Música'." (São Bento Do Sul, 1969).

Entretanto, questiona-se o fato de sua permanência: seria por uma exatidão histórica ou por conveniência? Por uma retroalimentação sustentada do título ao longo dos anos, isto é, pelo reconhecimento dos cidadãos e dos músicos como algo que realmente lhes representa e faz parte de sua identidade, ou por um discurso patrimonial “autorizado” (Smith, 2006)? Consideramos uma boa forma de buscar a resposta a esses questionamentos por meio de algumas pesquisas sobre o local e também, algumas percepções pessoais de nossos entrevistados a respeito disso.

Em 23 de setembro de 1985, dia do 112º aniversário de São Bento do Sul, na gestão do então prefeito Genésio Tureck, o novo Terminal Rodoviário de São Bento do Sul era inaugurado. Na época, o boletim oficial do município, no mês de setembro, destacava:

> É inegável que esta nova rodoviária se constitui num cartão de visitas para todos aqueles que vêm à São Bento do Sul. Hoje, transferidos os ônibus para o Novo Terminal, temos um novo visual da cidade, evitando congestionamentos na Avenida Argolo e possibilitando que o tráfego flua normalmente, com segurança. (São Bento Do Sul, setembro de 1985, p. 18)

As manchetes da época evidenciavam, pois, a relevância da construção desse novo prédio, tanto no que diz respeito ao modo como recepcionar os turistas, como em um projeto de melhoria do tráfego urbano. Como já mencionado anteriormente, problematizamos ao longo dos escritos neste trabalho o fato da rodoviária possuir o destaque da pintura da fachada, que denuncia o “título” da cidade. No entanto, as fotos do período de finalização da obra mostram uma fachada ainda sem a referida pintura da frase, no ano de 1985.

Figura 14 - Vista da fachada da nova rodoviária em 1985

Fonte: Boletim Municipal - agosto de 1985. Acervo do Arquivo Histórico Municipal (2023)

Figura 15 - Vista do pátio de manobras da nova rodoviária em 1985

Fonte: Boletim Municipal agosto de 1985. Acervo do Arquivo Histórico Municipal (2023)

Os registros no Arquivo Histórico de São Bento do Sul não possibilitam que se afirme a data exata da pintura da frase “Bem-vindo a São Bento do Sul - A terra dos móveis, da música e do folclore" na fachada do terminal, porém, as entrevistas concedidas nos dão uma ideia de um recorte temporal de quando possa ter sido realizada essa pintura.

O Sr. Josias Terres, secretário de educação de São Bento do Sul, ao ser questionado em sua entrevista se quando jovem, já ouvia falar que São Bento do Sul é a Cidade da Música, enfatizou:

> Não porque eu vim morar para São Bento em 1988, então a cerca de 34… eu tinha 18 anos na época. Eu conheci assim como cidade da música quando cheguei na rodoviária e fiz aquela leitura, que tinha ali, que era a cidade ali dos móveis, folclore e música… que eu acabei até me perguntando o porquê da música, naquele momento. (Terres, Santos, 2023)

O recorte temporal estabelecido pelo entrevistado nos dá uma ideia de que a pintura ocorreu já em finais da década de 1980, ou seja, não muito tempo após a sua inauguração. Chama a atenção que, o novo prédio, já considerado desde pouco antes de ser inaugurado como importante para ser o cartão de visitas da cidade, ganhe o título como destaque em sua fachada como, supõe-se, uma tentativa

contundente de frisar o discurso sustentado pela cidade e as representações que o afirmavam.

De certa maneira e mesmo não sendo possível precisar a data da pintura, é sabido que em outros registros já se falava em São Bento do Sul como “Cidade-Música” antes mesmo da exposição do epíteto no terminal. É o caso, por exemplo, do já mencionado texto da Lei nº 174, de 27 de agosto de 1969, que oficializa a instituição do novo brasão de armas e bandeira do município de São Bento do Sul.

Para além do texto, todavia, é essencial problematizar o fato de uma perenização de uma alcunha e sua sustentação, tanto pelos representantes governamentais do município, como principalmente por sua população, estão para além de inscritos: estão associados à prática, ao cotidiano e a passagem de um discurso memorial de geração para geração.

Em sua entrevista concedida para essa pesquisa, Liane Malewschik Mafra, professora, hoje aposentada, que atuou principalmente na educação infantil e tem estreitos laços com a música, tanto no exercício da docência como também como *hobby,* destacou que o ensino da música, muitas vezes, ultrapassava o gosto pela música, o hobby ou a profissão, sendo muitas vezes encarado até como uma espécie de obrigatoriedade, e prossegue narrando sobre São Bento do Sul e a música por volta dos anos 1960:

> Ela já era uma cidade da música. Tanto que todos, na maioria as famílias de tradição germânica né, tinham como quase obrigatoriedade além da escola, tinham que aprender algum instrumento na escola de música. Então eu aprendi piano, meus irmãos todos eles, um é pistão, o outro é clarinete, minha irmã piano também o outro irmão violino… todos aprenderam, mesmo que não quisesse! Era uma, quase que tipo obrigatoriedade. Depois mais tarde desistia, ou quem gostava ia adiante né. Se tornou até, na minha época, eu acho assim… quando eu tinha uns 10, 12 anos, tipo um status… mesmo as famílias que não tinham essa tradição de música elas achavam muito legal, então tinha que ir na escola de música porque era tipo um status assim. Uma coisa além do ensino regular. (Malewschik Mafra, Santos, 2023)

O relato de Liane possibilita a reflexão acerca de dois aspectos interessantes. O primeiro deles é o senso de “obrigatoriedade” de se aprender música na escola de música. Percebe-se uma tentativa de repasse de um costume tendo em vista que, conforme o relato, a família já vinha em outras gerações, sendo formada por integrantes que eram músicos, ou tinham algum conhecimento musical, mesmo que esses muitas vezes até não o quisessem iniciar ou aprimorar.

O outro aspecto está no entorno do chamado “status”. Se de fato estudar na escola de música atribuía ao cidadão uma posição de destaque, essa circunstância está ligada também a uma atribuição de valor ao ensino musical. Cabe ressaltar que esses aspectos são relevantes quando se procura enfatizar a manutenção da alcunha, ou seja, o motivo pelo qual ela perpassa por vários períodos históricos e propicia que o discurso de memória coletiva continue sendo fomentado e sustentado.

É prudente que, por chamarmos tanto a atenção para o epíteto, fruto deste discurso de memória, e consequentemente a frase pintada na fachada do terminal rodoviário da cidade, situemos o leitor sobre alguns fatos ocorridos quando da inauguração do prédio que ostentaria o “título” atribuído a São Bento.

O Boletim Oficial do Município, de setembro de 1985, destaca a apresentação de grupos folclóricos e fanfarras no pátio do novo prédio, após o ato de inauguração. Nesse sentido, mesmo sem a escrita da alcunha onde hoje está, há a presença intrínseca da sustentação do título para a cidade por meio das apresentações, daquilo que vem a ser supostamente, um retrato identitário local: as manifestações musicais.

Figura 16 - Vista de apresentação musical no pátio de manobras

Fonte: Boletim Municipal - setembro de 1985. Acervo do Arquivo Histórico Municipal (2023)

Figura 17 - Vista da sacada do prédio da nova rodoviária: apresentação musical no pátio de manobras

Fonte: Boletim Municipal - setembro de 1985. Acervo do Arquivo Histórico Municipal (2023)

A presença das bandas e fanfarras nos eventos, apesar de não serem de exclusividade do município, trazem à tona questões como o gosto pela apreciação, bem como pela execução das músicas; a participação escolar por meio de suas bandas em momentos importantes da história do município e, talvez um dos fatores mais relevantes, que é a transmissão de conhecimentos musicais, bem como do próprio gosto pela música, por diferentes gerações.

Essas gerações, é importante enfatizar, não necessariamente necessitam ter um elo de parentesco com os indivíduos envolvidos, uma vez que podem ser distintos períodos que fazem de ex-estudantes, novos docentes, que por sua vez influenciam outros sujeitos à música.

O professor de música Antonio Fagundes, atuando como regente de bandas marciais em algumas unidades escolares de São Bento do Sul, retrata um fato interessante em sua entrevista concedida para esta pesquisa. Durante a entrevista, procedeu-se o seguinte questionamento: “Quando entramos na cidade, chama a atenção, na fachada da rodoviária, a frase: Bem-vindo a São Bento do Sul, a terra dos móveis, da música e do folclore. Desde quando você lembra de São Bento do Sul ser chamada de a ‘terra da música’?”, ao que o professor respondeu:

> Olha, não quero me gabar, mas eu era aluno de fanfarra, e a gente tocou na inauguração dessa rodoviária! (Risos) A gente participava da fanfarra, na época era a fanfarra do CESB né, depois veio a fanfarra sesiana, e quando foi inaugurado essa rodoviária, a gente foi fazer uma apresentação né, isso era muito comum. E hoje também é comum: ah ó tem uma inauguração de uma escola - apresenta uma banda. Então quando eu era adolescente, a gente participou de várias inaugurações: inaugurou escola ali e pra cá, e fazia apresentações, participava dos desfiles cívicos. Então desde que eu sou adolescente né, desde quando vimos inaugurando tava lá essa frase e tá lá até hoje né então já conheço a muito tempo (Risos). (Fagundes, Santos, 2023)

Não é possível afirmar que a frase de fato estivesse presente desde o ato da inauguração, uma vez que não foram encontradas tais evidências nos documentos e fontes consultadas com vistas a esse fim. Partindo da premissa que a frase possa ter sido pintada posteriormente, pode haver na afirmação feita pelo professor, um caso de metamemória (Candau, 2011), que, supõe-se, pode ser fruto de presença musical fortemente enraizada na cidade e um fomento do epíteto, sem este necessariamente estar inscrito no local onde hoje é ostentado, culminando numa interpretação de memória, fato esse que, logicamente, não desmerece em hipótese alguma o relato feito pelo entrevistado.

Entretanto, o mais relevante nesse caso é a continuação do estudo musical, onde percebe-se que a prática como estudante pode culminar numa futura carreira docente no ramo da música, oriunda, supõe-se, de um engajamento contínuo com essa arte e, dessa forma, de maneira sucessiva, ocorrer essa presença musical tanto no âmbito cultural municipal como nas próprias escolas, uma vez que é possível levantar a hipótese de que as unidades escolares públicas municipais que possuem banda em São Bento do Sul (foi verificada a presença de 11 unidades públicas municipais com banda no ano de 2022) podem ter um forte potencial na perpetuação do epíteto da cidade. Essa discussão será mais bem esmiuçada no próximo capítulo.

O fim da década de 1980 e o início da década de 1990, período em que ficou marcada a exposição do epíteto na nova rodoviária, também foi um período marcado pela grande promoção da cidade no que tange ao discurso sobre sua musicalidade, manifestações culturais e folclore.

Em consulta ao Arquivo Histórico Municipal, foi possível verificar que em 1985, o boletim municipal do mês de setembro trazia a manchete “Um povo que mantém as tradições, a cultura e o folclore”, numa matéria que visivelmente tinha o efeito de promover a cidade. Alguns trechos referem-se a música:

> O são-bentense é completo na sua manifestação musical, existindo músicos que constroem seus próprios instrumentos (os “Luthier”), construtores de órgãos, violinos, violoncelos, instrumentos esses que são utilizados em suas apresentações e também vendidos para diversos estados do País. (São Bento do Sul, setembro de 1985, p. 8)

O que se deve colocar em evidência nesse recorte está presente num argumento até então ainda não utilizado como afirmador identitário local: a construção de instrumentos. Apesar do grande enfoque sobre a alcunha da cidade estar ligado à apreciação e execução da música, a divulgação com efeitos de “vender a cidade” como “completa” na manifestação musical, trouxe à tona a tentativa de abrir o leque da formação dos músicos locais para além da *práxis* da música.

No mesmo documento anteriormente citado, são destacados alguns elementos que já foram elencados no capítulo anterior, como manifestações musicais municipais ditas como “tradicionais”. São eles a Banda Treml, a Sociedade de Cantores 25 de Julho e a Escola de Música Donaldo Ritzmann.

Entretanto, em um provável intento de enfatizar a música presente em todas as esferas da diversidade cultural que podem estar presentes em um centro urbano, o informativo escreve que, além dos grupos já citados “Ainda existem conjuntos musicais de música popular, várias bandas, corais e outros que se apresentam periodicamente, colaborando para manter acesa a chama da cultura e da tradição” (São Bento do Sul, setembro de 1985, p. 8).

Alguns meses antes, o boletim municipal de julho de 1985 trazia a referência de que, naquele ano, celebrava-se o tricentenário de nascimento de Johann Sebastian Bach, Georg Friedrich Händel, Domenico Scarlatti e o quadricentenário de Heinrich Schütz, grandes nomes da música (São Bento do Sul, 1985).

Associada a essa informação, a matéria explicitava a prefeitura como mantenedora dos encargos da Escola de Música Donaldo Ritzmann, fazendo-o, conforme a notícia, na ciência da colaboração em uma influência musical na atual e futuras gerações. O texto prossegue:

> Vários centros culturais do País comemoraram com concertos a passagem desta importante data que, evoca alguns dos maiores gênios da música. São Bento do Sul pode comemorar com justo orgulho esta data, pois a cultura artística de nosso povo, nos legou o nome de **“Cidade Música”**. (São Bento do Sul, julho de 1985, p. 20, grifo nosso)

A cultura artística destacada na citação do boletim pode remeter tanto para o discurso do legado advindo da colonização, como também de uma suposta presença artística musical na cidade que é exposta, pelo referido recorte, quase como sendo inerente ao cidadão são-bentense. Nesse ponto, é pertinente relembrar o que menciona Halbwachs (1990) sobre a participação do sujeito quanto a memória coletiva, ou seja, o apoio no discurso adotado para a sustentação da alcunha é uma via de mão dupla.

O indivíduo, tomando por base o que escreve Halbwachs (1990), apoia-se na memória coletiva com o intuito de tornar-se parte de um grupo, bem como para o preenchimento de lacunas de sua memória individual. Por sua vez, já citando como exemplo o caso de São Bento do Sul, o discurso se vale da participação desse sujeito em ações que estão ligadas às manifestações musicais, fazendo desta um alicerce para uma suposta veracidade da afirmação do local como sendo de fato a "Cidade-Música".

É interessante mencionar que não existe um documento de força de lei que reforce legalmente a cidade como "Cidade-Música". No entanto, essa legislação inexistente sobre o tema não torna o título algo que "não vingue" ou que não seja incorporado na cultura ou no cotidiano urbano são-bentense.

A potência do discurso faz alusão à memória coletiva, conforme já mencionado anteriormente, assim como também busca fazê-lo no próprio patrimônio cultural, na historiografia, na cultura musical… isto é, a soma de argumentos constantes resulta numa alternativa de se manter o título.

No recorte temporal do final dos anos 1980 e início dos anos 1990, não são tão fortemente mencionadas as bandas escolares como possíveis fomentadoras e/ou fomentadas pelo epíteto ou ainda, não há ênfase sobre o papel de demonstrarem e afirmarem a identidade musical para além dos limites da cidade.

A necessidade dessa afirmação externa, dentro das fontes pesquisadas, parece ter um aumento nos anos 1990, mas sem citar as bandas das escolas. Um exemplo da tentativa de extensão do discurso de memória da cidade para além dos limites municipais é verificável na matéria do boletim da administração municipal 1993/1996, que enfatiza o objetivo de "vender a cidade como agradável e **musical"** (São Bento do Sul, 1997, grifo nosso).

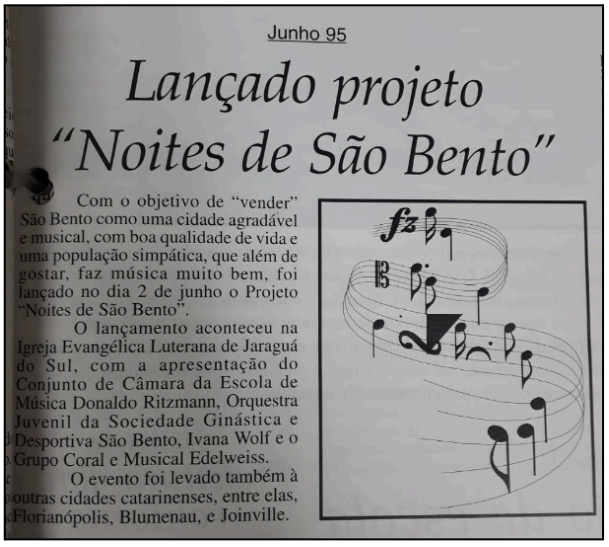
O projeto mostra um interesse governamental numa política de mostrar São Bento do Sul para o “estrangeiro”, apostando em algo que já é realidade na cidade: o discurso sobre a música e o folclore e, por sua vez, demonstra interesse também em afirmar o título na alteridade, ou seja, posicionar a localidade como diferente por conta de uma tradição e/ou cultura distintas de outros locais.

Logicamente, emerge aqui a oportunidade da problematização sobre identidade e diferença, isto é, afirmar que uma característica ou um discurso distingue algo ou alguém dos demais serve para enfatizar que, supostamente, esta característica de fato seria condizente com a realidade, uma vez que são procurados subsídios para essa afirmação.

O fato de existir uma afirmação do título de “Cidade-Música” para São Bento do Sul e, para além disso, a exposição do epíteto para outros locais enfoca uma disputa, ou seja, a necessidade de confirmação para o estrangeiro, a qual é exercida por meio da demonstração, enfatizando uma necessidade de “prova” que vai ao encontro da problematização sobre identidade e diferença.

É importante destacar, nesse contexto, que afirmar uma identidade (e consequentemente uma diferença) pode ser algo que, inerentemente, atesta que não há nada semelhante a essa característica em outros locais, fato este que, no caso do epíteto de São Bento do Sul, não necessariamente se aplica, pois conforme já escrito no capítulo anterior, há outras cidades que também possuem muito forte a influência musical, seja ela advinda ou não de sua colonização.

Figura 18 - Matéria sobre o lançamento do projeto “Noites de São Bento”.



Junho 95

Lançado projeto
“Noites de São Bento”

Com o objetivo de “vender” São Bento como uma cidade agradável e musical, com boa qualidade de vida e uma população simpática, que além de gostar, faz música muito bem, foi lançado no dia 2 de junho o Projeto “Noites de São Bento”.

O lançamento aconteceu na Igreja Evangélica Luterana de Jaraguá do Sul, com a apresentação do Conjunto de Câmara da Escola de Música Donaldo Ritzmann, Orquestra Juvenil da Sociedade Ginástica e Desportiva São Bento, Ivana Wolf e o Grupo Coral e Musical Edelweiss.

O evento foi levado também à outras cidades catarinenses, entre elas, Florianópolis, Blumenau, e Joinville.

Fonte: Boletim Municipal - junho de 1995. Acervo do Arquivo Histórico Municipal (2023)

O fator crucial a ser problematizado neste contexto é a importância dada ao epíteto, a busca por características que o fomentam e discursos que o justificam, e isso não remete apenas ao recorte sobre a música, estudado neste trabalho. Apesar de não ser o enfoque, a título de exemplo é relevante destacar como a busca por justificativas e, consequentemente, fomentadores de uma alcunha, são procuradas também para a afirmação de outro título: o de “Terra dos Móveis”.

A projeção do nome da cidade por meio das alcunhas, de acordo com Mafra (2023), teve momentos de maior força em alguns momentos. Em sua entrevista, quando questionado sobre “Desde quando lembra de São Bento do Sul ser chamada de a ‘terra da música’”, o professor enfatiza também sobre outras questões. A relação da cidade com os móveis é uma delas:

> Olha tem pessoas que gostam desses epítetos, desses dísticos, desses apelidos (risos) e o que eu me lembro foi na década de oitenta… na década de oitenta se projetou muito em São Bento o nome de São Bento que tinha sido muito projetado na década de 70 com o prefeito Oswaldo Zipperer que fez a grande exposição, mas depois na década de 80 nós tivemos assim uma influência muito grande, não digo influência, mas nós tivemos um crescimento populacional muito grande por causa das indústrias de móveis. (Mafra, Santos, 2023)

Mafra (2023) prossegue dizendo que a crescente da indústria do mobiliário abriu portas para que pessoas de outras cidades e outros estados buscassem uma oportunidade em São Bento do Sul. Logicamente, a vinda de pessoas de distintas culturas e costumes é responsável por uma mescla cultural.

Sendo assim, há a hipótese de que a influência das distintas culturas que adentraram na cidade possa ter fomentado um desejo de reafirmação da identidade são-bentense, ou seja, uma busca por dizer qual era a característica que supostamente distinguia a cidade de outras tantas e, com o adendo de que, havia uma grande quantidade de pessoas que vinham de fora da cidade para buscar oportunidades graças ao desenvolvimento moveleiro, seria de certa forma, um público-alvo do discurso identitário.

Por outro lado, essas mesmas pessoas que podem ter sido o público da apresentação de São Bento do Sul como “Cidade-Música” são as que, supõem-se, também trouxeram distintos gostos e costumes para a cidade, inclusive o musical, e podem ter acrescentado algo de novo, que não era até então tão evidente nas manifestações musicais da cidade.

O recorte sobre os móveis, portanto, pelo fato de envolver aspectos importantes, como a economia, acaba impactando também na cultura, justificando dessa forma a pertinência de ser, mesmo que brevemente, explicitado neste trabalho. Diferentemente do recorte sobre a música, São Bento do Sul pode ter, por meio da lei, a afirmação do epíteto de terra dos móveis.

O recebimento da formalidade do título seria recebido alguns anos mais tarde. No ano de 2003, o Jornal A Gazeta traz a notícia sobre São Bento do Sul quando da oficialização do título de “Capital Catarinense dos Móveis”, título este recebido pelo então prefeito Silvio Dreveck, por meio do deputado estadual, à época, Francisco de Assis, no dia do aniversário da cidade (23 de setembro), em sessão solene da Câmara de Vereadores.

Os aspectos econômicos, entretanto, podem resultar em mudanças no real sentido do epíteto para os móveis, no caso de São Bento do Sul e nos fazem refletir sobre as alterações que podem surgir nas características de um município. Sobre isso, Mafra (2023) destaca que a cidade hoje enfrenta problemas com a fabricação dos móveis, principalmente por conta da forte concorrência do mercado externo, ou seja, não necessariamente se mantém o título da cidade como capital catarinense dos móveis com a mesma potência industrial tal qual do momento de sua oficialização. Apesar de Mafra (2023) considerar que essa queda do potencial moveleiro possa ser sazonal, finaliza dizendo que “temos que cuidar que esse epíteto ali tá sujeito a ser passado uma cal por cima! (Risos)”.

Independente do tema a que se refere a alcunha, busca-se justificar o merecimento à sua atribuição de distintas formas. No recorte sobre a música, é possível realizar uma problematização mais profunda, tendo em vista que os argumentos utilizados se referem às temáticas como história, patrimônio, identidade, memória… e é nesse viés que o registro documental anteriormente citado neste capítulo foi direcionado.

De maneira proposital, procuramos registrar aqui alguns destaques feitos pelos documentos consultados, das distintas formas de “posicionamento” do município frente à sua manifestação identitária, ou seja, os argumentos utilizados, sejam eles focados para o chamado “tradicional”, seja para uma alusão a manifestações musicais com enfoque na alteridade. É nítido o estabelecimento de uma relação muito íntima com esses e outros pontos sobre a música, para que se enfatize o pertencimento e o “merecimento” do epíteto.

A problematização de um título para uma cidade e sua retroalimentação é algo se manifesta constantemente ao longo do texto deste trabalho como uma necessidade teórica, ou seja, não necessariamente o enfoque do motivo pelo qual São Bento do Sul recebe esse título, mas o motivo pelo qual determinados segmentos são escolhidos para serem “retroalimentadores” da afirmação do epíteto e quais são eles. Esse entendimento pode culminar em subsídios para a assimilação das tensões, disputas de poder e potência do discurso patrimonial dentro de um período.

Até aqui, dentre os fatores que motivam a perpetuação do título, é possível sugestionar, em resumo: a “divulgação” do discurso identitário por meio da pintura no terminal rodoviário; a “tradição” no sentido de uma suposta “herança” do período de fundação da atual São Bento do Sul; a transmissão do conhecimento musical ao longo dos anos, pela educação não-formal (escola de música, família…); a confecção de instrumentos; a presença de uma suposta “diversidade musical” que auxilia a sustentar a tradição; o investimento da prefeitura municipal na educação musical não-formal (Escola de Música) e as “Noites de São Bento” como forma de “vender” uma cidade musical.

Essas distintas formas de se perceber a manutenção do epíteto revelam uma preocupação com a música dentro da cidade no sentido de conservar algo que está ligado com o discurso de memória, ou seja, a ativação patrimonial explicada por Prats (1997) é verificável do ponto de vista da sustentação por meio do “poder estatal”, nesse caso do poder executivo municipal, uma vez que, assim como já pontuou Mafra (2023), a cidade está naturalmente sujeita a deixar de ter ou alterar seus epítetos com o passar do tempo.

A cidade, em suas constantes mudanças é, portanto, aquilo que permanece como algo que faz sentido para sua identidade, mas também o que não mais a caracteriza, uma vez que aquilo que é deixado de lado pode dizer muito tanto sobre potencialidades de discursos do poder estatal, como sobre a real importância atribuída pelos munícipes ao seu patrimônio, ou seja, por meio do constante fazer e se refazer da cidade, é evidenciado o sentido de patrimonialidade dentro de seu ambiente.

No ano de 2023, São Bento do Sul celebrou o seu 150º aniversário de fundação e, entre as preparações para o evento festivo, uma delas é em especial relevante para este trabalho: a revitalização do terminal rodoviário. Em notícia do site

oficial da Prefeitura Municipal (2022) o secretário de obras à época, Luiz Neri Pereira, comenta que a obra objetiva que São Bento do Sul, por ocasião de seu aniversário de 150 anos apresente-se “ainda mais bela e receptiva aos turistas e também aos munícipes que utilizam deste serviço”.

Figura 19 - Processo de revitalização do Terminal Rodoviário de São Bento do Sul

Fonte: Site da Prefeitura Municipal de São Bento do Sul, 2022

A manutenção do prédio e a conservação do epíteto na fachada remetem a uma intencionalidade de conservação da “tradição” contida na cidade sobre a música. Como já mencionado, os aspectos relacionados como motivadores da perenização da alcunha podem ser explicitados por vários pontos, desde ao que se considera como “tradicional”, até outros argumentos, que se relacionam por exemplo com a suposta densidade populacional de músicos, fabricação de instrumentos, diversidade musical e, logicamente, o patrimônio da cidade. No caso específico aqui elencado, o conteúdo da frase na fachada e o caráter simbólico que carrega.

O Jornal Evolução em sua edição de 19 de setembro de 1997, em matérias especiais alusivas ao aniversário de 124 anos da cidade, traz alguns destaques interessantes sobre temas como cultura e música na cidade, tanto com caráter de enfatizar os pontos já destacados ao decorrer deste texto, ou seja, a reafirmação dos discursos, como também a crítica ao real sentido do epíteto, no que diz respeito à sua “confirmação” na cidade.

Para ser mais preciso, uma das matérias em destaque é a de Donald Malschitzky, que ao caracterizar São Bento do Sul como um “caldeirão cultural”, frisa novamente os aspectos advindos de uma “herança” do imigrante e, sobre a cultura no município, escreve:

> Não existe cultura que se auto-sustenta em conteúdo. Levar nossa arte a outros lugares, receber artistas de fora, enfim, participar da efervescência cultural, sem limites de tempo ou espaço, sempre foi uma característica local altamente positiva. (Evolução - Suplemento Especial, 1997, p. 2)

Os dois pontos frisados pelo autor demandam reflexões. Primeiramente, o autor explicita sobre a cultura, ou seja, que ela não existe por ela mesma e nem sozinha, mas por meio de outras interações, considerando a relevância do contato e interação com distintas manifestações culturais como forma de sustentação da própria cultura.

Todavia, cabe problematizar a afirmação que vem a seguir, onde o autor considera uma espécie de característica inerente da cidade de São Bento do Sul as trocas culturais. Conforme já mencionado anteriormente, tomando por base a entrevista de Antonio Dias Mafra, quando da expansão do potencial moveleiro da cidade na década de 1980, o fluxo migratório de pessoas de outras regiões foi contributivo para a vinda de indivíduos de outras localidades, com outras culturas. Esse movimento, conforme já escrito, além de fomentar uma possível interação mais próxima entre distintas manifestações culturais, pode reacender uma “necessidade” de afirmação identitária.

Nesse contexto, a crítica a se fazer é de que, ao se refletir sobre representatividade cultural, deve-se levar em conta que para isso há fatores motivadores: num passado mais recente, a indústria do mobiliário em ascensão pode, supõe-se, ter sido um desse motivadores, mas temos o próprio fluxo migratório da Europa para o Brasil no século XIX como grande fator de responsabilidade por mesclas (e em quase todas as vezes choques) culturais.

A atualidade do século XXI, por sua vez, com a velocidade e facilidade de disseminação de informações e distintas formas de influência de opiniões, traz ainda mais à tona a possibilidade de afirmação de que o convívio com culturas distintas não é um processo inerente, mas uma construção sucessiva e necessária dentro das cidades atuais.

Em suma, considerando-se as questões anteriormente apresentadas, é essencial dizer que a característica de participação e interação de São Bento do Sul na “efervescência cultural” é extremamente relevante sob o aspecto enriquecedor que essas relações podem ter, entretanto, afirmar que isso “sempre aconteceu” seria desconsiderar as nuances históricas e experiências sociais dos indivíduos que vivem na cidade como pano de fundo para que essas trocas culturais ocorram.

Na continuação de seu texto, Malschitzky ressalta:

> Por isso também nossa “prata da casa” vale ouro. E valendo ouro, deve ser valorizada aqui e lá fora, quer se apresentando, quer trazendo artistas de outros lugares. Quem acha que isso não é necessário, não está, apenas, tendo uma visão obtusa: está negando a essência da cultura.(Evolução - Suplemento Especial, 1997, p. 2)

Mostrar o que a cidade possui de diferente no campo musical, o que a faz ostentar sua identidade como “Cidade-Música” é algo necessário na afirmação identitária, além de ser perceptível, tendo em vista as tentativas já relatadas anteriormente, em vários períodos históricos, de se mostrar a São Bento do Sul musical para o “estrangeiro”. O autor, nesse ínterim, retoma esse interesse e, intrinsecamente frisa a relevância da “prata da casa” na manutenção do epíteto.

Todavia, há críticas que surgem principalmente do fato de São Bento do Sul mostrar suas atividades artísticas e culturais somente no mês de setembro, numa alusão ao aniversário da cidade. Sobre essa hipótese, o editorial do Jornal Evolução, na edição do Jornal com matérias relacionadas aos 124 anos do município, em 1997, enfatiza:

> Coisas simples, mas de grande impacto, são deixadas de lado. Se ainda ostentamos (por que ninguém nos denunciou ao Procon por propaganda enganosa), o título de cidade música, a Fundação bem que poderia, por exemplo, se dedicar à gravação de um CD com as melhores obras nascidas em São Bento.
> Assim, o turista não terá sua experiência totalmente frustrada. Se não ouve música aqui (fora da temporada de setembro), podem comprar o CD e levar como lembrança. (Evolução, 1997, p. 2)

À época já era emergente a ideia de que é necessário mais para uma continuidade e efetividade da atribuição do título à cidade e, percebe-se o tom crítico direcionado à Fundação Cultural do Município, no que diz respeito à necessidade de maior foco no fato do turista realmente perceber a música na cidade não somente no mês em que celebra-se o aniversário de São Bento do Sul.

Os aspectos anteriormente citados remetem à pontos de vista e percepções oriundas de períodos históricos específicos, mas que, de uma forma geral, possuem um enfoque centrado, que se trata da música com seus representantes que costumeiramente são lembrados e ainda com a forte tendência de pender ao que se diz “tradicional”.

O objetivo da discussão deste trabalho não é desmerecer a atuação destes músicos e representantes culturais da cidade, muito pelo contrário, é elencar uma hipótese de utilizar-se do epíteto da cidade e seus respectivos fomentos e fomentadores para adentrar a um campo onde a música possa, além de surtir efeitos colaborativos para o aumento da visibilidade de São Bento do Sul sobre seu título, contribuir no campo da formação da subjetividade dos sujeitos e na sua formação como cidadãos: a educação.

A música possui grande potencial de influência sobre forma de pensar, de agir, de sentir, e o despertar desses sentimentos podem ter sido, ao longo dos anos, desde o surgimento da antiga Colônia Agrícola até a São Bento do Sul do século XXI, motivadores de manutenção do discurso da “Cidade-Música”.

O que pretendemos debater nas páginas que se seguem é o fato da educação, em especial com a atuação das bandas marciais das escolas e as aulas de músicas na rede pública, ter o potencial de exercer a influência necessária como fomentadora do epíteto, por um lado, e fomentada por ele por outro, tendo de quebra a relevante consequência de proporcionar às crianças os benefícios oriundos do estudo musical, tanto para sua vida escolar, como para sua vida em sociedade.

No capítulo que se segue, são discutidos aspectos que concentram-se em temas como currículo, escola, música, sujeito e subjetividade, somados à influência discursiva de São Bento do Sul, e à hipótese de um potencial contido nas bandas marciais municipais, no que diz respeito ao epíteto da cidade, e o impulso proporcionado pela música para o alcance da educação para a formação de indivíduos que, por meio do despertar de subjetividades positivas motivadas pela prática musical, podem tanto obter melhores rendimentos em seus estudos, como podem ter uma formação na integralidade, acadêmica e socialmente.

4 CIDADE E MÚSICA: O EPÍTETO E SUA PERENIZAÇÃO, MOTIVADORA E MOTIVADA PELA EDUCAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL

A construção da memória coletiva é destacada no patrimônio cultural de São Bento do Sul. Como pode ser observado nos capítulos anteriores, existe um investimento na produção e manutenção de uma memória coletiva que evoca a história da imigração. Entretanto, cabe fazer um questionamento: como emerge uma memória coletiva e uma reivindicação de identidade? Tomando por base as questões discursivas, o primeiro capítulo destacou que a “herança” imigrante pode ser de grande valia para uma reivindicação da cidade do presente sobre um passado relacionado com a música.

Nesse momento, entretanto, partimos de um pressuposto diferente, que se volta tanto para as percepções do sujeito sobre o discurso de memória da cidade, como também se concentra na proposta educativa de memória e no “currículo da diferença” (Corazza, 2010) por meio da sua percepção no cotidiano urbano, currículo este que a autora descreve que:

> Não vê problema algum em ser um currículo perspectivista, de traços caleidoscópicos, híbrido, mestiço, polimorfo, multifacético, fronteiriço, morador e cruzador das fronteiras dos conteúdos, valores e subjetividades fixos e universais. Ao contrário, por essas suas características, faz questão de ser exercido em qualquer comunidade formal ou informal: locais de trabalho e lazer, campo, cais, ilhas, praças, pátios, associações, ginásios, ruas, assentamentos, parques, viadutos, até em escolas. Faz questão de ser experienciado em qualquer lugar, onde lhe seja dada a oportunidade de produzir e contestar verdades, confrontar narrativas e experiências, construir e desconstruir identidades. (Corazza, 2010, p 109)

Propomos aqui, portanto, algo que extrapola o estudo histórico e de patrimonialização. Adentramos o campo da educação, com o desafio de estabelecer o elo entre a formação dos estudantes, voltado para uma construção de subjetividades positivas nesse indivíduo, mas sem deixar de lado a principal temática de problematização do trabalho: o discurso identitário e de memória coletiva da “Cidade-Música.

Com a vistas a refletir sobre o campo da educação englobando a temática deste trabalho, vislumbramos uma proposta distinta de currículo, que leva a premissa já escrita sobre a formação da subjetividade do estudante, bem como de que forma o discurso patrimonial e de memória reflete nas questões pedagógicas e

sociais da cidade, ou seja, de que forma a subjetivação ocasionada pela memória coletiva leva a uma curricularização por meio da urbanidade de São Bento do Sul, tendo em vista o discurso sobre a música?

O estudo da maneira como a educação pública formal é alimentada ou alimenta a memória coletiva por meio da participação de seus discentes em atividades com bandas é uma abordagem fundamental. Do mesmo modo, sugestiona-se que a curricularização dentro do espaço urbano por meio do “sentir” a cidade (Jeudy, 2005), propicia no cidadão o sentimento de pertencimento a um grupo.

Esse pertencimento é fruto de uma subjetivação ocasionada pelo discurso de memória coletiva, ou seja, que possui um sentido político de uma construção, tendo um fomento e investimento sistemáticos. Essa subjetivação, por sua vez, proporciona que os indivíduos compartilhem signos, gestos e gostos que os façam despertar o sentimento de que pertencem a determinado círculo social comum.

É essencial lembrar, como bem enfatiza Candau (2011), que não é correta a afirmação de uma “identidade coletiva”, uma vez que duas ou mais pessoas nunca serão idênticas. A ocorrência da subjetivação, que faz com que os sujeitos afirmem hipoteticamente, compartilhar das mesmas memórias, é um discurso do que o autor chama de metamemória, ou seja, uma interpretação, ou reivindicação, da suposta memória coletivamente compartilhada.

No caso de São Bento do Sul, isso pode ser afirmado por meio da atuação musical no município, uma vez caracterizada a prática e o gosto pela música no local e, por meio da consequente participação do discente nesse universo, o insere na amálgama formada pela suposta característica identitária do município em suas distintas maneiras de representar-se musicalmente.

Os estudos deste capítulo, além de estarem ainda direcionados na bibliografia dos autores relacionados com a memória coletiva, buscam também investigação dos documentos relacionados à cultura em São Bento do Sul, bem como análises de reportagens, interpretação de entrevistas sobre as percepções referentes ao tema e problematizações sobre os temas música, currículo, educação, patrimônio, memória e identidade.

De forma mais enfática, também é destacado o papel das Bandas Marciais Escolares da rede municipal como fomentadoras e fomentadas pelo epíteto, problematizando de qual maneira as questões da necessidade constante de

afirmação da alcunha da cidade podem motivar um incentivo ainda maior à essas bandas, no intuito de afirmar a “Cidade-Música” para além de seus limites e, como consequência intrínseca, que cada vez mais estudantes possam usufruir dos benefícios oriundos do estudo musical, tanto nas esferas pedagógicas, como na construção de sua própria subjetividade e relações sociais.

Para além dos patrimônios constantes no roteiro do primeiro capítulo, o discurso sobre a música na cidade é evidenciado com os próprios documentos que tratam da cultura em São Bento do Sul. Essa documentação abre possibilidades de questionamentos em alguns âmbitos, dos quais aqui destacam-se: a prática musical (e sua apreciação), intencionada como identidade cultural da cidade; e a abrangência da música como um dos aspectos relevantes pela manutenção e perpetuação do epíteto.

Sobre o primeiro ponto destacado, o Plano Municipal de Cultura de São Bento do Sul, aprovado pela Lei Municipal 3112, de 04 de dezembro de 2012, que traz em sua redação aspectos como a simbologia da música associada à cultura:

> As etnias colonizadoras de São Bento do Sul, na maioria, possuem origem no norte ou leste europeu - Áustria, Bavária, Prússia, Polônia, Saxônia, República Tcheca e Eslováquia. As etnias latinas - italianos e portugueses - também compuseram a formação étnica primária que caracteriza a identidade cultural do município até hoje. O município de São Bento do Sul, na sua diversidade cultural, **tem na música o seu maior símbolo** e nas danças folclóricas a sua maior identidade. (São Bento Do Sul, 2012, p. 15 - grifo nosso)

O texto enfoca a chamada formação étnica oriunda da imigração das mais diversas localidades da Europa para a cidade, associando esse fato a uma simbologia. Conforme já mencionado no primeiro capítulo, as origens provenientes de fluxos migratórios para uma localidade influenciaram nas questões culturais e, no recorte aqui estudado, nas narrativas que se propagam sobre as manifestações musicais. Todavia é importante salientar, como já foi trabalhado no primeiro capítulo, que essa imigração não é por si só o único fator determinante para que uma cidade se destaque nesse cenário.

A posição de destaque pode estar envolta em outros parâmetros importantes para a formação identitária de uma sociedade e alguns deles, como já citados anteriormente, são os patrimônios culturais reivindicados e o discurso sobre a memória e a identidade. Entende-se, porém, que o fator imigração deve ser

problematizado como uma das questões que estão fazendo parte do fomento do discurso em torno do epíteto. Sobre esse aspecto, a fala do professor e historiador Antônio Dias Mafra, em entrevista concedida a essa pesquisa, nos auxilia.

Mafra (2023) aponta alguns panoramas que envolvem além da imigração, questões como religiosidade e por mais que, por si só, também não sejam de todo determinantes para um reconhecimento identitário para fora dos limites da cidade, são potenciais estruturadores discursivos:

> São Bento não foi colonizada unicamente por alemães, foi colonizada por austríacos que são músicos por natureza, por tchecos que também são músicos, então são esses nossos imigrantes que vieram pra cá e trouxeram a músicas e as famílias continuaram, e principalmente nós temos muitas famílias luteranas aqui em São Bento né, e digamos assim, no começo da colonização, nós tínhamos até mais do que hoje, e esses luteranos têm por doutrina de Lutero a música, então todas as igrejas luteranas têm cortal, tem canto durante a missa, então faz parte da religião deles, e isso logicamente vivendo em sociedade essa música também foi externada para as sociedades, não a música sacra, mas a música em si, e com o passar do tempo surgiu a necessidade de se continuar preservando então surgiram os conjuntos, surgiram as bandas… (Mafra, Santos, 2023)

A doutrina destacada por Mafra (2023) no trecho da entrevista remete à importância dada por Lutero ao uso da música nos cultos e como uma ferramenta, tanto de comunicação e interação, como de adoração, destacando também o fato de que Martinho Lutero, ao buscar fazer novas composições sacras, preocupava-se com a abrangência da música nos cultos e cerimônias, a qual segundo ele, deveria ultrapassar as fronteiras erguidas entre clérigos e leigos:

> O grande diferencial de suas ideias, no entanto, era o fato de que ele não desejava compor apenas para que os clérigos pudessem cantar. Desejava que todo cidadão alemão que quisesse manifestar sua devoção ao ser divino pudesse fazer isso por conta própria, mesmo dentro das igrejas. Essa concepção estaria coerentemente relacionada à teologia que Lutero passara a desenvolver. (Almeida, 2011, p. 49)

A doutrina relacionada com a importância dada à música soma-se a outro fator notório que está atrelado também a fala de Mafra (2023) sobre a “necessidade de continuar preservando”, ou seja, que fosse assegurado o perpasse e, com ele, a permanência da “tradição” musical. Essa necessidade de se criar um legado sobre a música no contexto de São Bento do Sul, logicamente problematiza-se com o discurso sobre e epíteto e sobre o grau de importância atribuído à temática na cidade, mas também nos leva ao segundo ponto de análise que é a abrangência.

Quando da redação da Lei Municipal 3112, de 04 de dezembro de 2012, o levantamento feito pelos elaboradores do documento trazia números sobre a música em São Bento do Sul, dos quais destacam-se: 3 espaços destinados à formação musical, 83 professores de música, 44 grupos e bandas musicais, 9 orquestras ou grupos sinfônicos, 8 bandas marciais (fanfarras), 14 corais, 11 DJ's, 7 cantores solo e 2 produtores musicais, isso considerando o ano da oficialização da lei. O documento ainda traz que:

> A musicalidade de São Bento do Sul está marcada pelos elevados números de músicos, bandas e corais do município. Inevitável não relacionar essa produção simbólica como um ícone cultural são-bentense. Percebe-se que, tanto na formação quanto na prática musical, o setorial é muito abrangente se relacionarmos com o número de habitantes do município. **Inevitável também não associar São Bento do Sul como a Cidade da Música**, como já fazem tantas pessoas. A música faz parte das festividades de celebrações da cidade de forma muito intensa, assumindo grande propriedade técnica e artística. (São Bento do Sul, 2012, p. 19 - grifo nosso)

Em análise dos dados da pesquisa, a lista de escolas da rede municipal de ensino de São Bento do Sul que possuem banda (ANEXO B) traz um número mais atualizado de 11 bandas escolares, ou seja, um aumento de 3 bandas em um intervalo de 10 anos, se comparada com o registro feito pela lei municipal 3112 em 2012. Apesar de num primeiro momento parecer um número pequeno, cabe aqui também ressaltar que o aumento registrado pode ser estudado por duas dimensionalidades, sendo elas o interesse da comunidade escolar e o investimento para a aquisição de materiais necessários para a criação da banda.

Sobre como as bandas são formadas, o professor Josias Terres, secretário municipal de educação de São Bento do Sul, professor da rede estadual no município de São Bento do Sul e atuante na área da gestão educacional, em entrevista concedida para essa pesquisa, explica como se dá a criação e formação de uma banda marcial:

> Na verdade não tem um requisito, tem o interesse da comunidade escolar de montar uma banda, a partir que ela monta uma banda, que ela organiza uma banda aí vem a questão de professor, mas ela pode organizar uma banda por si só pela APP da escola ou pela secretaria de educação. Pela secretaria de educação aí tem a demanda de profissionais, que daí é contratação, coreógrafo, por isso que hoje a gente tem 11 bandas, tem 22 EBM's a gente tem em metade delas, e tem muitas dessas escolas que elas são muito pequenas, elas não têm a condição de ter uma banda, porque a condição de ter uma banda ela tem que ter interessados por ela né, a

> comunidade, a escola, os professores, e dependendo assim da idade, as bandas são mais fortes do 6 º ao 9º ano. (Terres, Santos, 2023)

O segundo ponto, que diz respeito aos investimentos nas Bandas Marciais pela rede municipal de ensino é enfatizado pelo professor Antonio Fagundes, docente com larga experiência no ensino da música, regente de bandas marciais e estudioso da música no município de São Bento do Sul, ao mencionar que:

> Só tem em 10 escolas, nós temos 40 escolas[5], podia ter em todas as escolas… poderia, porém a música ela tem um custo para a ser investido, e eu te digo que não é um custo que é pouco, para você manter um material, manter as crianças participando, um uniforme né, então sempre… eu estou há 30 anos trabalhando com música, desde 1994 né, comecei aqui na Osny Vasconcellos, a banda vai fazer 30 anos ano que vem, 2024, então sempre houve esse incentivo por parte do poder público né, para que a banda se mantesse e a banda continuasse né dentro da escola (Fagundes, Santos, 2023).

As atividades musicais, seja na educação formal ou na vida cotidiana das pessoas, envolvem desde a prática à apreciação, prestigiar eventos, dentre outras participações nesse meio. A educação, todavia, destaca-se por seu papel de além de formar os indivíduos tendo em vista os conteúdos e saberes de cada uma das áreas do conhecimento, ter também a incumbência da formação crítica, além do "pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988)"

Por essas razões, a música no meio educacional está atrelada tanto ao saber musical, como aos subsídios para que os estudantes alcancem êxito nas variadas áreas do conhecimento estudadas na escola. O caso de São Bento do Sul ainda traz outros pontos a serem considerados, que são de relevância para a compreensão do campo da música na educação. Um deles é o próprio epíteto da cidade. Questionado sobre o papel das bandas marciais das escolas municipais na educação relacionada à memória coletiva sobre a música em São Bento do Sul, Mafra (2023) em sua entrevista, Mafra destaca:

---

[5] Os números destacados pelo entrevistado são aproximados. São Bento do Sul conta com 47 unidades de educação básica, da educação infantil aos anos finais do ensino fundamental. Os dados oriundos da Secretaria Municipal de Educação para esta pesquisa, contabilizaram um total de 11 unidades escolares com banda marcial no ano de 2022

> [...] As bandas marciais que existem em grande quantidade e são ótimas, são boas, representam São Bento fora da cidade inclusive né, essas bandas elas logicamente são bem trabalhadas, os maestros são bons, conseguem fazer com que pessoas que às vezes nunca tinham contato com instrumento musical, com pouco tempo, torna-se músico, eu acho de grande valor ter essas bandas marciais, só que eu acho que ela não é a causa, ela é o reflexo da cidade de São Bento. E daí uma escola quer apresentar-se melhor do que a outra e isso é muito positivo, porque é uma competição, há um melhoramento qualitativo muito grande (Mafra, Santos, 2023).

É oportuno, todavia, enfatizar também o processo contrário a essa afirmação, sem logicamente desmerecê-la. Tratou-se no primeiro capítulo desta dissertação sobre a compreensão entre identidade e seu vínculo com a diferença. Cabe aqui, pois, retomar esse conceito, para que seja possível esmiuçar os argumentos que serão tecidos a seguir.

Ao falar de identidade, intrinsecamente menciona-se a diferença, pelo fato de ao identificar algo como sendo realmente o que é, temos a compreensão de que esse objeto (ou ser) somente o é pelo fato de ser diferente dos demais, ou seja, a identidade é afirmada na alteridade. O papel da música na educação básica, no sentido da evidenciação dessa diferença pode ser expresso com a fala do professor Antônio Fagundes:

> Porque aqui dentro da escola que você tem o público né, então essas crianças estão aqui nessa faixa etária e tem essa facilidade de estar trabalhando com elas que, futuramente elas sejam músicos né , de uma forma ou de outra. Eu tenho vários alunos que começaram e estudaram, até hoje, tenho um aluno lá em Florianópolis que está fazendo faculdade de música né , é um baita pianista, vamos dizer assim! E outros, o responsável pelos “Sonatas” foi meu aluno na Baselisse, então eles passaram… por todos… vários alunos passaram por banda e hoje são profissionais né. (Fagundes, Santos, 2023)

Segundo a fala do professor Antônio, ex-integrantes de bandas têm o interesse despertado em aprofundar os conhecimentos musicais pelo seu contato com a música nos tempos da escola. Esses estudantes passam a integrar conjuntos profissionais, ingressam no ensino superior em música, e isso promove a cidade, mesmo que de forma indireta, para outras localidades, uma vez que o precursor, o “gatilho” para que esse desejo de continuidade nos estudos musicais, foi desencadeado na escola pública no município de São Bento do Sul.

A diferença, no caso de São Bento do Sul, está no discurso envolto em seu epíteto, sendo que o fator que corrobora essa diferença – e consequente afirmação da identidade de “Cidade-Música” – seria a quantidade de músicos presentes no

local. O aumento do número de bandas nas escolas é uma mostra da continuidade dessa afirmativa. Porém, seria muito superficial considerar uma afirmação de identidade mantida somente por meio de um discurso que possui enfoque internamente, ou seja, que não ultrapasse os “muros” da cidade.

As bandas marciais escolares de São Bento do Sul, nesse sentido, podem ser compreendidas também como alimentadoras da manutenção do epíteto da cidade tanto no quesito enfatizado pela documentação e pelas entrevistas anteriormente citadas (da quantidade de músicos), uma vez que o aumento do número de bandas automaticamente aumenta também o número de praticantes da música e também o alcance das aulas ministradas pelos professores, quando não hipoteticamente pensar num aumento da contratação de professores de música; mas também é responsável pelo reconhecimento do epíteto para além dos limites da cidade, quando do destaque para suas participações em apresentações, concursos e eventos externos.

É evidente que em alguma medida há uma política de investimento na educação musical na educação básica e a assim na preservação de uma memória na prática musical:

> Eu vejo… eu vejo com bons olhos o investimento que a educação faz. É claro que nós nunca estamos satisfeitos, né? (Risos) Nós sempre gostaríamos de mais né, vamos mais, vamos comprar mais, vamos investir mais né, mas conhecendo a realidade de outros municípios, que talvez teriam um poder financeiro melhor pra investir na música, São Bento faz, eu penso, que faz o seu dever de casa né? Tem um bom investimento. (Fagundes, Santos, 2023)

O impacto dos investimentos a longo prazo engloba no mínimo duas esferas relevantes, tanto na manutenção da memória coletiva da cidade e consequentemente sua alcunha, como nos próprios benefícios que a prática musical pode trazer nas questões pedagógicas e possivelmente até mesmo sociais. O primeiro ponto diz respeito a uma formação de indivíduos que, após o primeiro contato com a música na escola, adentram mais a fundo nos estudos musicais, tornam-se músicos profissionais e por sua vez contribuem, mesmo que indiretamente, no perpassar da “tradição” musical da cidade.

O segundo aspecto refere-se à atuação e visibilidade das próprias bandas escolares. Mais recursos refletem em instrumentos musicais de maior qualidade, professores mais motivados e, por consequência, estudantes que conseguem se

engajar mais nos ensaios e apresentações, contribuindo tanto para o aprendizado da música em si, como possibilitando que as habilidades que são trabalhadas no ato de aprender um instrumento, reflitam de maneira mais exitosa também nas demais disciplinas do currículo.

Somado a esses dois aspectos, os recursos possibilitam que as escolas participem de eventos externos, que auxiliam em fomentar o gosto do pela prática musical, bem como auxiliam no aumento da visibilidade da música oriunda da educação básica nas escolas do município.

Pode-se citar como exemplo a participação destacada pela reportagem do Jornal A Gazeta (2023) quando da atuação da Banda Marcial da EBM Profª Adelia Lutz no 13º Concurso de Fanfarras e Bandas Sulbrasileiro (Confabansul) em 30 de setembro de 2023, que ocorreu na cidade de Ponte Alta - SC. O destaque da referida reportagem se deu, além da descrição das avaliações pela qual a banda passaria perante os jurados do evento, na representação do município de São Bento do Sul em competição que envolvia várias bandas dos demais estados do sul do Brasil.

Com recursos advindos da Associação de Pais e Professores da unidade escolar, a Banda Marcial da EBM Profª Adélia Lutz sagrou-se campeã do concurso, conforme destaca reportagem de A Gazeta (2023) do dia 3 de outubro de 2023. Foi a primeira vez que a Banda participou do Confabansul. A distinção da origem dos recursos reflete também tanto a necessidade, muitas vezes, de um complemento aos recursos advindos do Poder Público, como um engajamento tanto dos profissionais escolares como da própria comunidade escolar.

Participações como esta podem ser estudadas por alguns pontos de vista específicos. A primeira delas é o incentivo da comunidade escolar no auxílio com os custos para a viagem. Sem dúvida, o fato de ver seus filhos e filhas vestindo as cores da escola e representando o local onde vivem em competição de maior abrangência, pode ser motivo para os pais apoiarem a causa. Todavia, chama-se atenção para o fato de que, para que uma cidade carregue um discurso de um “título” de Cidade-Música, como acontece com São Bento do Sul, não basta que essas afirmações sejam apenas instituídas por um poder estatal.

Heinich (2018) chama de função patrimonial aquilo que define como uma das condições para que um objeto deixe de ser algo que simplesmente existe, para tornar-se algo que sirva como uma representação. A um dos fatores, a autora

destaca a condição de pertencimento à comunidade. O pertencimento, sob essa perspectiva, vai muito além da posse jurídica do objeto, mas de sua identificação como parte da vida, história e memória do indivíduo.

Os estudos de Heinich (2018) dizem respeito aos objetos patrimonializados, no entanto, o sentido de pertencimento aos rituais, as práticas, os modos de vida dos grupos são entendidos de igual forma. É preciso que haja interação das pessoas que fazem as suas práticas vivas, para além dos investimentos e apoios estatais, para que elas se transformem em tradições identitárias.

Por meio dos estudos de Candau (2011) é possível compreender o sentimento de pertencimento e identificação atrelado a ideia de metamemória. Para o autor, esse conceito significa uma representação de memória feita pelo próprio indivíduo, ou seja, não necessariamente é uma memória de algo que realmente ocorreu. São frisados ainda os pontos de que a metamemória individual e coletiva são distintas. Enquanto na individual o sujeito se reconhece através da representação de memória que produz, a coletiva está para um compartilhamento hipotético de memórias entre outros sujeitos membros de uma sociedade.

O segundo ponto pode evidenciar uma confirmação da hipótese de representação de São Bento do Sul em outras localidades. Apesar de, tal qual na reportagem do Jornal A Gazeta sobre a participação da EBM Profª Adelia Lutz no Concurso de Fanfarras e Bandas Sulbrasileiro, não necessariamente ser destaque em si o epíteto da cidade, é possível problematizar a presença intrínseca da alcunha.

Isso se deve ao fato de que, ao levar o nome da cidade para outras localidades, as bandas marciais são-bentenses propiciam que a alcunha seja retroalimentada, ou seja, na hipótese daquele espectador, que viu uma banda marcial da cidade se apresentando em outras localidades venha a visitar a cidade, este passa então a compreender que, além do papel que o próprio patrimônio cultural desempenha para a sustentação do título, as bandas marciais exercem esse papel ao fazer com que a cidade seja vista como detentora desse do epíteto para além de seus limites municipais.

Por sua vez, o título de “Cidade-Música” também pode ser motivador de sua perpetuação por meio dos profissionais atuantes no segmento do ensino da música na cidade. O professor de música Antônio Fagundes (2023), faz alguns apontamentos sobre suas percepções enquanto docente atuante tanto em São

Bento do Sul como em outras cidades:

> Olha eu já trabalhei, já fui até Rio Negro trabalhar, já trabalhei em Rio Negrinho, já trabalhei em Campo Alegre, com as bandas. Eu não vejo assim que: ah! Por causa de eles não ter o slogan da cidade da música que à música é dado menos valor né, ou não tem tanta significância pra eles né. Eu vejo de igual relevância né, o investimento que se faz com as bandas né vou falar pelas bandas marciais né, se compra instrumentos, se incentiva as crianças participar né, da banda marcial. Tem as escolas de música. Eu já fui pra São Paulo fazer curso lá em Tatuí, é uma cidade muito musical, tem conservatório… Campos do Jordão fazem aqueles cursos maravilhosos, então essa experiência que a gente tem você vê que: o slogan ajuda a dar uma responsabilidade? Dá! Pô, eu tô trabalhando num município que leva o slogan da música né, a cidade da música e do folclore. Então pra mim como profissional ele… assim, não é que ele me pressiona, mas eu tenho uma certa responsabilidade de manter essa cultura né, então é a cidade da música: nós temos que manter! Eu sou um profissional da música, vamos manter, vamos melhorar, vamos ampliar né. Mas da mesma forma nos outros municípios ela acontece, da mesma forma. Não vejo assim que se dá menos relevância né. Aqui um pouco mais, mas nas outras cidades também é levado em consideração sempre. (Fagundes, Santos, 2023)

O título, slogan, alcunha, epíteto, nas suas mais variadas formas de nomenclatura, remonta a pensar a respeito de como este é tanto influenciador como influenciado, seja para problematizações curriculares, seja para reflexões com vistas ao patrimônio cultural da cidade. De igual forma, porém, é pertinente pensar que o investimento, seja tendo como mote a manutenção do epíteto ou por outras razões, reflete dentro das unidades escolares nos benefícios dos estudos musicais, os quais destacam-se como justificativa tanto de um estudo sobre o impacto desse aprendizado, como seu próprio reflexo cultural na cidade.

O benefício das práticas musicais bem como o trabalho de fomento realizado pelos professores também deve ser levado em consideração no que se refere à contabilização da adesão de novos músicos dentro das escolas. Em reportagem do Jornal A Gazeta de 27/10/2023, a Escola Básica Municipal Profª Lúcia Tschoeke também é destaque, tanto na representação do município em outras cidades, como é caso da participação da referida escola no Campeonato Estadual de Bandas e Fanfarras, como no número de discentes integrantes. Em entrevista realizada para a reportagem, os professores atuantes na unidade são entrevistados. A matéria aponta:

> Atualmente, a banda marcial é composta por 60 integrantes, entre o corpo coreográfico e musical, sob a regência do professor Deivid Dranka e dos coreógrafos Ângelo Luan e Elizana Ramos. "Os alunos são muito dedicados, fazem tudo pela banda. Alguns deles preferem perder até o

> tempo de recreio para ir na sala da banda e ensaiar", conta Dranka.
> A banda marcial iniciou suas atividades em 2014, e desde lá, conseguiu se tornar uma ótima atividade extracurricular, exercendo grande influência no comportamento disciplinar dos estudantes. A procura é tão grande, que até mesmo fila de espera existe para ingressar no grupo. "Sempre busco eternizar a banda no coração deles, pois não é somente aprender um instrumento, mas há muito aprendizado unido à música e de várias maneiras. Disciplina, respeito, concentração e tantos outros benefícios. Aprendem várias coisas que servirão para vida toda", fala. (A Gazeta, 2023, p. 12)

Partindo do pressuposto do potencial de uma representação de São Bento do Sul por meio de suas bandas escolares, outros tópicos são relevantes para serem elencados. Um deles é o fato da música ser praticada dentro do meio educacional. Por via legais, a música, a dança e o teatro devem ser conteúdos obrigatórios da disciplina de arte, a partir da lei 11.769/2008 que alterou a lei 9394/96, conhecida como LDB ou Lei da Educação Cidadã (Brasil, 2008).

Del-Ben (2010, p.120) enfatiza a sutileza que a mudança provocou sobre a real percepção da participação musical na vida escolar dos estudantes brasileiros e que:

> Portanto, no documento legal, não há qualquer garantia de que a música será componente curricular das escolas de ensino fundamental e médio. A única garantia parece ser a de que, em algum momento, a música deverá, obrigatoriamente, participar do processo de escolarização, o que não era explicitado anteriormente. (Dal-Ben, 2010, p. 20)

Mesmo não sendo assegurado que o educando tenha uma atuação musical ao longo do seu processo dentro da escola, a lei faz com sejam refletidas políticas e ações sobre a educação musical dentro da escola, e esse currículo diferenciado pode ser um grande foco motivador de uma expansão do interesse pela prática musical, bem como pelo próprio aumento da formação de bandas e fanfarras escolares. E qual seria essa diferença?

De forma distinta à educação musical obtida nas escolas de música, a que ocorre nas escolas de ensino regular e que possuem as oficinas de banda, bem como as de corpo coreográfico, não são impulsionadas apenas pela música ou pela dança propriamente dita, ou seja, pelo fato de se ter o foco apenas em aprender o instrumento ou os passos de dança.

Como afirma Del-Ben (2010) apesar de muitos membros da comunidade escolar também pensarem a respeito da música na escola tendo função por ela

própria, há a parcela de pessoas que acredita que por meio dela se transmite tradições e valores que estão relacionados tanto com a convivência no ambiente escolar, como com o próprio desenvolvimento de forma integral do estudante.

Os resultados obtidos com a música no desenvolvimento discente, de acordo com os relatos do professor Antonio Fagundes (2023), corroboram com a afirmação de que um dos enfoques deste estudo se relaciona com a técnica musical, o estudo da partitura, dos tempos das notas, da concentração, da harmonia, de prestar atenção no seu instrumento e no instrumento do seu colega de banda. Todavia, o estudo perpassa a intencionalidade do aprendizado do instrumento, partindo também para sua pertinência em fatores que auxiliam o estudante no ambiente escolar em outros aspectos:

> A percepção dele, a interpretação da música… e eu só estou falando da parte técnica. E da parte emocional, que a música vai mexer com ele lá dentro. Então veja como é completo o estudo da música pra uma pessoa. Seja ela de, vamos dizer assim de zero a cem anos! (Risos) Isso tem uma grande diferença com as crianças, ela desenvolve todo esse lado, e além de desenvolver ela influencia dentro das crianças, porque você tá trabalhando tecnicamente aqui a direção, a visão, a audição, a percepção e ainda esta trabalhando o teu lado emocional… é muito importante né, pro desenvolvimento da criança, vamos até assim o desenvolvimento escolar, né. A criança tem atenção aqui na partitura, ela está treinando isso, ela vai conseguir levar pra sala de aula, vai levar pra vida dela. (Fagundes, Santos, 2023)

Pensar em música e escola remete uma ideia distinta sobre abordagem curricular que tenha, justamente, o objetivo de além de proporcionar o contato dos estudantes com um instrumento, talvez, pela primeira vez, como também buscar uma formação na integralidade[6] do sujeito, por meio do conteúdo constante nas disciplinas do currículo que, sugere-se, auxiliam nesse processo.

Neste contexto, destaca-se as alterações realizadas na matriz das escolas integrais da rede municipal de ensino, onde foi incluída a possibilidade de escolha de disciplinas optativas entre artes marciais, **coral** ou xadrez, sendo ainda relevante destacar que a matriz já contava, na grade diversificada, com a disciplina de **“Arte - Canto e Musicalização”** (Conselho Municipal de Educação, 2023, grifo nosso)

O parecer de aprovação da nova matriz da escola integral da rede municipal

[6] A Lei nº 4.956, de 8 de fevereiro de 2024, que institui e regulamenta o ensino integral na rede municipal de São Bento do Sul, define como uma educação integral aquela que é voltada para a formação da autonomia dos sujeitos, bem como formar cidadãos solidários e competentes, cujos conhecimentos, valores e habilidades dirigem-se ao preparo do exercício da cidadania bem como favorecem o pleno desenvolvimento da pessoa humana.

de ensino esclarece a sugestão de alteração feita pelo departamento de ensino da secretaria municipal de educação:

> Considerando as necessidades particulares de cada Unidade Escolar conforme contexto social, espaço físico, perfil dos estudantes solicitaram ainda, a criação de 2 aulas para Componentes Curriculares Optativos nas Grade Curricular Diversificada. A proposta de alteração consiste em substituir a obrigatoriedade do Componente Curricular Xadrez que passaria a ser optativo para as Escolas Integrais visto que o xadrez está inserido como conteúdo programático no componente curricular de Educação Física do ensino regular. Os componentes curriculares optativos poderão alterar-se conforme adesão em cada início de ano letivo. (São Bento do Sul, 2023, p. 3)

Alterações de matrizes, grades curriculares e enfoques das disciplinas do currículo abrem um leque de discussão sobre currículo que merece ser mencionado, desde a parte de conceituação até sua própria existência, bem como utilização deste currículo. É preciso destacar que, embora nos currículos as disciplinas tragam a música como conteúdo, observa-se que, na fala do professor Antonio Fagundes (2023), ela se justifica menos pelo conteúdo factual e muito mais pela riqueza dos procedimentos pedagógicos que proporciona e pelos conteúdos atitudinais que ela provoca:

> Então, a música dentro da escola ela nos ajudaria a resolver muitos problemas, muitos problemas pedagógicos, muitos problemas disciplinares, muitos problemas emotivos, afetivos, isso estaria sendo resolvido com as crianças. (Fagundes, Santos, 2023)

O currículo também é enfatizado, mesmo que indiretamente, quando o professor Antonio Fagundes, em sua entrevista concedida, destacou aspectos referentes a estudantes que participaram das bandas escolares e, na atualidade, são músicos profissionais ou estão estudando música na universidade. Eis então um argumento potente para se pensar o papel da música na educação.

Inicialmente, evidenciou-se o papel desses estudantes no que diz respeito a destacar o epíteto municipal de São Bento em outros locais, corroborando assim com o argumento da identidade e diferença não poderem ser separadas e essa identidade ser manifestada na diferença, que por sua vez possui destaque quando é ressaltada em locais “estrangeiros”.

Sem desmerecer esta relevância, é possível enfatizar outro aspecto sobre música na educação básica no que se refere ao currículo. Ao verificar-se que os

estudos musicais ressoam para além da educação básica, convida-se a uma reflexão sobre o quão potente pode ser esse aprendizado para a criança no que tange a sua formação tanto para o mercado de trabalho, como para a formação de sua própria subjetividade:

> Se todos nós tivéssemos a consciência da importância da música na vida criança né, que ela não é só pra fazer a festa, a música trabalha o nosso emocional, ela desenvolve partes do cérebro, que às vezes estão dormindo! E a música faz acordar! (Fagundes, Santos 2023)

Os aspectos positivos sobre o ensino da música destacados pelo professor podem servir como ponto de partida para a discussão a respeito do currículo, inicialmente pontuando a respeito da própria conceituação, mas também mais adiante, compreendendo a forma como esse conteúdo pode ser formador de subjetividade.

Não por acaso, o currículo contemplando a música dentro da educação básica emerge como potente para a subjetivação, e, no caso de São Bento do Sul, fomenta a perenização do epíteto. Isso é perceptível quando retomamos o que escreve Corazza (2010) quando destaca que a manifestação de um currículo da diferença – que produz as humanidades que se distinguem de um conceito pré-estabelecido e partem para o entendimento da individualidade e diferença de cada ser humano – se manifesta em vários lugares, sejam eles espaços públicos ou no trabalho, desde as ruas e praças até as escolas.

É comum ao referir-se sobre currículo, que se pense apenas ou em grande parte do tempo sobre conhecimento, sobre unidades educacionais, sobre teorização com enfoque em documentos com dezenas – talvez centenas – de páginas que dão direcionamentos a respeito de como se deve agir pedagogicamente, sobre a metodologia do ensino e o que se deve aprender.

A conceituação, e consequentemente a problematização, a respeito desse tema não deixa de englobar esses aspectos, mas deve percorrer um caminho que leve ao questionamento das formulações de currículo, das suas intencionalidades, bem como do próprio significado de “teorias” do currículo.

Não é vão que as primeiras reflexões que se pode fazer a respeito de currículo, antes de um embasamento mais aprofundado, ligam-se ao conceito de método, de organização, de técnicas. O contexto de surgimento dos estudos sobre

currículo é exatamente nessa linha de raciocínio, por mais que as questões que envolvem a pedagogia e a educação já tenham sido pensadas anteriormente. De acordo com Silva (1999) é possível estabelecer um marco do estudo das teorias de currículo no ano de 1918 por meio da publicação do livro *The Curriculum* de John Franklin Bobbitt, nos Estados Unidos.

No período da publicação de *The Curriculum*, os questionamentos que envolviam, de forma geral, o que se devia ensinar, a quem se devia ensinar e qual era o resultado que se deveria obter para uma educação em massa, derivaram além de outras circunstâncias, de questões identitárias dentro de um período histórico onde os Estados Unidos, em meio a um processo acelerado de industrialização, também eram influenciados por uma grande massa de indivíduos provenientes de outras partes do mundo, que motivaram, naquela época, uma forma diferente de se pensar quais eram (ou deveriam ser) os objetivos da educação com vistas ao atendimento dos interesses de uma elite no país:

> Foram talvez as condições associadas com a institucionalização da educação de massas que permitiram que o campo de estudos do currículo surgisse, nos Estados Unidos, como um campo profissional especializado. Estão entre essas condições: a formação de uma burocracia estatal encarregada dos negócios ligados à educação; o estabelecimento da educação como um objeto próprio de estudo científico; a extensão da educação escolarizada em níveis cada vez mais altos e segmentos cada vez maiores da população; as preocupações com a **manutenção de uma identidade nacional**, como resultado das sucessivas ondas de imigração; o processo de crescente industrialização de urbanização. (Silva, 1999, p.22, grifo nosso)

O termo destacado na citação anterior remete a questões que envolvem novamente a problematização do termo identidade e, dessa vez, ligada com a educação. Inicialmente, destacando o termo identidade, faz-se alusão ao sentimento de pertencimento a algo, nesse caso, o pertencimento a um país. Tal qual destaca Anderson (2008), uma comunidade imaginada, ou seja, que se sente envolta e “irmanada” por um sentimento identitário nacional, também criado por meio de um potente discurso de identidade, que pode ser expresso nos símbolos nacionais, no patrimônio cultural e, logicamente, na educação.

Nesse ponto, a conceituação de educação realizada dentro das circunstâncias históricas onde se encontravam os Estados Unidos dos anos 1918 faz atender a essas demandas emergentes e o estabelecimento das propostas sobre currículo estão intrinsecamente vinculadas com essa visão de identidade

nacional emergente na época, atravessado por movimentos imigratórios.

O termo “teorias” escrito desta forma - entre aspas - faz alusão ao uso da própria palavra. Silva (1999) enfatiza que a constante presença do vocábulo nos textos que se referem ao tema praticamente inviabiliza que este seja substituído por um “sinônimo”, mas destaca que, ao falar sobre teorias do currículo, refere-se muito mais ao termo discurso do que propriamente a teorização.

Para fazer sentido, Silva (1999) prossegue mencionando que, quando se refere a teoria do currículo, há uma referência tanto a uma descrição sobre o que é currículo, como uma própria invenção (ou criação) do que ele é ou do que representa. A própria definição da palavra currículo é debatida pelo autor, que destaca que a relevância não é, em suma, expressar um significado, tal qual um dicionário faz, mas sim problematizar quais perguntas se deve fazer.

Essas perguntas podem ser distintas, conforme uma intencionalidade da teoria. Uma teoria surge, dentro de um espaço-tempo, com vistas a dizer qual é o conhecimento adequado às pessoas, qual a melhor abordagem e principalmente, qual tipo de ser humano deseja-se formar (Silva, 1999). Nesse ponto, é possível perceber que, quando se fala em currículo, encontram-se em conjunto as relações de poder, a identidade e a subjetividade.

O debate sobre currículo, desde sua maior amplitude (à nível nacional, estadual…) até suas micro divisões é muito centralizado no que ensinar, por que ensinar e por que isto ou aquilo em detrimento daquilo outro. São discussões que perpassam desde o panorama político – que se mostra potente principalmente quando se tem em pauta qual “tipo” de ser humano se quer formar para o mercado de trabalho – até pontos mais específicos, que não necessariamente estão diretamente relacionados com uma perspectiva de subjetivação com vistas a uma submissão a um sistema econômico e de trabalho, mas que relacionam-se com as características pessoais do indivíduo, levando em consideração aspectos como identidade e diferença.

Nestes quesitos, em especial, destaca-se o papel do professor no ensino da música:

> Porque a função do professor não é interferir no gosto do aluno, mas sim ensinar ele a gostar dos tipos de música variado pra que ele possa tocar. Porque quando alguém vai fazer uma performance musical, além de agradar ele mas principalmente tem que agradar o público né. Então adianta eu querer tocar a música que eu gosto, só o que eu gosto sem levar em

> consideração o gosto do cliente né, do espectador que tá ouvindo né. Então tempo pra estudar a música, o instrumento propriamente dito, a gente tem um tempo muito curto né, então eu como músico eu toco um violão, toco um teclado né, a gente se dedica a aprender esses instrumentos pra você poder repassar pros alunos né. (Fagundes, Santos, 2023)

Pensar a respeito de conteúdos, assuntos, temas, abordagens que devem ou não ser utilizadas mediante atender a uma demanda mercadológica está atrelado a uma visão “tradicional” de currículo, a qual Silva (1999) expõe como a necessidade que se tem de “qual ser humano se deseja obter”. Mas a música na educação pode ser algo muito além de um conteúdo listado em um documento e que deve ser aplicado, de uma forma ou de outra, dentro do contexto escolar. Essa afirmação corrobora o que o professor Antonio Fagundes relata em sua entrevista, ao destacar que:

> Se todos dessem o valor pra música dentro da sala de aula, pra dentro das escolas, nós teríamos uma sociedade muito diferente. Não estou desmerecendo nenhuma das outras disciplinas, todas são importantes, mas o que nós podemos agregar, acrescentar no dia a dia das nossas crianças. (Fagundes, Santos, 2023)

Nesse ponto, é perceptível que, na prática docente do ensino de música, ao trabalhar aspectos necessários para que se possa tocar de forma satisfatória um instrumento, o professor trabalha com o aprofundamento de habilidades que refletem nas outras disciplinas do currículo Percebe-se assim que, para além de disciplina, a música é retratada como aliada no aumento do rendimento dos estudantes também nos demais. Contando ainda com a relevância destacada para os aspectos emocionais e consequentemente sociais, ou seja, com vistas a uma formação na integralidade, como sujeitos:

> O estudo da música, isso é comprovado, desenvolve partes importantes do cérebro, pro lado da matemática, do português, da física, das ciências, desenvolve muito isso. Nós precisamos ser trabalhados num todo, desde a parte emocional, a psíquica, a motora… e a música tem tudo pra trabalhar isso! (Fagundes, Santos, 2023)

Tais pontos que pendem a balança favoravelmente aos benefícios do estudo da música merecem destaque para uma justificativa de estarem inseridas no currículo educacional básico, uma vez que adentram outros campos que são relevantes, como o contato do estudante com a música e consequentemente com as

manifestações culturais, o aprimoramento da coordenação motora, o fortalecimento das relações sociais, enfim, são pontos que perpassam a ideia tradicional de currículo e voltam-se para o interesse da formação cidadã.

É possível também estreitar tal discussão com o que menciona Silva (1999), que evidencia o próprio fato de se questionar quais perguntas devem (ou não devem) ser feitas sobre o conceito de currículo. Dessa forma é possível determinar as fronteiras existentes entre as chamadas teorias tradicionais de currículo (onde o conhecimento é um dado e deve ser discutida a forma de se transmití-lo) e as teorias críticas e pós-críticas (pautadas no questionamento das perguntas sobre o currículo, intencionalidade, interesses).

Por conseguinte, após determinadas as fronteiras, é possível traçar estratégias para que estas sejam ultrapassadas e que as necessidades sociais emergentes busquem ser evidenciadas, para que assim possam ser sanadas de forma exitosa.

O estudo da música na educação básica destaca-se como evidência de que as habilidades que são desenvolvidas para a música podem ser de contribuição para além das especificidades técnicas:

> E eu não estou falando isso como, vamos dizer assim, uma suposição. Nesse tempo que eu trabalho com a música, muitas crianças passaram pelas bandas que você vê a transformação dela, é nítido, tá ali na experiência, é um exemplo vivo. Ah, a criança que não consegue se socializar, mas se ela não consegue se socializar mas de repente ela vem pra banda e consegue tocar um instrumento e é aquele instrumento que aqueles que não se socializavam com ela não conseguem tocar, e aí começam a conversar com aquela criança que não se socializa… ah a criança está com dificuldade de interpretar dentro da sala de aula… um texto, mas ele vem pra música, ele precisa trabalhar com interpretação… e a música transmite uma alegria, uma felicidade, e quando você está alegre você aprende mais, então vejam a importância da música dentro da sala de aula! (Fagundes, Santos, 2023)

Nesse âmbito, é reforçada a hipótese de como o estudo musical da educação básica enquadra-se nas necessidades que podem ser atendidas por um currículo nas perspectivas crítica e pós-crítica. Esse entendimento das demandas que emergem de acordo com o espaço-tempo em que a escola se insere, e que resultam no surgimento de novas teorias de currículo, é necessário para que se possa problematizar a forma com que as políticas capitalistas do século XXI buscam interferir na formação de indivíduos voltados para atender às exigências das lógicas

de mercado atuais, em contraponto com a necessidade de se fomentar o senso crítico e de convivência em sociedade, que se tornam cada vez mais urgentes, num universo onde a subjetivação realizada pela venda tanto da força de trabalho como do potencial criativo do sujeito (Rolnik, 2018) instiga uma diminuição do sentimento de colaboração mútua entre os sujeitos.

Pode-se questionar, num primeiro momento, o motivo de uma real preocupação com essas “conceituações”, uma vez que, desde os estudos iniciais do tema currículo a partir de 1918, até a atualidade, percebeu-se e sentiu-se que as mudanças oriundas do contexto histórico vivido influenciaram nas distintas concepções de teorias do currículo, sendo notadas, desta forma, as intencionalidades bem como as necessidades que se estabeleciam a nível global.

Ora, se essas modificações bastam para que novas teorias (ou discursos) venham a emergir, é válida a problematização sobre o que essas teorias procuram enfatizar? Pode-se procurar uma resposta a isso na própria subjetivação do ser humano. Para Pacheco (2009) a atualidade vive um chamado recuo da teoria, que se embasa principalmente na globalização característica do século XXI, onde se concentra a ideia de uma chamada “Grande Teoria”, com enfoque na homogeneização.

Tratar uma sociedade como homogênea, em escala global, implica em dizer que o destaque a ser feito pela educação refere-se à performance do sujeito, ou seja, a individualidade fomentada pela competitividade, gerando uma desumanização social, uma vez que o que caracteriza o ser humano é a formação de sua subjetividade para uma atuação na sociedade como sujeito pensante e crítico.

Sobre a “utilização” da educação como ferramenta da economia da globalização, Pacheco destaca que:

> Ao eleger a educação como alavanca da economia do conhecimento, a globalização, na busca de uma identidade de legitimação, institui a lógica da competitividade na base do pressuposto de que o mundo pode se tornar uma imensa planície, fazendo com que a educação deixe em segundo plano sua missão de formação pública e cívica. (Pacheco, 2009, p. 397)

Por sua vez, o ensino da música emerge como potente ferramenta de desconstrução de um conceito de globalização voltado para uma padronização dos seres humanos, que desconsidera aspectos relevantes como gostos pessoais,

reconhecimento das diferenças entre indivíduos de uma sociedade e distintas manifestações culturais dentre os sujeitos.

A desconstrução desses paradigmas vai ao encontro da subjetivação por meio de um currículo que busca a compreensão de que é possível praticar uma "experiência emancipatória" por meio do conhecimento e que é possível aprender por meio de "continuidades e descontinuidades" (Corazza, 2010), ou seja, de forma a despertar o pensamento crítico, que acompanha o estudante não somente na área acadêmica, mas na vida em sociedade.

Em paralelo, o estudo da música possui a sua contribuição na subjetivação que "trabalha" para o projeto de memória da cidade de São Bento do Sul. As construções, o patrimônio cultural e o epíteto fazem parte dos "conteúdos" presentes no currículo que está fora da educação formal, ou seja, aquele que é unicamente experienciado pelo estudante e pelo cidadão no cotidiano urbano. Por outro lado, é oportunizado a esse discente que participe do círculo ao qual se vê inserido quando contempla e é absorvido pelos "signos da cidade" (Jeudy, 2005)

Tanto quando é realizado de forma intencional, por meio dos incentivos financeiros do município, bem como quando ocorre pelo simples gosto do sujeito pela música, o currículo é *locus* para a formação da subjetividade, e esta vem ao encontro da contribuição para que mantenha-se o título de "Cidade-Música" para São Bento do Sul.

O convívio com a música é parte da proposta de discurso de memória, mesmo que, como já enfatizado, não ocorra sempre de forma intencional. Em linhas gerais, o primeiro ponto a se considerar é a grande abrangência de estilos musicais e, na atualidade, a facilidade que se tem de acessar a música, seja por gravação ou apresentações ao vivo. O professor Antonio Fagundes em sua entrevista, enfatiza as características que observa sobre a música no cotidiano da cidade, bem como a relação entre esse cotidiano e o epíteto ("slogan") da cidade:

> Eu vejo ela muito presente, Jonatan. Eu vejo a música muito presente no cotidiano, na vida das pessoas né. Eu vou dar um exemplo assim: além de professor a gente sai trabalhar, fazer manutenção de residenciais e toda casa que você chega você tem um radinho ligado (risos) né. Então eu tenho equipe que trabalha nas obras aí e tu chega lá na obra eles tão com o radinho ligado, hoje com o celular ligado, tocando música né. Então de uma forma ou de outra música tá sempre presente, seja você tocando um instrumento, seja você escutando uma rádio, ou você tem a tua música baixada no celular ou outro aparelho. Você pode ver, ou passou um carro, tem um carro tocando música, às vezes exagerado! Se você observar no

> final de semana, no sábado de tarde de sol, você escuta todos os estilos musicais numa tarde né. Um vizinho tocando ali, outro tocando aqui, mas numa situação gostosa até de se escutar né. Então eu vejo aqui a música muito presente dentro, de uma forma ou de outra ela está presente né, seja nos eventos na cidade, apresentações de orquestra, seja as pessoas escutando, seja praticando… é Jonatan, vai fazendo jus ao slogan! (Risos). (Fagundes, Santos, 2023)

Ao considerar essa grande variedade no universo musical, o papel do professor se expande para além do próprio ensinar tecnicamente, chegando ao ponto de ter a responsabilidade de mostrar para o discente que existem várias e distintas opções de estilo musical que podem ser apreciadas por ele e, ao mesmo tempo, destacando a importância de, num universo tão variado, serem respeitadas e compreendidas as escolhas distintas que outros colegas podem fazer sobre estilos musicais:

> Então a minha relação, o professor Antonio, essa relação da música eu até posso dizer: no início disse que ela é estreita né, mas ela vai se amplificando né porque você tem que se preparar, você tem que pesquisar: ah eu tô num grupo de 20 crianças, não posso chegar e só tocar rock porque nem todos gostam de rock, então tem que tem um rock, você tem que ter um gospel no meio, você tem que ter uma bossa nova, puxar um pouquinho pro samba, uma marchinha é… não pra agradar as crianças, mas para incentivar ela a buscar a música que vai se adequar com a pessoa. (Fagundes, Santos, 2023)

Dentro de um universo de heterogeneidade, pode-se questionar a respeito de como é possível buscar uma fuga para essa globalização e homogeneização que é freneticamente buscada pelo mundo atual, que tenta utilizar para este fim a educação. Nesse ponto, Corazza (2010) sugere o que chama de pós-currículo, ou seja, um currículo que perpassa as teorias “antigas” bem como pode exercer potencial na subjetividade, uma vez que é considerado como exercível em todos os locais que subjetivam.

Torna-se mais fácil compreender a relevância de um pós-currículo da diferença, ou seja, aqueles currículos que “entendem” a subjetivação dos corpos, quando se compreende o que propriamente se entende por subjetividade qual de fato a sua relação com o ser humano:

> Se articularmos a discussão sobre a temporalidade histórica presente no percurso foucaultiano com o argumento que estamos desenvolvendo, pode-se afirmar, com certa convicção, que uma subjetividade é a expressão do que em nós, em nosso núcleo de subjetividade, se relaciona com as coisas, com o mundo, por isso envolve uma relação com o tempo. Em

> função desse aspecto vital, é que podemos definir de forma apropriada o problema da subjetividade em Foucault. Dizer que a subjetividade articula-se com o tempo é, sem dúvida, uma maneira de abandonar a idéia de uma subjetividade imóvel em sua fluidez, como o ego cartesiano ou a idéia de uma subjetividade vinculada a um inconsciente onde a temporalidade está articulada a uma estrutura pulsional mais ou menos invariante, como supunha Freud.
> Além disso, o elo entre subjetividade e tempo, de modo mais radical, é uma forma de dizer que o sujeito é corpo, que a subjetividade é algo que acontece num corpo e dele não se desvincula. De fato, se a subjetividade é, como definimos acima, uma expressão de nossa relação com as coisas, através da história, então, o modo mais imediato pelo qual essa relação se expressa é o corpo, entendido não apenas como corpo orgânico, mas também como o corpo construído pelas relações com as coisas que encontra durante sua existência. (Cardoso Jr., 2005, p. 345)

O elo entre a subjetividade e a relação do sujeito com as coisas através da história, conforme Cardoso Jr. (2005) escreve, possibilita evidenciar o motivo pelo qual se deve problematizar a formação da subjetividade. Considerando os distintos contatos com inúmeras “coisas” que o ser humano pode ter ao longo da história, há a possibilidade de que sejam formadas tanto subjetividades positivas, como negativas.

A apropriação das experiências vividas pelo indivíduo acaba, portanto, contribuindo para a formação de suas características que, por sua vez, também são influenciadoras de subjetividades de outros sujeitos. O ambiente escolar, nesse sentido, possui parcela importante no processo de contato do sujeito com uma vivência em sociedade, uma vez que é neste lugar que, muitas vezes, a criança ou o adolescente vai se encontrar com manifestações culturais diferentes da sua, bem como distintas crenças religiosas, classes sociais, gostos pessoais, regras de convivência e, logicamente, distintos gostos musicais.

No contexto da amálgama que forma a instituição de ensino, volta-se novamente o olhar para o ensino da música, no que tange, neste momento, o contato do sujeito estudante com as coisas que possuem potencial formador de sua subjetividade. Forquin (1993) traz uma problemática pertinente sobre a música e seu ensino ao discorrer sobre os autores como Graham Vulliamy e Geoff Whitty, que pode servir de exemplo para a problematização que se busca a fazer a respeito de seu ensino.

É destacado que, num estudo feito em escolas na Grã-Bretanha, as músicas clássicas e eruditas europeias eram sempre inseridas no contexto do currículo escolar, em detrimento das músicas advindas da cultura *pop* ou até mesmo do

rock'n'roll, tendo em vista a diferença de ritmo, execução, instrumentos… que, segundo Vulliamy, deveria pelo simples fato de fazer parte do cotidiano dos estudantes, estar inserida no currículo escolar.

Forquin (1993) entretanto critica esta afirmação, chamando a atenção para o cuidado de não se cometer um etnocentrismo "às avessas", ou seja, a exclusão de uma prática já adotada pelas escolas por outra com a justificativa de esta apenas "existir" seria também colocar uma manifestação cultural sobreposta a outra. Essa linha tênue nos remete a discussão iniciada no primeiro capítulo desta dissertação, ao se perceber as manifestações culturais musicais oriundas das "heranças" dos imigrantes de São Bento do Sul, constantemente manifestadas nos eventos da cidade e dessa forma questionar: de que forma é possível fomentar que as culturas musicais não se sobreponham umas às outras?

A escola surge novamente, nesse ponto, como aliada para responder a esse questionamento, e o estudo da música na educação básica pode contribuir, tanto para a percepção da diferença e o respeito aos diferentes estilos, ritmos e manifestações, como o próprio despertar de subjetividades alegres, que contribuam na formação humana do indivíduo. Quando Antonio Fagundes destacou a alegria que a música proporciona, a resolução de problemas pedagógicos, emocionais, o contato com outras pessoas, outras crenças, outros jeitos de ser, podemos estreitar a afirmação de que o ensino da música vai ao encontro do que Corazza (2010) propõe, sobre os currículos que libertem "subjetividades alegres". A autora acredita no poder discursivo de um currículo, portanto, convida para o pós-currículo da diferença:

> Por tudo isso, um pós-currículo da diferença é potente para fornecer outros pensamentos, sonhos, emoções, humanidades diferentes. Que tenhamos coragem, força e vontade ética para assumir os riscos e errâncias da produção de vários currículos da diferença. Currículos sem dogmas e sem certezas, que avançam abertos ao futuro como advento da justiça. Avançam, em seu trabalho em processo, em suas estradas em andamento, em seus mares a fluírem. Currículos nos quais todos os diferentes que trabalhamos, caminhamos, navegamos, possamos, então, viver neles com mais singularidade e leveza, liberdade e beleza, dignidade e alegria (Corazza, 2010, p 111, 112)

O convite feito pela autora, em consonância com a experiência docente retratada na entrevista com o professor Antonio, são evidências de que os recursos dispensados pelo poder público, bem como por outros órgãos, como as APP's das

escolas, por exemplo, significam um investimento que reverbera tanto na própria cultura do município, como no próprio caminhar da educação na busca por um currículo da diferença por meio da música, mesmo que isso se dê, muitas vezes, de forma não intencional. Dessa forma, é possível apontar, nas políticas da cidade pelos investimentos e nas falas de professores, uma crença no currículo como construtor de futuros e, portanto, se investe na educação de memórias e ações por meio das práticas musicais.

Destacamos, portanto, que a música não é em si mesma detentora de uma perspectiva tradicional ou crítica, ou pós-crítica, mas, como uma linguagem potente que atravessa os tempos, comunica expressões humanas e faz-se uma rica produção cultural. Ela agencia memórias e se torna ferramenta tanto de manutenção de *status quo*, quanto de rupturas de novas criações e possibilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalização desta dissertação, foi possível elencar considerações sobre como os discursos identitários exercem uma forte influência e, por sua vez, são influenciados por fatores associados tanto ao poder do Estado, que dita aquilo que deve ou não ser considerado como válido e passível de ser reconhecido como uma característica de um local, como da própria memória das pessoas que são membros de uma sociedade, em meio a problemática sobre o quê de fato lhes representa.

Analisar especificamente o caso de São Bento do Sul tornou possível, além da discussão sobre epítetos, discursos, identidade e memória, adentrar ao campo da música e da educação. Foi essencial para conclusão exitosa desse trabalho, realizar uma pesquisa bibliográfica inicial, para pautar discussões teóricas sobre patrimônio, memória, identidade e sobre a própria história de São Bento do Sul.

Da mesma forma, foi de suma relevância realizar a interpretação de narrativas orais, que por sua vez, evidenciaram as impressões dos entrevistados sobre o tema, forneceram recortes temporais e subsidiaram discussões sobre assuntos pertinentes como currículo, educação e música, pormenores da história de São Bento do Sul e logicamente, forneceram a base para discutir a problemática envolta no objetivo principal do trabalho: “problematizar de que forma a memória coletiva forjada para o município de São Bento do Sul, relacionada a música, impacta na proposta educativa de memória na cidade e na vida cotidiana dos músicos.

Com a pesquisa bibliográfica evidenciamos o papel de uma suposta tradição, uma memória coletiva que se destaca na fachada da rodoviária municipal, onde é flagrado o epíteto que é discutido ao longo do trabalho. Por sua vez, a investigação decorrente da problemática do surgimento e continuidade da utilização do epíteto, revelou um discurso de que o estilo considerado “tradicional", em especial as músicas de origem germânica, teriam a maior parcela de significância no “merecimento” do título da cidade, premissa esta que, mais adiante, verificou-se como insuficiente para a sustentação discursiva identitária do local.

Isso se deve ao fato de que os discursos patrimoniais, bem como os discursos identitários, necessitam de uma constante reafirmação, sendo, do contrário, fadados à efemeridade. Essa afirmação identitária do título de

“Cidade-Música” para São Bento do Sul encaixa-se na necessidade de aceitação, com vistas a assegurar sua perpetuação ao longo dos anos e, com isso, buscou-se realizar um estudo de como o patrimônio cultural da cidade refletia nessa atribuição do seu epíteto e tentativa de sustentar o título da cidade.

A bibliografia subsidiou um prévio conhecimento para ser realizado o “andar pela cidade”, tal qual o *flâneur* descrito por Benjamin (1994), como forma de verificar os pontos consagrados à música em São Bento do Sul. O passeio feito inicialmente despretensiosamente, resultou em roteiro que, para melhor compreensão do leitor, foi esquematizado e esmiuçado o longo de praticamente todo um capítulo, com vistas a trazer à tona o patrimônio cultural da cidade e seu discurso sobre a música, explanar de forma crítica a relação entre o patrimônio e a história oficial e ainda, demonstrar que é possível verificar a existência de um potencial discursivo de uma memória coletiva sobre a música até mesmo em locais onde, normalmente, não seriam procurados, tal qual foi o caso das lápides no Cemitério Municipal, ou do painel na Câmara de Vereadores.

A bibliografia também possibilitou a descoberta de inúmeras tentativas de promoção da cidade e seu “potencial musical” para além de seus limites territoriais, bem como forneceu várias informações de “justificativas” para a atribuição do título, que vão desde a quantidade de músicos na cidade à produção de instrumentos de forma artesanal no município. Outro ponto trabalhado por meio dessa metodologia foi o auxílio na percepção de como a alcunha “Cidade-Música” foi sendo utilizada ao longo dos anos, variando algumas vezes em sua grafia, sendo registrada, por exemplo, por meio de legislação, livros, a própria pintura na fachada do terminal rodoviário e reportagens de jornais.

A metodologia de história oral, por seu turno, contribuiu para o estudo dos interstícios da história oficial, para determinar recortes temporais e tornou possível a percepção do sentimento e da experiência dos entrevistados, frente ao contexto da pesquisa. Alguns aspectos evidenciados por meio das narrativas orais foram, por exemplo, a introdução de novos estilos musicais e novos gêneros ao longo do tempo, motivados pela ascensão econômica proveniente do crescimento do ramo moveleiro da cidade, o que fomentou uma maior diversidade musical; o estudo da música como um suposto “*status*” na cidade; a definição de um período no qual supostamente teria surgido o epíteto “Cidade-Música” e a música e sua relação com a educação.

O estudo do currículo e da subjetividade foi relevante para se pensar de que forma a educação e a música seriam estudadas no decorrer do trabalho. Percebemos que, o estudo do currículo e da subjetividade foi relevante para notar a articulação entre os processos de subjetivação que existem nas ações educativas, mas também no que transborda pela cidade. As bandas marciais se mostraram a expressão desse transbordamento curricular, algo que nasce nas escolas e comunidades, mas sai das unidades educacionais, se espalha nas apresentações e se articula com outros espaços da cidade, como aqueles trabalhados no primeiro capítulo.

Percebemos que a memória coletiva a que falou Candau (2011) , aquela que possui ancoragem em narrativas do grupo, é também comunicada sistematicamente para fins de manutenção de uma identidade para a cidade. Com todas as fragilidades e a impossibilidade que o autor aponta para afirmar uma "identidade coletiva", São Bento do Sul se esforça para tornar a identificação coletiva dos seus munícipes mais do que apenas uma identificação, mas parte subjetivada nos corpos, por meio do discurso da memória coletiva.

Isso se deve ao fato de que, diferente de se pensar numa influência do epíteto por vias “tradicionais”, ou seja, de conjuntos e bandas, ou orquestras e corais, as bandas marciais das escolas se inserem no contexto educacional como uma atividade que vem ao encontro do aprender o instrumento e a prática musical, associado ao contexto escolar, que possui relação com a interdisciplinaridade entre uma grade curricular comum e atividades complementares, com vistas a uma formação de caráter integral do estudante, perpassando as capacidades acadêmicas e refletindo na atuação do indivíduo em sociedade.

No estudo da educação, Corazza (2010) ao escrever sobre o que denomina como “currículo da diferença”, nos auxiliou a concluir que a presença da música na educação pode resultar no despertar de “subjetividades alegres”, ou seja, ocorre o que a autora chama de um currículo praticável, ou exercível, em locais que favorecem a subjetivação, o que pode ser realizado tanto na escola como no convívio social. Mas ainda foi preciso um pouco mais de aprofundamento para podermos de fato concluir que o papel das bandas marciais nas unidades escolares poderia ser determinante, tanto para a retroalimentação do epíteto, como para o despertar das subjetividades.

Foi por meio das narrativas orais que foi possível adentrar mais a fundo no cotidiano da música na escola e na própria educação e dessa forma, percebemos o quão potente a atuação das bandas marciais poderia ser, no sentido de uma manutenção do epíteto da cidade, assim como também poderiam ser motivadas por esse mesmo epíteto, tornando possível, desse modo: o aumento do número de bandas, a elaboração de políticas públicas para a educação e música na cidade e ainda, tendo como "bônus", a proximidade dos estudantes aos benefícios oriundos da prática musical, os quais, segundo também as narrativas orais interpretadas neste trabalho, perpassam o desenvolvimento pedagógico e cognitivo, adentrando ao próprio favorecimento de um bom convívio em sociedade.

O destaque para a educação e a música, principalmente para o papel das bandas marciais das escolas municipais é muito pouco lembrado na bibliografia de livros e jornais dos anos 1980, 1990 e 2000, sendo que as unidades escolares e seus grupos musicais obtêm maior destaque apenas recentemente, apesar de ser perceptível que esses grupos escolares sejam responsáveis significativos, mesmo que por vezes indiretamente, da divulgação da imagem de São Bento do Sul como "Cidade-Música" para outros locais.

Logicamente, foram verificadas algumas dificuldades ao longo da pesquisa. A primeira delas trata-se de não ter sido possível precisar a data da pintura da frase na fachada do terminal rodoviário, apesar das inúmeras consultas ao material do Arquivo Histórico Municipal, dentre outras fontes. Como forma de sanar esse problema, utilizamos o recorte temporal do final da década de 1980 e início da década de 1990 como o período em que a pintura ocorreu e aproveitamos esse conhecimento para elencar as formas que a alcunha se manifestou nesses anos para além da frase da fachada do terminal.

Outro impasse também foi o próprio estudo das manifestações musicais ditas tradicionais da cidade e o olhar crítico frente à história oficial, ou seja, de forma a lembrar que a evidenciação do patrimônio é feita num ambiente de luta e embates entre diferentes sujeitos, classes e pontos de vista, sem, no entanto, desconsiderar o que foi produzido pelos imigrantes europeus.

A criticidade da abordagem enfoca uma percepção de outros pontos de vista e de uma perceptível diversidade cultural que busca seu espaço, sendo que os pontos problematizados neste trabalho não evocaram posicionar uma manifestação cultural em detrimento de outra, mas sim estabelecer uma forma de percepção de

distintos aspectos que podem ser contributivos para o fomento do epíteto, tal qual o papel da educação por meio das bandas marciais escolares, por exemplo.

Em suma, ao buscar saber a forma como a memória coletiva forjada para São Bento do Sul impacta na proposta educativa de memória e na vida cotidiana dos músicos, concluímos que a educação de São Bento do Sul tem em suas bandas marciais e em seus projetos com a música, um forte aliado para avançar nas questões pedagógicas, para a formação de forma integral dos educandos, contribuindo para a construção de subjetividades positivas e, em contrapartida, motivando a perenização do epíteto da “Cidade-Música” que, pela representação de suas bandas escolares, pode obter destaque em caráter mais amplo, perpassando ainda mais as fronteiras da cidade.

Enfatizamos ainda que, ao realizar esse estudo e concluir esse trabalho, nos deparamos com outras possibilidades de abordagem, que são aqui elencadas como sugestões para trabalhos futuros, sendo algumas delas: o estudo aprofundado do momento em que de fato a pintura da fachada da rodoviária ocorreu e o estudo da atuação das bandas marciais das escolas municipais, considerando seus históricos e o relato por meio de interpretação de narrativas dos próprios alunos, das suas percepções enquanto jovens músicos e de que forma a música na escola os impacta.

Com a conclusão desse trabalho e baseando-se nas percepções advindas das considerações finais aqui elencadas, almejamos que esta dissertação possa subsidiar políticas públicas educacionais e culturais com o tema música e educação, e objetivamos com isso que, num futuro próximo, venha a contribuir para que as propostas e conclusões aqui descritas possam resultar em subsídios para ações destinadas ao êxito no melhoramento constante da educação municipal de São Bento do Sul, com base em propostas culturais e de memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentos consultados no Arquivo Histórico Municipal:

SÃO BENTO DO SUL (Município). **Boletim Oficial.** São Bento do Sul - SC, julho de 1985.

SÃO BENTO DO SUL (Município). **Boletim Oficial.** São Bento do Sul - SC, agosto de 1985.

SÃO BENTO DO SUL (Município). **Boletim Oficial.** São Bento do Sul - SC, setembro de 1985.

SÃO BENTO DO SUL (Município). **Boletim Municipal Administração 93/96.** São Bento do Sul - SC, janeiro de 1997.

Entrevistas:

FAGUNDES, Antonio. Entrevista concedida em 8 nov. 2023

MAFRA, Antonio Dias. Entrevista concedida em 10 jan. 2023

MALEWSCHIK MAFRA, Liane. Entrevista concedida em 17 jan. 2023

TERRES, Josias. Entrevista concedida em 19 jan. 2023

Legislação:

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em 18 nov. 2023.

BRASIL. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. . Brasília, DF, Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm. Acesso em: 04 dez. 2023.

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (Município). Resolução nº 0121, de 01 de novembro de 2023. **Aprova a Matriz Curricular da Escola Integral da Rede Municipal de Ensino**. São Bento do Sul, SC.

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (Município). Parecer nº 005/2023, de 01 de novembro de 2023. **Alteração da Matriz Curricular da Escola Integral, A Partir do Ano Letivo de 2024**. São Bento do Sul, SC.

SÃO BENTO DO SUL (Município). Lei nº 174, de 27 de agosto de 1969. **Institui novo brasão de armas e bandeira do município de São Bento do Sul.**. São Bento do Sul, SC, Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/a/sc/s/sao-bento-do-sul/lei-ordinaria/1969/18/174/lei-ordinaria-n-174-1969-institui-novo-brasao-de-armas-e-bandeira-do-municipio-de-sao-bento-do-sul>. Acesso em: 26 fev. 2023.

SÃO BENTO DO SUL (Município). Lei nº 3590, de 26 de outubro de 2015. **Dispõe sobre a criação e denominação do Centro Histórico Cultural Estação Ferroviária Osmar Alvim Mallon.** São Bento do Sul, SC, Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/s/sao-bento-do-sul/lei-ordinaria/2015/359/3590/lei-ordinaria-n-3590-2015-dispoe-sobre-a-criacao-e-denominacao-do-centro-historico-cultural-estacao-ferroviaria-osmar-alvim-mallon?q=ferro> Acesso em 11 jun. 2023

SÃO BENTO DO SUL (Município). Lei nº 3941, de 30 de agosto de 2018. **Dispõe sobre a criação do Museu da Música Maestro Pedro Machado de Bitencourt e dá outras providências.** São Bento do Sul, SC, Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/s/sao-bento-do-sul/lei-ordinaria/2018/395/3941/lei-ordinaria-n-3941-2018-dispoe-sobre-a-criacao-do-museu-da-musica-maestro-pedro-machado-de-bitencourt-e-da-outras-providencias?q=musica> Acesso em 11 jun. 2023

SÃO BENTO DO SUL (Município). Lei nº 4.305, de 16 de setembro de 2020. **Denomina de "Jardim dos imigrantes", praça do município.** São Bento do Sul, SC, Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/s/sao-bento-do-sul/lei-ordinaria/2020/431/4305/lei-ordinaria-n-4305-2020-denomina-de-jardim-dos-imigrantes-praca-do-municipio?q=pra%C3%A7a>. Acesso em 4 jun. 2023

SÃO BENTO DO SUL (Município). Lei nº 4.668, de 14 de outubro de 2022. **Denomina Maestro Affonso Treml - Xerife o coreto da Praça Jardim dos Imigrantes.** São Bento do Sul, SC, Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/s/sao-bento-do-sul/lei-ordinaria/2022/467/4668/lei-ordinaria-n-4668-2022-denomina-maestro-affonso-treml-xerife-o-coreto-da-praca-jardim-dos-imigrantes?q=pra%C3%A7a> Acesso em 4 jun. 2023

SÃO BENTO DO SUL (Município). Lei nº 4.956, de 8 de fevereiro de 2024. **Institui e regulamenta o ensino integral na rede municipal de ensino de São Bento do Sul.** São Bento do Sul, SC, Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/s/sao-bento-do-sul/lei-ordinaria/2024/496/4956/lei-ordinaria-n-4956-2024-institui-e-regulamenta-o-ensino-integral-na-rede-municipal-de-ensino-de-sao-bento-do-sul?q=integral> Acesso em 25 out. 2024

<u>Letras de músicas:</u>

ALMEIDA, Ana Luisa Soares de; AZEVEDO, Alexandre Marcos Carvalho De; / VERCOSA, Daniela Mercuri De Almeida. Cidade da Música. *In* MERCURY, Daniela. **Perfume.** 2020

BERTUSSI, Adelar; BERTUSSI Honeyde. São Francisco é Terra Boa. *In*: BERTUSSI, Irmãos. **Coração Gaúcho.** 1955.

Livros, revistas e artigos:

ALMEIDA, Suenia Barbosa de. **Martinho Lutero e os usos da música:**: o passado ainda canta. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://adelpha-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/692df40f-84e1-48ab-abff-20a921f3fb59/content>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ANDERSON, Benedict Richard O.'Gorman. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Editora Companhia das Letras, 2008.

BENJAMIN, Walter. (1994). **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo.** Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 3. ed. São Paulo: Brasiliense. (Obras escolhidas III)

CANCLINI, Néstor García. O porvir do passado. In. CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008. p.159-204.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, 219p.

CARDOSO JR, Hélio Rebello. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 18, p. 343-349, 2005.

CASADEI, Eliza Bachega. Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 108, p. 153-161, 2010.

CERTEAU, Michel. Caminhadas pela cidade. *In:* _____, **A Invenção do Cotidiano:** Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: UNESP; Estação Liberdade, 2001.

CORAZZA, Sandra Mara. Diferença pura de um pós-currículo. *In:* LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizeth (Org.). **Currículo: debates contemporâneos.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

DEL-BEN, Luciana. Sobre os sentidos do ensino de música na educação básica: uma discussão a partir da Lei n 11.769/2008. **Música em perspectiva**, v. 2, n. 1, 2010.

EWALD, Werner. “... e seguindo as canções"–Cantos de diáspora de imigrantes europeus no Brasil. **Em Pauta**, v. 18, n. 30, p. 65-65, 2007.

FAÉ, Rogério. A genealogia em Foucault. **Psicologia em estudo**, v. 9, n. 3, p. 409-416, 2004.

GERALDO, Endrica. O combate contra os “quistos étnicos”: identidade, assimilação e política imigratória no Estado Novo. **Locus: revista de história**, v. 15, n. 1, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

História Falada: Memória, Rede e Mudança Social. Editor Jesus Vazquez Pereira-Intercidades Editores, Karen Worcman São Paulo: Museu da Pessoa, SESC SP 2005.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Revista Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul/dez, 2006.

HEINICH, Nathalie. A fabricação do patrimônio cultural. **Fronteiras:** revista catarinense de História. Dossiê Memória, Patrimônio e Democracia, n. 32, p. 175-186, 2018/02.

JEUDY, Henri-Pierre. Representação Simbólica das Cidades. In: _____, **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2005, p. 81-98

KORMANN, José. **São Bento do Sul.** São Bento do Sul: do autor. 1990

KORMANN, José. **São Bento do Sul e região em um ano de Jornal Evolução.** São Bento do Sul: do autor. 2000.

MAFRA, Antonio Dias. **100 anos da guerra do Contestado: desvendando a participação de São Bento do Sul.** Mafra: Editora Nitram Ltda. 2013.

MAFRA, Antonio Dias. **A história do desenvolvimento da indústria do mobiliário (Região do Alto Vale do Rio Negro: São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre).** Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Pós-Graduação, 1993.

MAFRA, Antonio Dias. **História do Poder Legislativo de São Bento do Sul.** São Bento do Sul, SC: Ed. do Autor, 201?

MAFRA, Antonio Dias. **Odenir Osni Weiss: o prefeito da Consolidação do Desenvolvimento Industrial de São Bento do Sul- SC**. 1. ed. São Bento do Sul, SC: Ed. do Autor, 2020.

MAFRA, Liane Malewschik; SILVA, Soraia Pruner da. **A importância da música na pré-escola**. 1995. 137 f. Monografia (Especialização) - Curso de Curso de Especialização em Educação Pré-Escolar, Centro de Pós-Graduação, Associação Catarinense de Ensino - Ace, Joinville, 1995.

MALSCHITZKY, Donald. **Pequenas histórias de São Bento: Memória oral de personagens de São Bento do Sul.** São Bento do Sul, SC: Oficina da Impressão, 2010.

MEIHY, José Carlos S. B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020

OLIVEIRA NETO, Wilson. **A banda Treml: cem anos de música e história.** Joinville: Letradágua, 2014.

PACHECO, José Augusto. Currículo: entre teorias e métodos. **Cadernos de pesquisa**, v. 39, p. 383-400, 2009.

PFEIFFER, Alexandre. **São Bento do Sul na Memória das Gerações.** São Bento do Sul: do autor, 1997.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores.** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PRATS, Llorenç. **Antropología y patrimonio**. Barcelona: Editorial Ariel, 1997.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem.** Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições. 2018.

ROSSBACH, Roberto Fabiano. Sociedades de canto de imigrantes alemães em Blumenau: uma contribuição para a historiografia musical de Santa Catarina. In: XIX Congresso da ANPPOM, 2009, Curitiba (PR). **Anais do XIX Congresso da ANPPOM**, 2009.

SILVA. Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SMITH, Laurajane. **Uses of heritage.** London: Routledge, 2006. [Introduction, p. 1-7].

VENERA, Raquel Als; COELHO, Ilanil; VENERA, José Isaías. Uma escolha epistemológica para os estudos do patrimônio cultural: genealogia e biopolítica. **Patrimônio e Memória**, v. 16, n. 2, p. 418-443, 2020.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena; NART, Gustavo Henrique Cardoso; DE SOUZA MEDINA, Bruna. DIÁLOGO ENTRE A TECNOLOGIA SOCIAL DA MEMÓRIA, A HISTÓRIA ORAL E A FUNÇÃO DA HISTÓRIA. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, v. 7, n. 2, p. 102-114, 2020.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.

In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

Reportagens

Capital dos Móveis: São Bento recebe o título. **A Gazeta.** São Bento do Sul, ano IX, nº 2114, capa, 25 set. 2003.

Estação Ferroviária e Museu da Música são inaugurados no bairro Serra Alta. **A Gazeta,** São Bento do Sul, 1 de outubro de 2018. Disponível em: <http://www.gazetasbs.com.br/site/noticias/estacao-ferroviaria-e-museu-da-musica-sao-inaugurados-no-bairro-serra-alta-5253> Acesso em 10 jun. 2023.

KORMANN, José. São Bento do Sul. **Evolução** - Suplemento Especial. São Bento do Sul, ano VIII, nº 399, p. 3. 19 set. 1997.

OLSEN, Layra. Reforma - Projeto propõe mudar nome da praça central para Jardim dos Imigrantes. **A Gazeta.** São Bento do Sul, 3 de setembro de 2020. Disponível em <http://www.gazetasbs.com.br/site/noticias/projeto-propoe-mudar-nome-da-praca-central-para-jardim-dos-imigrantes-8678> Acesso em 6 jun. 2023

OLSEN, Layra. Praça Central - Jardim dos Imigrantes: confira 4 razões históricas que justificam mudança. **A Gazeta.** São Bento do Sul, 4 de setembro de 2020. Disponível em <http://www.gazetasbs.com.br/site/noticias/jardim-dos-imigrantes-confira-4-razoes-historicas-que-justificam-mudanca-8683> Acesso em 6 jun. 2023.

PERES, Zuciane. Adélia Lutz vence o Sul-Brasileiro: Banda Marcial da escola levou o título no sábado, em Ponte Alta. **A Gazeta.** São Bento do Sul, 3 out. 2023

PERES, Zuciane. Banda Marcial segue para Indaial: Ao todo, 60 alunos da escola Lucia Tschoeke fazem parte. **A Gazeta.** São Bento do Sul, 27 out. 2023

PERES, Zuciane. Cidade da música - Há 69 anos gerando novos músicos. **A Gazeta.** São Bento do Sul, 31 de março de 2023, seção geral, p.10.

SCHRTKI, Jonei. Banda Marcial participa de concurso: Corporação musical tenta o título da competição sul. **A Gazeta.** São Bento do Sul, 30 set. e 1 out. 2023.

Sites:

A Escola. **Escola de Música Donaldo Ritzmann, 2023.** Disponível em <https://www.escolademusicadonaldo.com.br/sobre-nos> Acesso em 6 jun. 2023

São Bento do Sul em Dados. **Prefeitura de São Bento do Sul, 2022**. Disponível em <https://saobentodosul.atende.net/cidadao/pagina/sao-bento-do-sul-em-dados>. Acesso em 20 out. 2022

Terminal rodoviário é revitalizado. **Prefeitura de São Bento do Sul, 2022.** Disponível em <https://saobentodosul.atende.net/cidadao/noticia/terminal-rodoviario-e-revitalizado>. Acesso em 22 abr. 2024

APÊNDICE A – Roteiro Semiestruturado

Introdução

1) Para começar, você (ou o senhor/senhora) pode me dizer o seu nome completo e data e local de nascimento?
2) Na sua infância, quais foram as suas primeiras experiências com a música? Quero dizer: músicas que ouvia, instrumentos que tocava (se tocava), eventos que participava…
3) Quando criança/jovem, você já ouvia falar que São Bento do Sul é a “Cidade da música”?

Relações pessoais com a música

4) Fale sobre a sua relação com a música: frequência com que ouve, quais seus gostos, ou se ainda tem por hobby tocar algum instrumento musical.
5) Muitas vezes, as nossas lembranças ao longo da vida estão relacionadas com a música. Como você vê essa questão?
6) Se você tem alguma lembrança relacionada com a música, poderia relatar?

Sobre a música no município

7) Moramos em uma cidade que diz que tem a música como tradição, certo? Minha pesquisa fala sobre essa tradição, uma espécie de memória coletiva da cidade. O que você sabe sobre essa tradição da cidade com a música?
8) Quando entramos na cidade, chama a atenção, na fachada da rodoviária, a frase: Bem-vindo a São Bento do Sul, a terra dos móveis, da música e do folclore. Desde quando você lembra de São Bento do Sul ser chamada de a “terra da música”?
9) Sobre esse título de cidade da música, de onde você acha que isso se originou?
10) Você considera que São Bento do Sul hoje possui uma manifestação musical multicultural?

11) Você considera relevante que o tema “música na Educação” esteja presente nas escolas públicas de São Bento do Sul? Se sim, como você vê o papel das bandas marciais das escolas municipais na educação relacionada à memória coletiva sobre a música em São Bento do Sul?
12) E no cotidiano da vida da cidade? Como você vê a música presente no dia-a-dia dos cidadãos?

Finalização

13) O que você achou de participar dessa entrevista e compartilhar um pouco das suas experiências?
14) Tem mais alguma coisa que você gostaria de narrar?
15) Poderia por favor expressar a autorização de uso da entrevista?

Em caso de aparecer entrevistados professores de música

16) Trabalhar com a música em uma cidade que possui uma memória coletiva relacionada a isso, é diferente de trabalhar em um local onde essa cultura não é tão presente? O que muda?
17) Como você considera o incentivo à música na cidade com relação à educação básica?
18) Quando alguém executa uma música ou estuda música, essa pessoa acaba tendo que exercitar várias tarefas para que o som resulte saia de forma agradável, não é? Quais são os aspectos que o estudo da música exercita e desenvolve no aluno?
19) Você percebe alguma diferença nas relações pessoais e/ou no rendimento escolar dos alunos que participam das oficinas que envolvem música?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa desenvolvida por Jonatan Gomes dos Santos, mestrando no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Patrimônio Cultural e Sociedade, que tem por título "Qual a memória coletiva para São Bento do Sul?", tendo como co-responsável pela pesquisa Prof. ª Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera. A História narrada por você será fundamental para a elaboração de uma rede de histórias semelhantes à sua, que serão de grande relevância para o alcance dos objetivos propostos. O objetivo geral da pesquisa é "problematizar de que forma a memória coletiva forjada para o município de São Bento do Sul, relacionada a música, impacta na proposta educativa de memória na cidade e na vida cotidiana dos músicos", tendo como objetivo específico para a metodologia de história oral "promover e interpretar narrativas de pessoas engajadas nas mais variadas esferas que podem compreender a memória coletiva associada à música em São Bento do Sul." Uma vez aceito o convite para a participação voluntária na pesquisa, você responderá perguntas a respeito da sua relação com a memória musical de São Bento do Sul, bem como a respeito de patrimônio e música na cidade. Sua história será muito importante para compor esse acervo de histórias que ficará *on line* no Laboratório de História Oral (LHO), da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Os materiais gerados no ato de entrevista serão disponibilizados à livre consulta nos endereços dessa instituição para fins de pesquisa acadêmica e cultural. Você terá a liberdade de se recusar a responder perguntas que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza e, também, poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, bem como, caso seja do seu interesse e, mencionado ao pesquisador, terá livre acesso aos resultados do estudo. Você terá direitos a busca de indenização por quaisquer danos causados. Destacamos que a sua participação nesta pesquisa é opcional e os riscos são praticamente inexistentes. Em caso de recusa ou de desistência em qualquer fase da pesquisa, você não será penalizada/o de forma alguma. A sua participação constituirá de suma importância para o cumprimento do objetivo da pesquisa e os benefícios serão de âmbito reflexivo da organização de lembranças e transformação em fontes articuladas de memórias. Você será esclarecida/o sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar e trataremos da sua identidade com padrões profissionais, ou seja, você será sempre ouvido. As entrevistas serão gravadas em áudio e vídeo e posteriormente transcritas parcialmente, observando as orientações técnicas do método da História Oral. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito, oralmente ou ainda em forma audiovisual em congressos, periódicos científicos e eventos promovidos nas áreas de ciências humanas e sociais ou ainda em atividades culturais. Em caso de dúvida, você poderá procurar o pesquisador responsável por esta pesquisa, Jonatan Gomes dos Santos, pelo telefone (47) 9 9636-7551 ou pelo e-mail jonatangdossantos@gmail.com, bem como a pesquisadora co-responsável Raquel ALS Venera, pelo telefone (47) 996130713. Se preferir, você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), pelo telefone: (47) 3461-9235 ou no endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Bloco B, sala 17. Após ser esclarecido sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua, outra ficará sob a guarda do pesquisador responsável.

CONSENTIMENTO

Eu, _____, acredito ter sido suficientemente informada/o e concordo em participar como voluntária/o da pesquisa descrita acima.

São Bento do Sul, ____ de _____ de 2022

_____
Participante

_____
Pesquisador Jonatan Gomes dos Santos

_____
Pesquisadora Raquel ALS Venera

APÊNDICE C – Autorização para Uso de Imagem

Eu, _____ abaixo assinado(a), autorizo nos termos da Constituição da República Federativa do Brasil, no seu capítulo X, art. 5, à Universidade da Região de Joinville, UNIVILLE, a utilizar minha imagem e/ou voz, diante da aprovação do material apresentado, em qualquer mídia eletrônica, falada ou impressa, bem como autorizar o uso de nome, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será para fins da pesquisa **"Qual a memória coletiva para São Bento do Sul?"**, cujo objetivo geral é "problematizar de que forma a memória coletiva forjada para o município de São Bento do Sul, relacionada a música, impacta na proposta educativa de memória na cidade e na vida cotidiana dos músicos".

Assinatura: _____

_____, _____ de _____ de 20____.

APÊNDICE D – Ficha Cadastral do/a entrevistado/a

DADOS PESSOAIS
Nome da/o entrevistada/o:
Número da entrevista: (1°, 2°... ordem da entrevista no projeto)
Endereço: Bairro: Cidade: Estado:
Telefone:
E-mail:
Data de nascimento: __/__/____
Cidade de nascimento: Estado:
DADOS PROFISSIONAIS
Atividade atual: (informar se é aposentado)
Se aposentado, última instituição que trabalhou:
SOBRE A ENTREVISTA
Nome da/o entrevistada/o
Nome das/os entrevistadoras/es
Data da entrevista: (se houve mais que 1 encontro registrar todas as datas)
Entrevista foi: ( ) presencial ( ) remota Suporte: ( ) áudio ( ) vídeo ( ) videoconferência
Se foi presencial, indicar Local: Equipamentos utilizados:
Se foi remota indicar os recursos tecnológicos utilizados durante a entrevista (plataformas, software, contatos pelo telefone, WhatsApp, entre outros):
Registre o contexto da entrevista, como ela foi combinada, como estava a local e outros dados que possam contribuir com informações complementares a fonte:
Resumo do depoimento: (descreva uma ementa que facilite a organização do acervo e suas palavras chaves)

APÊNDICE E – Registro de Fotografias

Nome da/o entrevistada/o:	
Número: (indicações do item 2.4 do POP)	Data:
Título:	
Tipo: ( ) foto ( ) documento ( ) desenho ( ) objeto	
Local:	
Nome dos personagens (da esquerda para a direita):	
(inserir imagem)	
História da Imagem:	
Fotógrafo:	
Observações:	
Pesquisador:	
Data:	

ANEXO A - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE UNIVILLE

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Qual memória coletiva para São Bento do Sul?
Pesquisador: JONATAN GOMES DOS SANTOS
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 63777222.8.0000.5366
Instituição Proponente: FUNDACAO EDUCACIONAL DA REGIAO DE JOINVILLE - UNIVILLE
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.769.409

Apresentação do Projeto:
Conforme exposto no parecer consubstanciado nº : 5.715.186, liberado em 21/10/2022.

Objetivo da Pesquisa:
Conforme exposto no parecer consubstanciado nº : 5.715.186, liberado em 21/10/2022.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Conforme exposto no parecer consubstanciado nº : 5.715.186, liberado em 21/10/2022.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
Conforme exposto no parecer consubstanciado nº : 5.715.186, liberado em 21/10/2022.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Conforme exposto no parecer consubstanciado nº : 5.715.186, liberado em 21/10/2022, no entanto, o pesquisador apresentou a folha de rosto com as modificações solicitadas em parecer informado. O pesquisador também enviou o TCLE e este está conforme o que determina a Res. CNS 466/12.

Recomendações:
Ao finalizar a pesquisa, o (a) pesquisador (a) responsável deve enviar ao Comitê de Ética, por meio do sistema Plataforma Brasil, o Relatório Final (modelo de documento na página do CEP no sítio da Univille Universidade).

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro
Bairro: Zona Industrial **CEP:** 89.219-710
UF: SC **Município:** JOINVILLE
Telefone: (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br

Segundo a Resolução 466/12, no item

XI- DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

XI.2 - Cabe ao pesquisador:
d) Elaborar e apresentar o relatório final;

Modelo de relatório para download na página do CEP no sítio da Univille Universidade.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
O projeto "Qual memória coletiva para São Bento do Sul?", de CAAE "63777222.8.0000.5366" teve sua(s) pendência(s) esclarecida(s) pelo(a) pesquisador(a) "JONATAN GOMES DOS SANTOS", de acordo com a Resolução CNS 466/12 e complementares, portanto, encontra-se APROVADO.

Informamos que após leitura do parecer, é imprescindível a leitura do item "O Parecer do CEP" na página do Comitê no sítio da Univille, pois os procedimentos seguintes, no que se refere ao enquadramento do protocolo, estão disponíveis na página. Segue o link de acesso http://www.univille.edu.br/pt-BR/a-univille/proreitorias/prppg/setores/area-pesquisa/comite-etica-pesquisa/status-parecer/645062

Considerações Finais a critério do CEP:
Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville - Univille, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1999612.pdf	19/11/2022 23:13:21		Aceito
Outros	Carta_Resposta_CEP_Assinada.pdf	19/11/2022 23:12:36	JONATAN GOMES DOS SANTOS	Aceito
Outros	Carta_Resposta_CEP.docx	19/11/2022 23:11:54	JONATAN GOMES DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	Correcao_CEP_TCLE_Jonatan.pdf	19/11/2022 23:04:20	JONATAN GOMES DOS SANTOS	Aceito

Continuação do Parecer: 5.769.409

Ausência	Correcao_CEP_TCLE_Jonatan.pdf	19/11/2022 23:04:20	JONATAN GOMES DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_corrigida.pdf	19/11/2022 23:02:25	JONATAN GOMES DOS SANTOS	Aceito
Orçamento	Recursos_orcamento_CEP.pdf	29/09/2022 09:50:55	JONATAN GOMES DOS SANTOS	Aceito
Outros	Autorizacao_uso_de_imagem_CEP.pdf	29/09/2022 09:49:18	JONATAN GOMES DOS SANTOS	Aceito
Outros	Registros_fotografias_CEP.pdf	29/09/2022 09:47:27	JONATAN GOMES DOS SANTOS	Aceito
Outros	Ficha_cadastral_entrevistado_CEP.pdf	29/09/2022 09:46:40	JONATAN GOMES DOS SANTOS	Aceito
Outros	Roteiro_semiestruturado_CEP.pdf	29/09/2022 09:42:16	JONATAN GOMES DOS SANTOS	Aceito
Cronograma	Cronograma_CEP.pdf	29/09/2022 09:38:26	JONATAN GOMES DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_para_envio_CEP.pdf	29/09/2022 09:37:28	JONATAN GOMES DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

JOINVILLE, 22 de Novembro de 2022

Assinado por:
Marcia Luciane Lange Silveira
(Coordenador(a))

ANEXO B - Lista de escolas da Rede Municipal que possuem banda

PREFEITURA DE SÃO BENTO DO SUL
Secretaria Municipal de Educação

São Bento do Sul, 22 de dezembro de 2022.

Bandas marciais 2022

Segue para apreciação a relação de unidades educacionais contempladas com projeto de Banda Marcial no ano de 2022.

LISTA DE BANDAS	
1	BANDA CEL. OSNY VASCONCELLOS
2	BANDA EBM HERCÍLIO MALINOWSKY
3	BANDA EBM PREF. ANTONIO TREML
4	BANDA EBM BASELISSE C. R. VIRMOND
5	BANDA EBM PRES. CASTELO BRANCO
6	BANDA EBM PREF. HENRIQUE SCHWARZ
7	BANDA EBM LÚCIA TSCHOEKE
8	BANDA EBM PROF. ADÉLIA LUTZ
9	BANDA EBM RODOLFO BERTI
10	BANDA EBM DALMIR PEDRO CUBAS
11	BANDA EBM ARACY HANSEN

Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) a disponibilizar em ambiente digital institucional, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) e/ou outras bases de dados científicas, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data 28/10/2024.

1. Identificação do material bibliográfico: ( ) Tese (X) Dissertação ( ) Trabalho de Conclusão

2. Identificação da Tese ou Dissertação:
Autor: Jonatan Gomes dos Santos
Orientador: Raquel Alvarenga Sena Venera Coorientador: ——
Data de Defesa: 26/08/2024
Título: A "Terra da Música". O papel da educação no discurso de memória do município de São Bento do Sul/SC
Instituição de Defesa: Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)

3.Informação de acesso ao documento:

Pode ser liberado para publicação integral (X) Sim ( ) Não

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese, dissertação ou relatório técnico.

Jonatan G. dos Santos
Assinatura do autor

Joinville, 28 de outubro de 2024
Local/Data